

Univerzita Palackého v Olomouci
Filozofická fakulta
Katedra romanistiky – sekce portugalského jazyka



História e presença da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil

Magisterská diplomová práce

Autor: Bc. Natália Kováčová
Vedoucí práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Olomouc
2017

Univerzita Palackého v Olomouci

Filozofická fakulta

Akademický rok: 2016/2017

Obor v rámci kterého má být VŠKP vypracována: Portugalská filologie

Studijní program: Filologie

Forma: Prezenční

Obor/komb.: Anglická filologie - Portugalská filologie (AF-PO)

Podklad pro zadání DIPLOMOVÉ práce studenta

PŘEDKLÁDÁ:	ADRESA	OSOBNÍ ČÍSLO
Bc. KOVÁČOVÁ Natália	Trenčianska 83/22-18, Nová Dubnica	F140319

TÉMA ČESKY:

Historie a současnost česko-slovenské imigrace do Brazílie

TÉMA ANGLICKY:

History and Present of the Czech and Slovak Immigration to Brazil

VEDOUcí PRÁCE:

Mgr. Petra Svobodová, Ph.D. - KRP

ZÁSADY PRO VYPRACOVÁNÍ:

Cílem této práce je nejen shrnout známá fakta, ale také přinést nové informace a poznatky o komunitě. První část práce je teoretická a čerpá z knih, které se zabývají slovenskou a českou emigrací do Brazílie. Praktická část práce je výzkum a přímý kontakt se samotnými emigranty v Brazílii: především ve městech Rio de Janeiro, Sao Paulo a Porto Alegre. Zabývá se současnou situací emigrantů - důvody odchodu z jejich země, způsobem života v novém prostředí, dodržováním zvyků, zachováním identity, životem v menšině.

SEZNAM DOPORUČENÉ LITERATURY:

Barion, Isabel. "História e memória da Escola Bratislava de Cambé (1936-1948): entre a educação e a fé" in X ANPED SUL, Florianópolis: X ANPED SUL, 2014.
Barteček, Ivo. Československá kolonizace v Brazílii. Praha: Ústav pro etnografii a folkloristiku ČSAV, 1988.
Holanda, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Sao Paulo: Editora Schwartz Ltda, 2004.
Klíma, Jan. Dějiny Brazílie. Praha: Lidové noviny, 1988.
Klíma, Stanislav. Čechové a Slováci za hranicemi. Praha: J. Otto, 1925.
Levy, Maria Stella Ferreira. "O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972) in Revista de Saúde Pública da USP. Sao Paulo, 1974.
Mejstřík, Jiří. Češi ve světě - Czechs Around the World. Praha: Knižní klub, 2000.
Polišenský, Josef. Úvod do studia dějin vystěholectví do Ameriky I.: Obecné problémy dějin českého vystěholectví do Ameriky 1848-1914. Praha: Univerzita Karlova, 1992.

Podpis studenta:

Datum:

Podpis vedoucího práce: 

Datum: 27. 4. 2017

Prohlášení

Prohlašuji, že jsem magisterskou diplomovou práci na téma “História e presença da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil” vypracovala samostatně pod odborným vedením Mgr. Petry Svobodové, Ph.D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

V Olomouci dne

Podpis

Poděkování

Touto cestou by som chcela poďakovať doktorke Petre Svobodovej za jej rady a trpezlivosť pri čítaní niekoľkých verzií tejto práce predtým, než nadobudla svoju finálnu podobu.

Ďakujem mojej alma mater, Univerzite Palackého v Olomouci, ktorá mi dala skvelé vzdelanie a umožnila študijné pobyty v zahraničí.

Ďalej chcem poďakovať najlepším spolužiačkám a úžasným kamarátkam Kike a Julke, s ktorými som mala tú česť absolvovať dlhú púť štúdia na portugalistike v Olomouci. Viem, že koniec tejto cesty neznamená koniec nášho priateľstva, pretože...pivo.

V neposlednom rade by som chcela poďakovať všetkým skvelým Čechom, Slovákom a Brazílčanom, s ktorými som sa spoznala pri mojom výskume v Brazílii. Niektorí mali záujem si túto prácu prečítať, takže dúfam, že svoje rozhodnutie neoľutujú.

A úplne najviac ďakujem mojej mame, pretože bez nej by sa žiadna Brazília nekonala a pretože vždy bola nekonečným zdrojom podpory.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha orientadora, doutora Petra Svobodová pelos conselhos e pela paciência de ler várias versões do trabalho até o nascimento desta versão final.

Agradeço à minha alma mater, Universidade Palacký em Olomouc, pela boa educação e pelas oportunidades de estudar no estrangeiro.

Em seguida, quero agradecer às minhas melhores colegas do curso e grandes amigas Kika e Julka com as quais eu tive a honra de estudar no Departamento da língua portuguesa por 6 anos. Eu sei que o fim deste caminho não é o fim da nossa amizade porque...há cerveja.

Gostaria de expressar a minha gratidão a todos os tchecos, eslovacos e brasileiros que conheci durante a minha pesquisa no Brasil. Alguns deles quiseram ler este trabalho, então eu espero que não se arrependam da sua decisão.

E a pessoa que mais merece a minha gratidão é a minha mãe porque sem ela meu sonho de ir para o Brasil ficaria mesmo só um sonho e porque ela sempre foi a minha fonte infinita de apoio.

Conteúdo

1. Introdução.....	7
2. História geral da imigração para o Brasil.....	10
2.1. As três raças fundadoras – portugueses, índios, negros.....	10
2.2. Os povos invasores.....	13
2.2.1. Os franceses.....	13
2.2.2. Os espanhóis.....	14
2.2.3. Os holandeses.....	15
2.3. A situação no Brasil no século XIX.....	17
2.3.1. O conceito de <i>whitening</i>	18
2.3.2. A escravidão e a sua abolição.....	19
2.3.3. A solução “perfeita” para o Brasil.....	20
2.3.4. O negro, o mulato e a miscigenação.....	20
2.3.5. O resultado da tática brasileira.....	23
2.4. Imigração nos séculos XIX-XX.....	23
2.4.1. Modo de povoação: o Senador Vergueiro.....	24
2.4.2. Imigração controlada e subvencionada pelo país.....	25
2.4.3. Imigração italiana.....	26
2.4.4. Imigração espanhola.....	27
2.4.5. Imigração alemã.....	28
2.4.6. Imigração japonesa.....	29
2.5. Das primeiras décadas do século XX até hoje.....	30
2.5.1. Era Vargas.....	30
2.5.2. As etnias e minorias no Brasil hoje em dia.....	32
3. História da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil.....	35
3.1. Compreensão dos termos <i>tcheco</i> , <i>eslovaco</i> e <i>tchecoslovaco</i>	35
3.2. A cronologia da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil.....	36
3.2.1. O surgimento do interesse pelo Brasil entre os tchecos e eslovacos nos séculos XVI-XVIII.....	36
3.2.2. A primeira metade do século XIX.....	37
3.2.3. Da segunda metade do século XIX a 1926.....	38
3.2.4. O período de 1926 a 1937.....	41
3.2.5. O período de 1938 a 1989.....	42

3.3. As regiões.....	44
3.3.1. Centro-Oeste.....	45
3.3.2. Sudeste.....	46
3.3.3. Sul.....	47
3.4. As pessoas da origem tcheca ou eslovaca que se destacaram com sua atuação no Brasil.....	50
3.4.1. Arte.....	51
3.4.2. Política.....	53
3.4.3. Negócios.....	54
3.4.4. Ciência e educação.....	55
4. Imigração tcheca e eslovaca hoje em dia.....	58
4.1. Como mudou a imigração nas últimas décadas?.....	60
4.2. Associações.....	61
4.2.1. As associações já inexistentes.....	61
4.2.2. As associações ativas.....	62
4.2.3. A atitude à vida comunitária hoje em dia.....	64
4.3. A pesquisa entre os tchecos e eslovacos no Brasil.....	65
4.3.1. A conclusão da pesquisa.....	71
5. Descendentes dos tchecos e eslovacos no Brasil.....	72
5.1.1. Resumo da pesquisa entre os descendentes dos tchecos e eslovacos.....	75
6. Conclusão.....	76
Resumé em tcheco.....	78
Resumé em inglês.....	79
Anotação em português.....	80
Anotação em inglês.....	81
Bibliografia.....	82

1. Introdução

O Brasil é um país multicultural composto por habitantes com as raízes de várias partes do mundo e muitos trabalhos e pesquisas têm sido escritos em relação a este assunto. Caracterizar o Brasil apenas como a antiga colônia de Portugal com os descendentes dos portugueses misturados com os habitantes precedentes do território, índios, seria uma grande simplificação. Ao longo da história do Brasil, que começa oficialmente com a data de descobrimento no ano 1500, o país tornou-se o lar de vários povos.

O tema principal deste trabalho é apresentar os vestígios da presença tcheca e eslovaca no território brasileiro abrangendo a presença dos individuais tal como dos grupos imigrantes tchecos e eslovacos no país a partir do descobrimento do Brasil até hoje.

Para fornecer o contexto fatural para o tema principal, os primeiros capítulos lidam com a história e os aspectos da imigração para o Brasil em geral. Em seguida, chamaremos atenção ao fenômeno de *whitening* ou *branqueamento* promovido no Brasil a partir do XIX, porque ele também desempenhou um papel importante no processo da multiculturalização do país. Afinal, nos concentraremos no tema principal da tese que é dedicado à história da emigração e à presença dos tchecos e eslovacos no Brasil.

Em primeiros capítulos dessa parte principal vamos resumir as informações já conhecidas sobre o interesse de pessoas da origem tcheca ou eslovaca pelo Brasil a partir do século XVI, nomeando algumas figuras significativas, principalmente os jesuítas.

Depois pretendemos prestar atenção à imigração coletiva iniciada no século XIX e apresentar os fatos mais detalhados: vamos definir para que zonas se dirigiram os emigrantes tchecos e eslovacos, comentar a vida social deles: os costumes e tradições que trouxeram da sua pátria, comunidades e clubes que fundaram para se unir e manter o contato com seus compatriotas. Pretendemos cobrir todo o período a partir do século XIX até hoje e fornecer todas as informações existentes sobre o assunto. No final desta parte vamos destacar algumas pessoas da origem tcheca ou eslovaca publicamente conhecidas que atuaram no Brasil no campo de arte, política ou ciência.

Para não só repetir as informações já conhecidas, a tese pretende dedicar-se também à situação presente da emigração tcheca e eslovaca para o Brasil depois da queda do comunismo e divisão da Tchecoslováquia. Esse período é interessante por várias razões: com a alteração do regime abriram-se as fronteiras e as pessoas não tiveram que fugir ilegalmente sem deixar documentação sobre a sua viagem. Hoje em dia é muito mais fácil abandonar seu país e vivemos numa sociedade relativamente livre, sem opressão e guerras. Assim surge uma questão crucial:

porque então as pessoas abandonam a República Tcheca ou Eslováquia e escolhem o Brasil? Uma parte importante da tese é uma pesquisa baseada em entrevistas com os tchecos e eslovacos que vivem ali (principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo). Pretendemos comparar o caráter de grupos emigrantes no passado e hoje em dia em relação aos fatores externos que mudaram com tempo.

Para mapear a presença dos tchecos e eslovacos no Brasil completamente, a última grande parte principal da tese apresenta o grupo de descendentes desses emigrantes que já nasceram no Brasil. Pretendemos pesquisar como a sua origem tcheca ou eslovaca influenciou sua vida; vamos analisar e procurar as respostas para as perguntas como: Falam tcheco ou eslovaco? Qual é a relação deles à República Tcheca/Eslováquia? Sentem que a origem diferente de um dos pais influenciou a identidade deles?

Uma pergunta que pode surgir é: porque pesquisar sobre as duas nações? Como sabemos, a República Tcheca a Eslováquia e compartilham uma parte oficial da sua história comum que durou um tempo relativamente curto, entre os anos 1918-1993, com uma pausa entre 1939-1945; de qualquer maneira, esse período foi crucial devido aos acontecimentos políticos e sociais como a crise econômica, instabilidade e incerteza no período entrebélico, o Acordo de Munique e a Primeira Arbitragem de Viena que enfraqueceram a soberania da Tchecoslováquia, a Segunda Guerra Mundial, o golpe comunista e integração à União Soviética depois da guerra e os eventos relacionados a tal definição política que decidiu sobre as próximas décadas no país, como a Primavera de Praga de 1968. Justamente essas eram as razões principais para emigrar, ou seja fugir, e dessa época há material autêntico sobre os cidadãos tchecoslovacos que foram para o Brasil.

Geralmente, o Brasil não foi o único país-destino deles: ainda maior número dos tchecos e eslovacos se deslocou para os Estados Unidos da América. Por isso, é necessário mencionar que ao longo dessa tese vamos fazer comparações de certos aspectos da colonização e multiculturalização do Brasil e dos EUA. Uma razão por isso é que os dois países compartilham certas paralelas: foram descobertos mais ou menos na mesma época, colonizados pelas nações europeias e envolvidos em escravidão, da qual mais tarde surgiu a questão de negros, assim como a subsequente composição das sociedades norteamericana e brasileira.

Há vários livros e trabalhos que tratam da temática do multiculturalismo brasileiro, focando-se principalmente nos grupos mais destacados, como os espanhóis, japoneses, italianos ou alemães, que significativamente alteraram a cultura brasileira. Quando se fala dos tchecos e eslovacos, não há grande número de emigrantes e praticamente não existe nenhuma literatura em língua portuguesa que relatasse a esta problemática. Na literatura da língua tcheca ou

eslovaca já se encontram uns títulos que se interessam pela presença deles no Brasil, mas trata-se de poucas fontes que fazem parte da literatura secundária. Os livros que já existem se orientam ao passado (*Dějiny Brazílie* de Jan Klíma) ou são as narrativas ou memórias pessoais (*Vyrastal som v brazílskej Bratislave* de Ján Čičmanec). Vamos também usar as fontes dos acadêmicos e historiadores que se interessaram por este tema como Ivo Barteček, Vlastimil Klybal ou Josef Polišíenský.

Este trabalho pretende alcançar dois objetivos principais: primeiro, resumir a história da emigração tcheca e eslovaca para o Brasil a partir de todas as fontes disponíveis e segundo, chamar atenção para a situação de hoje em relação às tendências dos tchecos e eslovacos de emigrar para o Brasil, apoiando-se no mapeamento da presença deles ali e assim oferecer uma imagem completa do assunto numa tese acadêmica.

2. História geral da imigração para o Brasil

Na primeira parte do trabalho olharemos para os principais pontos históricos relacionados à chegada das várias nações para o Brasil desde o século XVI até ao século XX. Além da presença dos portugueses que ganharam o *status* de “donos” da terra, houve no território os primeiros habitantes, índios, e com tempo surgiram as tentativas de outros povos europeus, principalmente franceses e holandeses, de ocupar o Brasil, a não falar da imigração forçada da África que trouxe o terceiro elemento mais importante na formação do brasileiro, os negros.

2.1. As três raças fundadoras – portugueses, índios, negros

Na cronologia da história do Brasil segundo alguns historiadores reconhecemos a era chamada pré-cabralina que abrange os tempos antes da chegada dos portugueses, mas para o tema de nosso trabalho é bastante nos concentrar nos tempos depois de abril de 1500 quando o navegador Pedro Álvares Cabral alcançou as terras brasileiras.

Como na altura habitaram essas terras os índios, podemos dizer que, em certa forma, os portugueses foram os primeiros imigrantes. Comparando a primeira fase da imigração com a nos EUA, podemos constatar que logo no início observamos uma diferença crucial entre os portugueses e ingleses: enquanto os EUA (esta designação ainda não existia na altura mas vamos usá-la para facilitação) se tornaram um novo lar dos refugiados britânicos, puritanos, e depois também dos outros exílios da Europa que fugiram frequentemente por causa da intolerância religiosa, o Brasil se tornou um interesse principal do reino português e a maioria dos portugueses que chegaram para o Brasil não foram os degregados procurando um novo lar mas os navegantes e aventureiros buscando riquezas do país com o objetivo de as explorar e voltar para Portugal. Outro aspecto que diferencia o caráter dos primeiros imigrantes portugueses e britânicos é que enquanto para os EUA fugiram as famílias inteiras, os homens portugueses vieram sozinhos e a falta das mulheres brancas contribuiu para o início de miscigenação da qual falaremos nas linhas seguintes.

A partir de 1534 as capitânicas hereditárias foram distribuídas entre os fidalgos, militares e navegantes portugueses pelo rei João III. Esse método de povoação não pareceu muito efetivo, porque eram localizadas em distâncias muito longas entre si e faltou um sentido da verdadeira colonização em nome do reino português; como já foi dito, prevaleceu o interesse pessoal de enriquecer. No livro *Raízes do Brasil* (2004), Sérgio Buarque de Holanda distingue dois tipos

de moral – o do trabalhador e o do aventureiro – que estão em oposição e no caráter dos portugueses prevalece o segundo: “O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho.”¹ A colonização no espírito da unificação e proteção do grande território pertencente à coroa portuguesa começou mais tarde por causa da chegada dos outros povos europeus, como veremos no próximo subcapítulo.

Quanto às relações com os habitantes nativos das terras, os portugueses imaginaram que os índios iam trabalhar por eles mas houve dois grandes obstáculos: primeiro, os índios não eram apropriados para o trabalho duro, depois feito pelos negros que eram considerados muito mais fortes e resistentes, e ademais eles rejeitaram servir aos portugueses. Não é preciso dizer que por causa dessa resistência contra as ordens do colonizador muitos deles foram massacrados e maioria das tribos praticamente desapareceu porque todos os membros morreram, sendo mortos não só pelos portugueses mas também pelas doenças que os europeus trouxeram e contra as quais a imunidade indígena não conseguia lutar.

Um aspecto importante em relação ao tratamento dos indígenas pelos portugueses era a questão da fé; a divulgação da religião cristã foi oficialmente uma das razões principais para as navegações. Os famosos jesuítas como Padre Antônio Vieira ou Manuel Nóbrega passaram a maioria das suas vidas educando os índios que se entregaram à vontade portuguesa. Nóbrega publicou o seu ensaio *Diálogo sobre a conversão do gentio* (1557) onde tenta explicar que os índios são iguais aos brancos nos olhos de Deus e também têm almas, mas são predestinados para a posição inferior porque são descendentes do Cam.² Segundo a Bíblia, Cam descobriu seu pai Noé bêbado e nu, o que o envergonhou e aquele amaldiçoou o filho de Cam, Canaã e os seus descendentes para sempre ter a posição inferior aos descendentes dos outros filhos de Noé, Sam e Jafete; Noé disse: “maldito seja Canaã; servo dos servos será de seus irmãos.”³ Essa explicação poderia ter servido para justificar a escravidão dos índios e mais tarde do negros. Falando da escravidão e da maneira como os colonizadores tratavam os índios, podemos dizer que a atitude no Brasil e nos EUA foi muito parecida: eles eram expulsos das zonas litorais e empurrados mais para o interior, forçados a conversão e expostos à tentativa de ser “civilizados”.

Quanto ao terceiro grupo considerado fundamental na criação do *brasileiro*, os negros, não se pode falar da colonização em sentido da chegada com o objetivo de cultivar a terra

¹ Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* (São Paulo: Editora Schwarcz, Ltda., 2004), p. 49.

² Manuel Nóbrega, „Diálogo sobre a conversão do gentio“ (São Paulo: MetaLibri, 2006), p. 11. Disponível em http://www.ibiblio.org/ml/libri/n/NobregaM_ConversaoGentio_p.pdf (acessado em 27.4.2017).

³ <http://bibliaportugues.com/jfa/genesis/9.htm> (acessado em 27.4.2017).

e espalhar a sua cultura porque os negros não foram para o Brasil voluntariamente mas como mercadoria no comércio atlântico triangular entre a África, o Novo Mundo e a Europa.

No início, os negros tinham que cultivar as plantações de cana-de-açúcar no nordeste mas a importação dos escravos aumentou rapidamente depois da descoberta do ouro nas zonas de Minas Gerais no século XVIII. Começaram a trabalhar como crianças e a idade máxima que foi normalmente atingida nas péssimas condições foi de até 24 anos.⁴ O delírio com o ouro atraía também muitos portugueses e avançou o processo da população das zonas de Minas Gerais.

Desde o início ocorreram interações físicas entre os negros e brancos: como já foi mencionado, em geral os homens portugueses chegaram para o Brasil sozinhos e o abuso sexual das escravas foi um fenômeno comum. Mas não foram apenas mulheres negras, os portugueses tinham os casos sexuais também com as indígenas e esse tipo de comportamento estabeleceu o princípio em que foi construída a cultura brasileira no futuro. O filósofo Vilém Flusser fala no seu livro *Fenomenologia do brasileiro* (1998) de três raças que construíram o brasileiro de hoje, ou seja, do português, negro e índio.

“Muito se tem falado, na tentativa de descobrir a essência brasileira, nas 'três raças tristes'...A saber: a síntese tem algo a ver com a essência brasileira. Porque síntese é mistura superada, e o Brasil é obviamente um país de misturas em todos os níveis. Na economia e na política, na arquitetura e na filosofia e principalmente no nível humano, como tipo. A palavra 'raça', por exemplo, que ocorre na sentença citada, não significa no Brasil, como na Europa e Estados Unidos, critério para distinguir entre homens, mas critério para distinguir entre vários traços do mesmo homem. O resultado surpreendente de misturas raciais inacreditáveis (por exemplo, nórdico-negro-japonês, ou árabe-indígena-eslavo) é a beleza.”⁵

Miscigenação tornou-se uma “palavra-chave” na caracterização do Brasil e por isso é crucial entender a percepção da cor de pele entre os brasileiros hoje em dia. Questão de raça no Brasil é muito mais complicada do que só dizer que há brancos e negros (e o número insignificativo dos índios). Eles próprios conseguem distinguir muitos tipos da cor, levando em conta vários tons de pele. O Censo de 2010⁶ baseado em auto-declaração da raça constata que

⁴ Informação obtida pessoalmente durante a visita da Mina de Ouro Jeje, Ouro Preto, MG, Brasil em 2015.

⁵ Vilém Flusser, *Fenomenologia do brasileiro* (Rio de Janeiro: UFRJ, 1998), p. 13. Disponível em http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vilem_Flusser_-_Fenomenologia_do_brasileiro.pdf (acessado em 27.4.2017).

⁶ http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/tabelas_pdf/tab3.pdf (acessado em 27.4.2017).

no Brasil há 47.7% dos brancos, 0.4% dos indígenas, 1% dos amarelos e 7% dos negros. Surge então uma questão importante: quem são aqueles quase 44% de pessoas que faltam? A resposta é que são *pardos*, as pessoas que se consideram *mulatos* (negro+europeu), *caboclos* (europeu+indígena), *cafuzos* (indígena+negro) ou qualquer outra combinação interracial. Esse número, que constitui quase metade da população brasileira, reflete bem as consequências da miscigenação na prática.

A comparação com o Censo do mesmo ano nos EUA, onde as relações raciais foram muito menos comuns e não aprovadas pela sociedade, mostra que a atitude diferente nesse assunto se reflete na composição da sociedade norte-americana atual: há 72.4% dos brancos, 12.6% dos negros, e apenas 2.9% dos misturados (os restantes 12.1% são da origem asiática, indígena, etc.).⁷ No todo, o número dos pardos no Brasil onde se promoveu a miscigenação é 15 vezes maior do que o número dos misturados norte-americanos onde prevaleceu a política da segregação racial.

2.2. Os povos invasores

Além das três raças fundadoras mencionadas acima, operavam no Brasil outros povos europeus que, entre os séculos XVI-XVIII, ameaçaram o domínio português sobre as terras brasileiras. Os ingleses, holandeses, espanhóis e principalmente os franceses estavam ativos na costa brasileira. Nos próximos subcapítulos vamos olhar para os povos invasores mais significativos no território brasileiro.

2.2.1. Os franceses

Nos meados do século XVI, os franceses tinham o grande apetite de expandir seu império colonial emergente nas Américas e realizar seu sonho da França Equinocial. Sua presença no Brasil resultou em alguns sucessos temporários: conseguiram controlar a Ilha de Santo Aleixo (de março a dezembro de 1531), França Antártica, uma colônia efêmera na zona atual da cidade do Rio de Janeiro (1555-1560) ou Bahia de São Luis onde em 1612 fundaram São Luís de Maranhão, que é na verdade a única cidade brasileira fundada por franceses. Como já foi dito, foram os sucessos de ocupação temporários e os franceses eventualmente acabaram por ser expulsos pelos portugueses. A presença dos franceses no Brasil trouxe dois resultados: primeiro, os portugueses perceberam que era necessário iniciar uma colonização organizada e

⁷ <https://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-02.pdf>, p. 4 (acessado em 27.4.2017).

resoluta. Outra consequência era o conflito no estado atual de Amapá (antigamente chamado Guiana Portuguesa), uma zona que causou a disputa franco-portuguesa contínua que se resolveu só no início do século XX. O Tratado de Utrecht de 1713, cujo objetivo foi estabilizar a situação tensa entre os poderes europeus que entraram em conflito de interesse, chegou a estabelecer as fronteiras das zonas de interesse dos portugueses e franceses, contudo, os franceses não respeitaram essa divisão e a disputa continuou com as novas propostas de dois lados sobre a definição dos limites que se negavam e anulavam repetidamente até ao início do século XX por causa das mudanças políticas graves no Brasil naquela altura. Afinal, em 1900 as fronteiras foram definidas de maneira como as conhecemos hoje.

Graças a essa presença francesa bastante intensa juntamente com o fato que até hoje se manteve o legado francês na Guiana Francesa que tem fronteira com o estado de Amapá, há cooperação entre os dois países e surgiu uma proposta de aproximação através do ensino obrigatório do francês nas escolas amapaenses no futuro.⁸ Afinal, podemos constatar que de certo modo os franceses deixaram sua influência no Brasil.

2.2.2. Os espanhóis

O grande rival de Portugal em termos da colonização era o seu vizinho europeu, a Espanha, que também operava em grande escala; afinal esses dois povos acabaram por conquistar a maioria da América Latina. Naturalmente, durante os séculos enquanto se formavam as fronteiras dos estados como as conhecemos hoje, foi inevitável a interação entre os dois povos no continente sulamericano. Ademais, os espanhóis e portugueses estavam na União Ibérica entre os anos 1580-1640: “A entrada de estrangeiros no Brasil era proibida pela legislação portuguesa no período colonial, mas isso não impediu que chegassem espanhóis entre 1580 e 1640, quando as duas coroas estiveram unidas.”⁹ Todavia, segundo João Capistrano de Abreu, o historiador brasileiro do século XIX, “os espanhóis não tiveram importância na formação do brasileiro, ou a tiveram menor do que os franceses.”¹⁰

As disputas hispano-portuguesas que ocorreram ao longo da colonização se concentravam principalmente no sul do país, no território conhecido como a Banda Oriental que se localizava a leste do rio Uruguai, desde a costa dos atuais estados de Paraná e Santa

⁸ <http://www.amapa.gov.br/noticia/0912/ensino-da-lingua-francesa-nas-escolas-e-debatido-entre-seed-e-embaixada-da-franca> (acessado em 27.4.2017).

⁹ <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm> (acessado em 15.4.2017).

¹⁰ <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/os-espanhois-no-brasil-seculos-xv-e-xvi.html> (acessado em 27.4.2017).

Catarina, via o estado do Rio Grande do Sul até ao estado atual de Uruguai. O Tratado de Madrid de 1750 tinha como objetivo resolver o conflito e definir as fronteiras em favor dos portugueses. Consequentemente, um conflito terminado causou uma nova disputa: os índios guaranis da região Sete Povos de Missões recusaram deslocar-se do espaço do Rio Grande do Sul atual para além do rio Uruguai. Isso resultou na Guerra Guaranítica onde os inimigos originais, tropas portuguesas e espanholas, se juntaram para derrotar os índios, o que conseguiram em 1756.

Como consequência da Guerra de 7 anos (1756-1763) ocorrente na Europa entre a França e o Reino Unido, houve conflitos entre os portugueses (aliados dos ingleses) e espanhóis (aliados dos franceses) na assim chamada Guerra Fantástica (1762-1763) que obteve essa denominação porque na verdade não se lutou muito, só ocorreram grandes movimentos das tropas de dois inimigos pela zona do conflito no sul do Brasil. Todavia, nessa Guerra os espanhóis ganharam El Sacramento e conseguiram manter Santa Tecla, San Miguel, Santa Teresa e Rio Grande de São Pedro (Rio Grande do Sul hoje em dia).

Nos anos de paz, os portugueses preparavam as tropas para iniciar mais um ataque: a Guerra hispano-portuguesa (1776-1777) que terminou com o Tratado de San Ildefonso, que de novo estabeleceu as fronteiras. Os portugueses deixaram El Sacramento (que lhes foi dado graças ao Tratado de Paris de 1763) aos espanhóis e ganharam a Ilha de Santa Catarina e Rio Grande de São Pedro.

A zona de Banda Oriental, contudo, ficou em posse do Reino português, porque depois da Guerra de Artigas (1816-1820) foi anexado ao Brasil. Afinal, esse território se tornou a república independente (Uruguai atual) depois da Guerra da Cisplatina em 1828 quando o Brasil já atuou como um país separado após a Independência de 1822.

Como já foi sugerido através das palavras do historiador João Capistrano de Abreu, não se pode falar de influência significativa da cultura espanhola na formação da sociedade brasileira, ao contrário, os espanhóis se assimilaram à cultura portuguesa (e mais tarde brasileira) como explicaremos no subcapítulo dedicado à imigração espanhola a partir do século XIX.

2.2.3. Os holandeses

O terceiro povo invasor que deixou as suas marcas no território brasileiro eram os holandeses que operaram principalmente no norte do país. Mesmo que tivessem iniciado as suas invasões no século XVI, quando Portugal entrou na União Ibérica com a Espanha e de fato

perdeu sua independência e os recursos financeiros para proteger a colônia tão atraente para as outras nações europeias, podemos dizer que os holandeses incomodaram os portugueses principalmente no século XVII.

Naquele período fundaram duas companhias, *A Companhia Neerlandesa das Índias Orientais* (1602) e *A Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais* (1621), e voltaram os seus interesses ao comércio nos oceanos para excluir os outros povos das rotas comerciais. Principalmente a segunda companhia foi fundada com o objetivo de conquistar o nordeste do Brasil. Os holandeses conseguiram ocupar as zonas do Pernambuco e Bahia e assumir o controle do comércio de açúcar. Nos anos seguintes chegaram à região entre Porto Calvo (Alagoas) via João Pessoa (Paraíba) até Natal (Rio Grande do Norte); em resumo, controlaram o espaço nordestino desde Salvador até Natal. Entre os anos 1630-1654 reconhecemos as zonas ocupadas por Holanda como a *Nova Holanda* ou o *Brasil Holandês*.

Nove anos depois da recuperação da sua independência, em 1649, Portugal fundou *A Companhia Geral do Comércio do Brasil* cujo objetivo foi resistir ao invasor e estimular o comércio entre Portugal e o Brasil. Todavia, o projeto como tal teve que lidar com alguns obstáculos: recuperar o domínio do comércio de açúcar, restabelecer a exportação dele para a Europa e importar os escravos da África. Mas o desafio mais importante não tinha nada a ver com o próprio negócio: os portugueses tiveram que restaurar as relações com os brasileiros (na altura foram principalmente os descendentes dos portugueses) que tinham trabalhado para os holandeses que lhes ofereciam a liberdade religiosa enquanto seus antecedentes tinham sido expulsos de Portugal durante a Inquisição.

Em 1645, os líderes insurretos pernambucanos (da origem portuguesa) decidiram combater o domínio holandês no território. Decisiva foi a Batalha do Guararapes na zona do Recife atual que ocorreu em duas fases entre 1648-1649. Afinal, todos os esforços portugueses levaram à *Insurreição Pernambucana* (1649) que resultou em redenção holandesa assinada em 1654 e reafirmada 7 anos depois.

É interessante levar em consideração as razões por que os brasileiros ajudaram seus antigos opressores com a expulsão do invasor. Sérgio Buarque de Holanda comenta a vitória portuguesa e propõe uma justificação:

“O insucesso da experiência holandesa no Brasil, é, em verdade, mais uma justificativa para a opinião, hoje corrente entre alguns antropologistas, de que os europeus do Norte são incompatíveis com as regiões tropicais...Ao contrário do que sucedeu com os holandeses, o português entrou em contato íntimo e frequente com a população de cor.”¹¹

Outro motivo significativo podia ter sido a comunicação, como Holanda explica:

“...Os idiomas nórdicos apresentam dificuldades fonéticas praticamente insuperáveis, ao passo que o português, como o castelhano, lhes é muito mais acessível. Os pretos velhos, esses positivamente não o aprendiam nunca. O português, ao contrário, era perfeitamente familiar a muitos deles. A experiência demonstrou, ao cabo, que seu emprego em sermões e prédicas dava resultados mais compensadores.”¹²

Levando em conta a história do Brasil a partir de 1500, a presença holandesa não era da longa duração, mas deixou as suas marcas no país. João Maurício de Nassau, o governador holandês entre os anos 1637-1644, quis cultivar as terras conquistadas e convidava vários artistas holandeses para o Brasil: o aspecto mais visível é a arquitetura holandesa no estado de Pernambuco, principalmente nas cidades de Olinda e Recife que eram os centros importantes.

Um dos vestígios da presença holandesa no continente sulamericano é por exemplo o status do holandês como a língua oficial no Suriname com o qual o Brasil compartilha a fronteira. Surpreendentemente, no estado de São Paulo encontra-se uma colônia neerlandesa chamada Holambra, cujo nome surgiu da mistura de palavras Holanda, América e Brasil, que preserve o ensino da língua holandesa e o legado holandês. Contudo, é preciso dizer que isso não é a consequência da presença holandesa no Brasil nos séculos XVI-XVIII mas da emigração depois da Segunda Guerra Mundial (a colônia foi fundada em 1948).¹³

2.3. A situação no Brasil no século XIX

Nas linhas seguintes pretendemos esboçar a imagem da sociedade brasileira do século XIX, principalmente da sua segunda metade. Nesse período o Brasil enfrentou vários problemas e desafios que à primeira vista não têm nada a ver um com o outro e por isso vamos defini-los separadamente em seus subcapítulos que seguem e esclarecer as circunstâncias.

¹¹ Holanda, p. 64.

¹² Idem, p. 65.

¹³ <http://www.holambra.sp.gov.br/cidade.html> (acessado em 14.4.2017).

2.3.1. O conceito de *whitening*

Depois de mencionar os povos que estiveram presentes no Brasil a partir do seu descobrimento até ao fim do século XVIII, temos que reparar de um fenômeno ocorrente a partir do século XIX que foi crucial para o futuro da sociedade brasileira: os povos invasores como os franceses, espanhóis e holandeses formaram o caráter do Brasil, por causa da sua presença temporária, minimamente; ao contrário dos portugueses, negros e índios que acabaram por ser denominados como as três raças fundadoras. E se mesmo contemos com os povos invasores, do ponto de vista racial pertencem à mesma raça como os portugueses, então não faria a grande diferença na nossa análise.

De qualquer maneira, o Brasil recebeu quase metade (40%)¹⁴ de todos os negros que fizeram parte do comércio atlântico e isso se refletiu na composição da sociedade no Brasil do século XIX. A estatística de 1872, quando o Brasil tinha quase 10 milhões habitantes,¹⁵ consta que na altura os brancos representaram só 38.1% da população brasileira e os demais 62% foram coloridos, i.e. negros, mulatos e indígenas.¹⁶

Isso não seria um problema, se não fosse por duas teorias raciais da época que resultaram em *whitening* e influenciaram o caráter da seguinte colonização e multiculturalização do país e assim formou muito o que é o Brasil hoje em dia.

Whitening, conhecido também como *branqueamento* ou *embranquecimento*, era ideologia implementada na política brasileira principalmente nos séculos XIX e XX com umas insinuações já no século XVIII. A ideologia se apoiava em duas teorias que têm a ver com a questão de raça: *o darwinismo social* de Charles Darwin¹⁷ e *a preferência da raça ariana* de Arthur de Gobineau.¹⁸

A primeira teoria, cujo autor era um famoso cientista e evolucionista, origina da sua proposta famosa de seleção natural e exprime que existem características biológicas e sociais que determinam que uma pessoa é superior à outra e essa é mais apta e provável de sobreviver. Como foi este pensamento entendido e implementado na prática de *whitening* explicaremos nas linhas seguintes.

¹⁴ Laird W. Bergad, *The Comparative Histories of Slavery in Brazil, Cuba and the United States* (New York: Cambridge University Press, 2007), p. 96.

¹⁵ <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/01/censo-de-1872-e-disponibilizado-ao-publico> (acessado em 21.4.2017).

¹⁶ Sales Augusto dos Santos e Laurence Hallewell, „Historical Roots of the Whitening of Brazil“, in *Latin American Perspectives*, Vol. 29, No. 1, Brazil: The Hegemonic Process in Political and Cultural Formation (Jan., 2002), p. 61. Disponível em https://www.jstor.org/stable/3185072?seq=1#page_scan_tab_contents (acessado em 20.4.2017).

¹⁷ <https://www.significados.com.br/darwinismo/> (acessado em 27.4.2017).

¹⁸ http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Arthur_de_Gobineau#Work (acessado em 27.4.2017).

A segunda teoria, cujo grande promotor foi um filósofo e teórico de racismo Arthur de Gobineau, é baseada em preferência dos povos descendentes do povo ariano (=nobre) da origem proto-indo-europeia. O problema é que na altura se referia a todas as nações da Europa e da Ásia Ocidental mas quanto mais tempo passou e mais filósofos entraram na discussão sobre o termo, mais definições limitadas surgiram (e isso consequentemente resultou no abuso do conceito no século XX entre os nazistas que o atribuíram só aos alemães). O próprio Arthur de Gobineau residiu no Rio de Janeiro entre os anos 1869-1870 e ele achou o país intolerável e descreveu o povo brasileiro como “preguiçoso, inútil, feio, degradante e deformado”.¹⁹

É inegável que, apesar da independência que o Brasil atingiu, sempre houve tendência de seguir ou imitar o exemplo europeu em vários aspectos de vida, então os líderes brasileiros se inspiraram nessas teorias, como explicaremos mais tarde.

2.3.2. A escravidão e a sua abolição

O que ainda temos que levar em consideração para definir o clima da sociedade brasileira na segunda metade do século XIX é a questão de escravidão e a sua abolição que também teve a ver com a questão da raça. O lobby abolicionista que culminou na Guerra Civil e a abolição de escravidão subsequente nos EUA em 1865 foi um grande assunto em termos de direitos humanos globalmente. No Brasil, o processo da abolição (ou da discussão pública em geral) se iniciou após a independência. Gradualmente surgiu um movimento abolicionista apoiado por várias figuras públicas como o político Joaquim Nabuco, ativista José do Patrocínio ou escritor Castro Alves. Como a escravidão ou processo da abolição dela não é o tema principal deste trabalho, resumimos só os fatos importantes: começou por proibição do comércio com os escravos (1850), continuou pela *Lei do Ventre Livre* (1871) que garantiu liberdade para os filhos dos escravos nascidos depois da data quando a lei entrou em vigor e a *Lei dos Sexagenários* (1885) que libertou os escravos maiores de 60 anos até chegar a abolição total pela *Lei Áurea* (1888).

Todavia, este progresso na sociedade brasileira fez surgir uma pergunta que começou a preocupar os líderes políticos tal como os donos das plantações: quem ia trabalhar depois da abolição da escravidão?

¹⁹ Santos e Hallewell, p. 73 (tradução nossa).

2.3.3. A solução “perfeita” para o Brasil

Chegamos aqui ao ponto principal desse capítulo: como acabámos de explicar, o Brasil na segunda metade do século XIX enfrentou os dois problemas principais: insatisfação com a composição racial da sociedade, ou seja, falta dos brancos e falta de mão-de-obra prevista devido à abolição da escravidão.

Segundo a elite política brasileira, que era predominantemente branca, existiu uma só solução para os dois problemas: a imigração europeia subvencionada. A intenção dos políticos brasileiros foi embranquear o povo através da imigração apoiada pelo governo e a subsequente miscigenação (como explicaremos nas linhas seguintes) e ao mesmo tempo fornecer mão-de-obra.

Contudo, dizer que assim o problema ficou resolvido seria uma simplificação. Em 1878 ocorreu o Congresso Agrícola no Rio de Janeiro e um dos objetivos era discutir a imigração em pormenores, ou seja, quem eram os imigrantes ideais para criar a futura classe operária do Brasil. Conforme com a ideia racial, a atenção virou à Europa: os europeus brancos foram vistos como uma “garantia do futuro brilhante para o Brasil.”²⁰

A proposta de acolher também os imigrantes da Ásia feita por João Vieira Sinimbu, o então ministro da agricultura, não era muito bem aceita; como Sales Augusto dos Santos da Universidade de Brasília constata no seu trabalho sobre o assunto, os asiáticos foram considerados só uma solução temporária e não os colonos permanentes porque tinham “o caráter subserviente e imoral que podia contaminar o Brasil e desencorajar os imigrantes da Europa”.²¹ Um dos rejeitores da imigração da Ásia era o já mencionado abolicionista Joaquim Nabuco que atuava como político, diplomata e personagem pública envolvida na vida social brasileira. Ele argumentou que os asiáticos podiam “mongolizar a nação e degradar as raças que já estavam lá.”²² Noutro lado, exprimiu o desejo pelo Brasil branco e apoiou o fluxo dos europeus e as ideias de miscigenação com o fim de parar “africanização do país”.²³

2.3.4. O negro, o mulato e a miscigenação

Uma discussão assim aberta e direta sobre a “questão racial” na sociedade brasileira provocou o desgosto geral pelos negros. Várias figuras públicas se expressaram contra eles:

²⁰ Idem, p. 72 (tradução nossa).

²¹ Idem, p. 65 (tradução nossa).

²² Idem, p. 66 (tradução nossa).

²³ Idem, p. 78 (tradução nossa).

João Batista de Lacerda, o cientista brasileiro, declarou no seu trabalho para o Congresso Universal de Raças em Londres em 1911 que “a raça negra foi responsável pelo atraso do país”.²⁴ Euclides de Cunha, o escritor, também esteve em favor do desaparecimento dos negros pela miscigenação porque os achou geneticamente inferiores e incapazes de sobreviver e tornar-se civilizados.

Para abranger a problemática de maneira correta, temos que esclarecer uma coisa: como foi mencionado anteriormente, hoje em dia há 5 grupos étnicos principais no Brasil – brancos, negros, pardos, amarelos e índios – mas na época só se consideravam dois grupos: brancos e coloridos, isso quer dizer que o desgosto pelo negro significava o desgosto geral pelas pessoas de cor mais escura que foi “normal”, podendo ser o negro mas também o mulato.

Esse fato é bem importante porque os coloridos, negros e índios constituíram duas de três raças fundadoras do povo brasileiro e, naturalmente, ao longo do tempo essas se misturavam e surgiram as pessoas hoje em dia conhecidas como *os pardos*. Voltando ainda a estatística de 1872, dos 62% dos coloridos houve 3.9% índios, 19.7% negros e 38.3% pardos. Pardo, de fato, se tornou o segundo maior grupo racial no Brasil depois do branco. Dissemos que esse termo inclui pessoas de todas as combinações interracialiais, mas vendo que o número dos negros foi cinco vezes maior do que o número dos índios, podemos também supor que a maioria dos pardos foi parcialmente negra, ou seja, surgiu um grupo numeroso dos mulatos.

Era justamente o mulato que desempenhou o papel controverso na sociedade brasileira na época da abolição da escravidão e *whitening*. Como já sugerimos quando comparámos os Censos de 2010 no Brasil e nos EUA, uma diferença significativa entre os dois países é que nos EUA as relações sexuais ou amorosas entre as duas raças eram tabu (ou muito secretas e raras) e como as raças não se misturaram tanto, o país conseguiu bastante bem manter os dois grupos principais: negros e brancos. Contudo, no Brasil foi diferente: as misturas começaram logo no início da colonização porque os portugueses – na Europa já considerados misturados como o resultado da presença moura na Península Ibérica – não levaram a questão da raça tão a sério e os homens frequentemente se apaixonaram pelas negras.²⁵ Suas relações interracialiais resultaram em surgimento do grande grupo de mulatos que preencheram uma lacuna entre as duas raças. Voltando à nossa proposta do início do parágrafo, explicaremos qual era a situação do mulato. Sem dúvida, seu *status* social era melhor do que o dos negros e os brancos estavam bem conscientes do fato que os mulatos continuavam subindo na “escada social”. Noutra lado,

²⁴ Idem, p. 72 (tradução nossa).

²⁵ Keneth E. Wilburn, „Race Relations in Brazil: From the Development of the Mulatto to the Whitening of the Brazilian Population“, p. 7 (tradução nossa). Disponível em <http://core.ecu.edu/hist/wilburnk/AandAW/Papers/Plato.pdf> (acessado em 26.4.2017).

os negros estavam zangados porque os mulatos frequentemente negavam qualquer relação à ascendência africana; “os mulatos tinham tendência de se desassociar dos negros para ganhar a mobilidade social.”²⁶ Daí surgiu uma nova expressão para denominar os mulatos que quiseram ser como os brancos tanto, que admiraram todas as suas características e desdenharam os negros: *o mulato pernóstico*.²⁷

Semelhantemente, os mulatos não apoiaram abolicionismo, ao contrário, tinham medo de mudanças sociais que podiam ocorrer e sentiam ameaça da sua posição. Se comparamos essa atitude com a americana, parece ridículo: lá muitos líderes dos movimentos afro-americanos eram na verdade misturados e não puramente negros mas mesmo assim tivessem lutado pelos negros; no Brasil o homem mulato se interessou só pelo seu progresso pessoal.²⁸

É ainda importante esclarecer que “a noção da raça no Brasil foi baseada em diferenças fenotípicas, como a tonalidade da cor da pele, cabelo, boca, ao invés da genética ou do fundo racial.”²⁹ Em outras palavras, a miscigenação intencional ia servir para remover os traços físicos negróides das pessoas. Enquanto nos EUA cada pessoa com a ascendência africana foi considerada negra mesmo que parecesse branca³⁰, no Brasil bastava superar os traços físicos, ou seja, visíveis para ser considerado branco. O já mencionado cientista João Batista de Lacerda, que apresentou seu trabalho sobre os assuntos raciais no Brasil no congresso em Londres, explicou a prática da miscigenação: “os filhos dos *metis*³¹ na terceira geração têm todos os traços da raça branca, contudo, alguns mantêm uns traços da ascendência negra mediante a influencia do atavismo.³² A influencia da seleção sexual tende a neutralizar o atavismo e elimina todos os traços típicos da raça negra dos descendentes dos *metis*.”³³

Comparando a nossa situação a nos EUA, é interessante fornecer como foi vista por um americano. Theodore Roosevelt, na altura já o ex-presidente norte-americano, passou algum tempo viajando pelo Brasil e resumiu as suas observações sobre o *whitening* no artigo “Brazil and the Negro” (1914) publicado no jornal *Outlook*, dizendo que não pretendia nem louvar, nem julgar a solução brasileira. A abordagem americana, baseada em segregação das raças, era bem diferente da brasileira que chamou a atenção dele: “Esta diferença entre os EUA e o Brasil é a tendência do Brasil de absorver o negro. Minha observação faz me acreditar que com

²⁶ Idem, p. 13.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem, p. 15.

²⁹ Idem, p. 4 (tradução nossa).

³⁰ Idem, p. 2.

³¹ O próprio Lacerda traduz a palavra *metis* como *half-breed* para o inglês; quer dizer que se trata de uma pessoa mestiça, com os pais de raças diferentes.

³² Atavismo: reaparecimento de uma certa característica no organismo depois de várias gerações de ausência.

³³ João Batista de Lacerda, „Papers on Inter-racial Problems”, p. 382 (tradução nossa). Disponível em http://biblio.wdfiles.com/local--files/lacerda-1911-metis/lacerda_1911_metis.pdf (acessado em 27.4.2017).

a palavra 'absorver' usei a expressão certa para descrever o processo. É o negro que está absorvido e não o negro quem está absorvindo o homem branco.”³⁴

Um político brasileiro, cujo nome fica desconhecido no artigo de Roosevelt, explica que “o problema fica com a presença do negro.”³⁵ Comenta que a atitude brasileira talvez não fosse a solução perfeita, mas ele a considera melhor do que a dos EUA porque enquanto no Brasil o negro vai desaparecer mediante a miscigenação (predisse que ia haver 2/3 do povo “puro” e 1/3 do povo com uma parte do sangue africano que não será dominante), nos EUA o número dos negros vai continuar aumentando apesar da segregação, o que vai aprofundar o problema racial na sociedade norte-americana.³⁶

Falando de raças, cabe aqui comparar a atitude aos negros e aos índios. Mesmo que eles também tivessem sido considerados inferiores aos brancos, raça indígena foi considerada mais nobre do que a negra. Como Roosevelt observa, na altura vários deputados e até o então presidente brasileiro tinha sangue indígena e eles tinham orgulho por isso.³⁷ Até alguns mulatos fingiam ter ascendência indígena porque “ela não levava a mesma mancha como o sangue africano.”³⁸

2.3.5. O resultado da tática brasileira

Quanto ao processo da imigração subvencionada pelo governo brasileiro que serviu como uma ferramenta de *whitening*, vamo-nos focar no assunto nos seguintes capítulos; por enquanto podemos só constatar que a intenção brasileira de branquear seu povo foi sucedida. O Censo de 1872, já umas vezes mencionado, foi revertido em 1950 quando o Brasil foi composto por 62.5% brancos e 37.5% coloridos.³⁹

2.4. Imigração nos séculos XIX-XX

Como já foi dito, a imigração europeia para o Brasil foi promovida pelo próprio governo, contudo, as primeiras tentativas de subvencioná-la foram realizadas pelos particulares, como foi um dos pioneiros, o Senador Vegueiro, cujo método foi mais tarde adotado pelas

³⁴ Theodore Roosevelt, „Brazil and the Negro“ in *Outlook*, 1914, p. 409 (tradução nossa). Disponível em <http://www.unz.org/Pub/Outlook-1914feb21-00409> (acessado em 27.4.2017).

³⁵ Idem, p. 410

³⁶ Idem, p. 411.

³⁷ Idem, p. 410.

³⁸ Wilburn, p. 14 (tradução nossa).

³⁹ Santos e Hallewell, p. 70.

autoridades oficiais. Nas linhas seguintes explicaremos o seu conceito da imigração subvencionada.

2.4.1. Modo de povoação: o Senador Vergueiro

Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, político e fazendeiro paulista, se tornou um membro do governo provisório da província de São Paulo na véspera da independência do Brasil e mais tarde, em 1840, abriu as portas da sua fazenda Ibicaba com dois objetivos: iniciar a plantação do café na região de Limeira e estimular a imigração subvencionada por particulares; Vergueiro entendeu que “o financiamento da imigração ficaria mais barato do que a compra e manutenção dos escravos... Pretendia transformar a fazenda Ibicaba num modelo de exploração cafeeicultora com o emprego de mão-de-obra livre”.⁴⁰ Isso quer dizer que Vergueiro, ainda na altura da escravidão, já preferiu pagar a chegada dos imigrantes livres e implementar a prática do emprego renumerado.

O conceito da sua estratégia foi simples: ajudar os colonos na chegada e pagar as suas despesas iniciais que eles devolveriam em forma de trabalho durante 3 ou 4 anos. Entre 1847-1857, 200 famílias, principalmente portuguesas, alemãs e suíças vieram trabalhar na fazenda.

O exemplo foi seguido por fazendeiros em São Paulo e nos outros estados; surgiram as companhias de colonização mas só poucas colônias originadas assim sobreviveram. O sistema não funcionou: os fazendeiros começaram a explorar os colonos cobrando moradia, escola ou médico e o colono acabou por endividar-se porque teve que sustentar a sua família e comprar os instrumentos de trabalho, além de trabalhar de graça. Quando se dividiu o produto da terra, foi descontada da sua parte uma quantia de “gastos” e afinal, o colono acabou por ser quase escravo, o que é irônico levando em conta que o propósito original era substituí-lo pelo trabalhador pago.

Naturalmente, os colonos se revoltaram e se não conseguiram pagar as suas dívidas, fugiram das fazendas. Foi assim que as informações sobre as péssimas condições chegaram até à Europa. O aspecto positivo é que dessa ideia surgiu uma ideia da colonização subvencionada pelo governo que foi melhorada.

⁴⁰ Regina Bega Santos, *Migração no Brasil* (São Paulo: Editora Scipione, 1994), p. 19.

2.4.2. Imigração controlada e subvencionada pelo país

Após a aceitação da política de *whitening* pelas elites políticas nas últimas duas décadas do século XIX, o Brasil começou a receber os imigrantes europeus. O governo brasileiro pagava as despesas de viagem para eles entre os anos 1851-1909 e o estado de São Paulo, que precisava de trabalhadores nas plantações de café, fazia a mesma coisa entre os anos 1881-1927.⁴¹ O motivo principal para isso foi que os fazendeiros, cujas plantações de café estavam prosperando, tiveram que resolver o (futuro) problema da falta de trabalhadores. A capital de São Paulo se tornou a cidade que crescia mais rapidamente no Brasil: entre os anos 1886-1890 os estrangeiros compunham apenas 22,1% da população paulistana mas dentro de 3 anos, o número chegou a 54,7%. Segundo o recenseamento do ano 1920, na altura viviam em São Paulo os habitantes de 33 nacionalidades.⁴²

O resultado da grande onda das imigração é chocante: segundo Maurício Goulart, durante apenas um século da “importação” dos europeus o número dos imigrantes brancos superou o número dos escravos negros importados ao Brasil durante três séculos.⁴³ Ele diz que nos 300 anos foram importados para o Brasil acerca de 3.5-3.6 milhões de negros da África.⁴⁴ Se olhamos para a estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que fornece os dados sobre os imigrantes europeus entre os anos 1884-1933, ou seja, de nem uma metade do século, vemos que o número é quase 4 milhões (3 963 599)⁴⁵, o que afirma a sugestão de Goulart que com certeza supera o número dos negros importados. Ao mesmo tempo, a estatística nos dá uma melhor ideia sobre os grupos mais ressonantes que chegaram para o Brasil em maiores números: os italianos, espanhóis, japoneses e alemães. Como fizeram parte da formação da cultura brasileira nos últimos dois séculos, olharemos para estas comunidades nos subcapítulos separados.

Antes disso, cabe definir como é que funcionou a promoção da imigração para o Brasil: no final do século XIX, houve problemas econômicos e instabilidade em vários países, o que deixou os europeus mais dispostos para abandonar suas vidas e famílias em casa e partir para o mundo em busca das melhores condições. Na altura, os EUA foram o país muito mais popular, as pessoas sonharam com cumprir o seu “sonho americano” mas também as regras para

⁴¹ Santos e Hallewell, p. 62.

⁴² Marília Cánovas, *Imigrantes espanhóis na Paulicéia* (São Paulo: USP, 2007), p. 65. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/.../TESE_MARILIA_D_K_CANOVAS.pdf (acessado em 27.4.2017).

⁴³ Wilburn, p. 18.

⁴⁴ Goulart citado em Santos e Hallewell, p. 61.

⁴⁵ <http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html> (acessado em 27.4.2017).

conseguir entrar no país foram muito mais estritas. Na segunda metade do século XIX os EUA receberam os grandes números dos ingleses (por causa da língua), irlandeses (após a Grande fome entre 1845-1852) mas também alemães ou cidadãos do Império Áustro-húngaro.⁴⁶ O país aprovou uma série das leis de imigração que gradualmente limitaram o número e origem de pessoas que podiam entrar no país. Isso também contribuiu para o interesse pela imigração para o Brasil, porque muitos europeus desesperados procuravam outras opções e o Brasil, que também foi a “América” e ainda pagava as despesas de viagem, pareceu ideal.

Além das despesas pagas pelo Brasil, cabe constatar que ainda nos anos 1880-1890, a terra distribuída aos colonos não custou nada, mas nas primeiras duas décadas do século XX, o governo brasileiro começou a cobrar por ela. Preços iniciais de 100-250 milréis (a moeda brasileira em vigor entre 1833 e 1942) por 25 hectares subiram até de 2000 a 3000. Na década de 1930 já foi possível chegar ao Brasil e diretamente comprar uma fazenda com a terra fértil, todas as instalações e equipamento por 4000-10 000 milréis.⁴⁷

Os preços crescentes da terra desencorajaram alguns imigrantes que pretenderam vir para o Brasil sem dinheiro, mas mesmo assim, chegou o grande número de pessoas de vários países europeus. Nos próximos subcapítulos olharemos para os grupos de imigrantes que vieram em maiores números e assim influenciaram o Brasil de hoje.

2.4.3. Imigração italiana

Os ítalo-brasileiros são espalhados principalmente no sul e no sudeste do Brasil; a maioria dos imigrantes que se instalaram no estado de São Paulo como os futuros trabalhadores nas plantações de café foi italiana: entre os anos 1884-1939, o Brasil recebeu quase 1,5 milhão dos italianos.⁴⁸ Os acontecimentos políticos na Itália que resultaram em unificação do país (1871) trouxeram a crise econômica, o que motivou os italianos para buscar oportunidades no estrangeiro. Vieram para o Brasil mesmo que o trabalho fosse mal-remunerado e as condições péssimas, mas como não pretendiam voltar para a Europa e não houve muitas outras opções no Brasil, ficaram nas plantações e as aceitaram.

Perda de mais que um milhão dos italianos não foi bem recebida na Itália, que decidiu lutar contra emigração emitindo o *Decreto Prinetti* (1902) que proibiu a emigração

⁴⁶ <http://www.latinamericanstudies.org/immigration-statistics.htm> (acessado em 25.4.2017).

⁴⁷ Ivo Barteček, „Československá kolonizace v Brazílii“ in *Česi v cizine* (Praha: Ústav pro etnografii a folkloristiku ČSAV, 1996), p. 176.

⁴⁸ Santos e Hallewell, p. 69.

subvencionada para o Brasil. Uma das razões principais da proibição eram justamente as condições de vida e de trabalho nas plantações de quais se falava na Itália.

Noutro lado, o italiano era considerado um dos melhores imigrantes que o Brasil podia receber: era branco, católico, trabalhava duro e não tinha grandes dificuldades com a língua portuguesa. Além das plantações, os italianos se instalaram nas regiões ainda vazias e isoladas no sul do país e dedicavam-se à agricultura. Aqueles que ficaram nas cidades, fundaram seus bairros típicos como Brás ou Bixiga em São Paulo. A maioria dos italianos veio do Vêneto, Campânia, Calábria e Lombardia e até hoje mantém os dialetos típicos como o talian, uma variante da língua vêneta falada nos estados de Santa Catarina, Espírito Santo e Rio Grande do Sul.⁴⁹

2.4.4. Imigração espanhola

O início da imigração espanhola vai muito além do século XIX, afinal já lhe dedicamos um subcapítulo em relação aos povos invasores que atuaram no Brasil nos séculos anteriores.

Os espanhóis figuram como o terceiro maior grupo dos imigrantes no Brasil, depois dos portugueses e italianos. A presença deles era muito forte no extremo sul do país, o que são hoje em dia as zonas do estado Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Pertenciam ao grupo dos imigrantes pobres com o alto nível do analfabetismo, atraídos pelo emprego.

O caráter da imigração espanhola era familiar, não foram só os homens que abandonaram a pátria em busca de trabalho e dinheiro, mas as famílias inteiras. Como já foi dito, o governo pagava as despesas dos imigrantes e para ele também era mais prático receber as famílias completas do que os indivíduos porque era mais provável que elas iam ficar no país e não iam voltar a sua pátria ou viajar pelo continente.

Um grande motivo para a emigração espanhola era o desenvolvimento industrial tardio no país; a maioria deles era do campo. A imigração aumentou na década de 1930, após a eclosão da Guerra Civil na Espanha.

As fontes mostram que no período entre 1884-1933 o Brasil recebeu mais que 500 000 espanhóis,⁵⁰ nas décadas de 1940 e 1950 mais 50 mil pessoas.⁵¹ Graças à proximidade cultural e linguística, os espanhóis se integraram na sociedade brasileira rapidamente e um dos poucos

⁴⁹ <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/europeias/talian.htm> (acessado em 27.4.2017).

⁵⁰ <http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html> (acessado em 27.4.2017).

⁵¹ <http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1945-1959> (acessado em 27.4.2017).

vestígios visíveis da ascendência espanhola são os sobrenomes da origem hispânica (Villa, García), porém muitos deles foram aportuguesados e assim ficaram indistintos dos portugueses (López – Lopes, Gómez – Gomes).⁵²

2.4.5. Imigração alemã

A imigração alemã iniciada no século XIX foi provocada principalmente pela revolução industrial que significou emprego de menos mão-de-obra e o nível pobre da vida na Europa naquela altura.

Do lado brasileiro, a atenção foi voltada para os germânicos, porque a própria imperatriz, Dona Leopoldina, era austríaca. Afinal, a primeira colônia alemã, fundada no sul da Bahia em 1816, levou o nome dela.

Nos meados do século XIX, a Prússia (região histórica à qual pertenceu o território da Alemanha) descobriu que as condições nas fazendas foram péssimas, o que levou à proibição da emigração para o Brasil em 1859 pelo *Rescrito de Heydt*. Mais tarde, a proibição foi limitada só para alguns estados, o que aumentou a presença dos alemães nos outros: Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul. No final do século XIX já se reconheciam várias colônias germânicas no país, o que foi crucial para as novas ondas de imigração relacionadas às dificuldades na Europa na véspera da Primeira Guerra Mundial.

Os alemães, como a maioria dos imigrantes europeus, não trouxeram nenhum fundo de dinheiro e eram recebidos por ser da raça superior. No início, muitas colônias se isolaram e criaram os grupos separados o que não ajudou muito a estratégia dos brasileiros, porque não resolveu o problema de mão-de-obra nas plantações, nem de miscigenação das raças. Gradualmente, as colônias começaram a prosperar graças à cultivação da terra fértil, o que levou ao crescimento demográfico e ao surgimento das cidades como São Leopoldo ou Joinville.

Os estados com a maior influência germânica eram Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina mas as comunidades se encontram também nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo. Estima-se, que entre os anos 1824-1972 o Brasil recebeu mais que 220 000 alemães.⁵³

⁵² Fernando Novais, *História da Vida Privada no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), p. 523.

⁵³ Maria Stella Ferreira Levy, „O papel da migração internacional na evolução da população brasileira” (1872 a 1972) in *Revista de Saúde Pública da USP* (São Paulo, supl. 49-90, 1974), p. 71-73, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v8s0/03.pdf> (acessado 27.4.2017).

2.4.6. Imigração japonesa

O último dos grupos significativos dos imigrantes veio da Ásia apesar dos preconceitos expressos por vários políticos brasileiros contra as nações asiáticas. O processo migratório foi neste caso diferente: começou pelo acordo entre os governos brasileiro e japonês em 1908, quando o primeiro navio trouxe quase 1000 lavradores para as fazendas no interior de São Paulo e acabou depois de 65 anos, em 1973, depois de quase 200 mil japoneses terem imigrado para o Brasil.⁵⁴ Um motivo do acordo foi que enquanto o Brasil precisava de pessoas, o Japão estava superpovoado e passava pelas ondas regulares da fome.

Como já constatámos, os japoneses não eram favorecidos e além do antiniponismo dos brasileiros, o processo da assimilação não era fácil nem para eles próprios: clima, costumes, comida, estilo de vida e especialmente o idioma causaram um grande choque cultural. Alguns deles acreditaram que iam ficar no Brasil só por uns anos e depois voltariam para o Japão, então não saíram das suas comunidades fechadas, nem aprenderam a língua.

Quando aumentou a demanda dos lavradores nas fazendas do café, ficou bem claro que os japoneses iam permanecer no país: os fazendeiros os favoreciam pela reputação dos bons agricultores.⁵⁵ Todavia, a sua tendência de se separar dos outros não mudou: os japoneses tinham as escolas onde as aulas foram ministradas em japonês, casavam-se dentro do grupo da mesma raça e ignoraram a língua e os costumes locais.

O processo da “importação” dos japoneses para o Brasil durante 65 anos resultou em fato que hoje em dia a maior comunidade japonesa fora do Japão se encontra no Brasil, segundo a estimativa do Ministério das Relações Exteriores japonês se trata de 1.6 milhão de pessoas.⁵⁶

Nas linhas anteriores pretendemos resumir o caráter e intenção da imigração intencional nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Todavia, temos que levar em consideração a mudança da atitude contra a imigração e os imigrantes relacionada às mudanças políticas. A figura crucial na cena política brasileira no século XX foi Getúlio Vargas, cujo tratamento das minorias no Brasil diferia daquele dos seus predecessores políticos.

⁵⁴ http://www.centenario2008.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=17 (acessado em 27.4.2017).

⁵⁵ Giralda Seyferth, „The Diverse Understandings of Foreign Migration to the South of Brazil (1818-1950)”, p. 133. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/vb/v10n2/a05v10n2.pdf> (acessado em 15.4.2017).

⁵⁶ <http://www.mofa.go.jp/region/latin/brazil/data.html> (acessado em 7.11.2016).

2.5. Das primeiras décadas do século XX até hoje

2.5.1. Era Vargas

O período da ditadura de Getúlio Vargas entre os anos 1930-1945 foi marcado pelas mudanças significativas, tanto econômicas, quanto sociais; o que nos interessa neste trabalho é o tratamento das comunidades imigrantes na época. Vargas pretendeu reafirmar o nacionalismo brasileiro através da supressão das culturas imigrantes que formaram as comunidades fechadas, como foi o caso dos alemães ou japoneses. Na altura entraram em vigor vários decretos e leis (entre outros a Lei de Cotas de 1934) que limitaram a entrada dos estrangeiros no Brasil e deixaram os imigrantes já presentes no país na posição muito desagradável: proibição de falar ou transmitir os programas de rádio em outras línguas do que português, proibição das atividades políticas dos “estrangeiros”, fechamento das escolas com as aulas ministradas em outras línguas. Tudo isso foi direcionado principalmente contra os japoneses, entre os quais muitos não falavam português e as novas regras dificultaram suas vidas. Contudo, a raiva publicamente aceita, virou também contra os italianos e alemães que, junto com os japoneses, foram designados “os súditos do Eixo”⁵⁷, referindo-se às circunstâncias da Segunda Guerra Mundial em que o Brasil era um aliado oficial dos EUA. Um dos atos estatais contra os japoneses, alemães e italianos foi o confisco dos bens pelo decreto presidencial de 1942 que nunca foram devolvidos.⁵⁸ A situação ainda piorou para os japoneses quando o Brasil declarou a guerra contra o Japão em 1942: os nipo-brasileiros foram perseguidos pela polícia e não podiam viajar livremente nem dentro do país. Na época ocorreram também as grandes deslocamentos dos japoneses longe da costa litoral. Só depois do fim da Guerra que trouxe a destruição total do Japão pelos EUA, a situação desapertou também no Brasil mas o sonho dos japoneses de voltar à sua pátria desapareceu.

Quase no final da primeira presidência de Vargas, em 1945, entrou em vigor o Decreto-lei que em seu segundo artigo definiu a escolha dos imigrantes: essa foi orientada à “necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência europeia.”⁵⁹ Podemos então observar que mesmo que Vargas não deixasse entrar muitos imigrantes ao país, continuou com a política migratória

⁵⁷ <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/405455-SEGUNDA-GUERRA-MUNDIAL-OS-BENS-CONFISCADOS-E-JAMAIS-DEVOLVIDOS-BLOCO-3.html> (acessado em 27.4.2017).

⁵⁸ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html> (acessado em 15.4.2017).

⁵⁹ <http://lasi-sladi.org/files/live/sites/lasi-sladi/files/shared/Working%20Papers/Working%20Paper%2013%20Pádua%20Fernandes.pdf> (acessado em 18.4.2017).

baseada na preferência racial dos imigrantes europeus que tinha sido promovida nas décadas anteriores. Contudo, combateu a promoção das culturas e línguas estrangeiras com o objetivo de “abrasileirar” os cidadãos.

Podemos aqui mencionar mais um exemplo da situação dos imigrantes na Era Vargas diretamente ligado à colônia eslovaca chamada Bratislava, da qual falaremos em pormenores mais tarde. Nessa colônia foram fundadas a igreja e escola que funcionaram como duas ferramentas principais para manter a língua eslovaca: as missas foram ministradas pelo padres eslovacos em sua língua nativa, assim como foram ministradas as aulas na escola e os colonos pretendiam manter o eslovaco e passá-lo aos filhos. Essa colônia, fundada nos anos 1931-1932, tentou resistir às tentativas nacionalistas de Vargas, como Isabel Barion comenta em seu artigo:

“A educação oferecida pela instituição se deu em meio a conflitos e resistência por parte dos moradores, que eram contrários às políticas nacionalizantes da Era Vargas. Tanto a escola como a igreja da comunidade foram espaços de ensino e de celebrações religiosas, mas principalmente de preservação da identidade étnica dos estrangeiros que habitavam a região.”⁶⁰

A escola Bratislava de Cambé, a primeira instituição escolar da dessa zona foi fundada em 1936, ou seja, já na altura da Era Vargas marcada por ideais de modernização e desenvolvimento. Uma parte importante desse progresso do país foi educação, “destacada como algo fundamental para a formação do cidadão, no processo de assimilação cultural por imigrantes e na preparação para o trabalho”⁶¹; isso quer dizer que Vargas geralmente apoiava existência de instituições escolares mas não daquelas que ministravam aulas em língua estrangeira ou promoveram a cultura alheia. Na Colônia de Bratislava não viviam só imigrantes eslovacos mas também polacos, alemães ou ucranianos e todos esses grupos tendiam a fundar escolas para que os filhos pudessem estudar em sua língua materna.⁶²

Em 1938 ficou proibido ensinar o idioma estrangeiro nas escolas, expressar-se em outro idioma que não fosse português em público e divulgar materiais educativos em língua estrangeira.⁶³ Esta política gradualmente fez desaparecer línguas estrangeiras da escola que passou pelo processo de “abrasileiramento” e com o processo de nacionalização forçado muitos imigrantes deixaram de usar a sua língua nativa, o que foi ainda fortificado pelos casamentos

⁶⁰ Isabel Francisco de Oliveira Barion, „História e memória da Escola Bratislava de Cambé (1936-1948): entre a educação e a fé“, apresentado no Congresso X ANPED SUL em Florianópolis em 2014, p. 1. Disponível em http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1419-1.pdf (acessado em 22.4.2017).

⁶¹ Idem, p.5

⁶² Idem, p.7.

⁶³ Idem, p.7.

com pessoas de outras nacionalidades: o português tornou-se a língua universal de comunicação. Ao longo do tempo a colônia acabou por ser absorvida na maior região metropolitana e os vestígios eslovacos desapareceram. De qualquer maneira, foi uma das amostras da resistência contra a nacionalização forçada.

Em geral podemos concluir que a Era Vargas não foi ideal para os imigrantes e seus filhos; o conjunto das restrições que ele implementou para diminuir a diversidade e para unir todos os habitantes do país sob um conceito do brasileiro obteve o nome “campanha de nacionalização”. Depois de uma década da promoção da imigração para o Brasil, Vargas fechou as portas e implementou a política de tratamento hostil contra os “estrangeiros”.

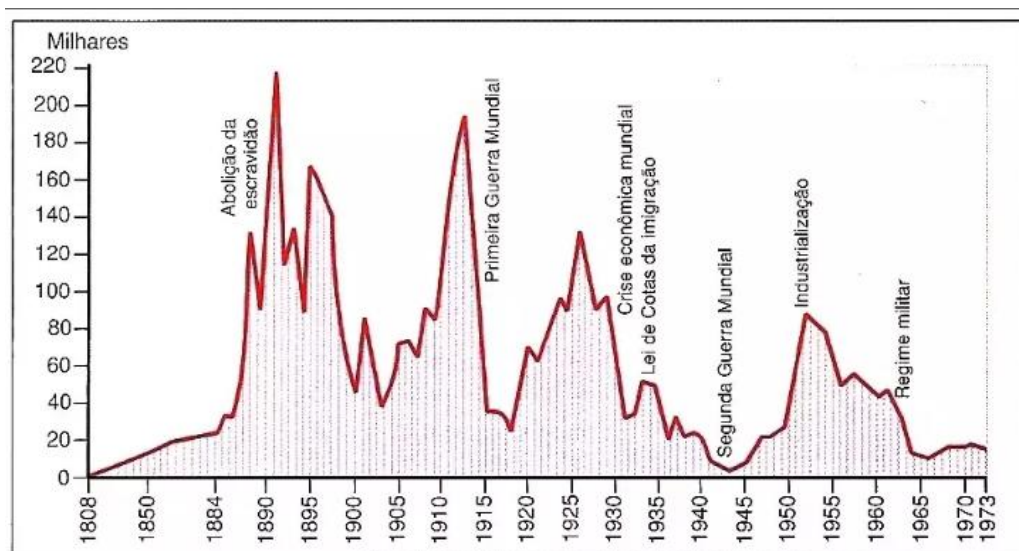
2.5.2. As etnias e minorias no Brasil hoje em dia

Era Vargas (com uma pausa entre 1945-1951) durou até 1954. Depois do seu suicídio são os anos de 1954 a 1956 marcados pela instabilidade econômica e não se presta muita atenção aos imigrantes. Subsequentemente é eleito como o presidente do Brasil o descendente dos imigrantes tchecos Juscelino Kubitschek, cuja presidência é conhecida como era de prosperidade e desenvolvimento do país, inclusive a fundação da nova capital, Brasília. Desse período (1955-1959) pode nos dar ideia sobre o fluxo dos imigrantes a estatística de IBGE, segundo a qual vieram nesses anos para o Brasil a cerca de 248 mil de pessoas; a maior parte desse número são os portugueses (96 811). Podemos implicar que isso foi causado pelo regime do Estado Novo de Salazar em Portugal, onde a emigração tornou-se um crime só em 1961.⁶⁴ Também ajudou o fato que no Brasil se fala a mesma língua e os dois países têm ligações históricas.

Os anos da presidência de Juscelino Kubitschek favoreceram entrada dos imigrantes que vieram por causa da modernização e industrialização rápidas do país (o lema de Kubitschek foi 50 anos em 5, ou seja a tentativa de fazer progresso de uma metade do século em 5 anos do seu mandato). Como vemos na fonte⁶⁵ de geógrafo brasileiro Melhem Adas, esses foram os últimos anos da grande imigração para o Brasil, contudo, em comparação com as décadas anteriores, já não se trata das grandes ondas.

⁶⁴ <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/12653/ditadura-de-salazar-e-emigracao> (acessado em 27.4.2017).

⁶⁵ Melhem Adas, *Panorama geográfico brasileiro* (São Paulo: Moderna, 2004), p. 286.



O estabelecimento do Regime Militar (1964-1985) não só desencorajou os imigrantes potenciais, ademais dificultou a vida dos estrangeiros e descendentes dos imigrantes que já viviam no Brasil. Aqueles foram perseguidos, torturados e mortos por razões da “segurança nacional”.⁶⁶ Depois da queda do Regime, o Brasil tornou-se o país da emigração por causa do desemprego, crise econômica e desenvolvimento tardio.

No início do século XXI o Brasil se estabeleceu como um país multicultural e composto por várias nações e etnias mas não por causa da imigração intensa depois da queda do Regime Militar mas por causa da imigração prévia no final do século XIX e na primeira metade do século XX: muitos brasileiros nascidos no país têm ascendência estrangeira, principalmente europeia.

Quanto à situação dos imigrantes atuais e a composição da sociedade brasileira segundo as nacionalidades, hoje em dia a Polícia Federal registra só 0.9% dos estrangeiros (1 847 274)⁶⁷, dos quais há 1 189 947 sob a categoria de imigrantes permanentes.

Em relação à imigração para o Brasil hoje em dia, depende muito da origem do candidato e das razões da sua imigração. Em geral, Brasil deixou de ser o grande recipiente dos estrangeiros, devido às péssimas condições econômicas nos últimos anos (ao contrário de previsões otimistas do início do milênio⁶⁸) prevalece a tendência dos brasileiros de abandonar o país.

⁶⁶ <http://midiacidade.org/o-terrorismo-do-estado-brasileiro-contra-os-estrangeiros-durante-a-ditadura-civil-militar-1964-1985/> (acessado em 18.4.2017).

⁶⁷ Dados de março de 2015: <http://exame.abril.com.br/brasil/o-panorama-da-imigracao-no-brasil/> (acessado em 20.4.2017).

⁶⁸ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/20/internacional/1471689474_658507.html (acessado em 21.4.2017).

Mesmo que não seja possível analisar a composição da sociedade brasileira em relação aos imigrantes que vivem no país, podemos pelo menos observar a consequência da imigração de longo prazo e do conceito de *whitening* em relação à composição racial do país.

Segundo os dados mais recentes do Censo de 2010, que já mencionámos anteriormente, os brancos compuseram quase 48% da população, seguidos pelos pardos com quase 44%. O que é interessante, em comparação com o Censo de 1991 e 2000, esta foi a primeira vez que o número dos brancos não ultrapassou os 50%, ao contrário, continua diminuindo enquanto o número dos pardos aumenta.⁶⁹ Observamos então o certo padrão na demografia brasileira: enquanto se misturavam as três raças fundadoras, prevaleceriam os misturados, na época do *whitening*, a elite política conseguiu reverter a direção não desejada e aumentar o número dos brancos e hoje em dia, quando o Brasil não promove a imigração, o grupo de pardos cresce de novo e o número dos brancos continua diminuindo. Disso podemos concluir que o *whitening* conseguiu atingir seu objetivo, mesmo que fosse temporariamente.

Contudo, os dados do Censo não são uniformes para o país inteiro: o Brasil é dividido em 5 regiões principais e em certas zonas prevalece uma ou outra etnia. Devido ao fluxo dos imigrantes europeus ao Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), ali o número dos brancos ultrapassa os 75%. O Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais) e o Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal e Goiás) são habitados mais ou menos uniformemente por várias raças. O Norte (Roraima, Amapá, Amazonas, Acre, Rondônia, Pará, Tocantins) é composto principalmente por pardos (cerca de 67%) e o Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) – nas zonas com muitos engenhos de cana-de-açúcar – prevalecem pardos e negros (a cerca de 70% juntos).⁷⁰

Concluimos com estes dados sobre o Brasil atual esta parte do trabalho que pretendeu fornecer os aspectos gerais da imigração, as suas razões e realização do ato. No próximo capítulo vamos nos concentrar na imigração tcheca e eslovaca.

⁶⁹ Gabriele dos Anjos, „A questão 'cor' ou 'raça' nos censos nacionais“, in *Revistas Eletrônicas Indicadores Econômicos FEE*, vol. 41, n. 1 (Porto Alegre: 2013), p. 111: Em 1991 e 2000 houve no Brasil 51.6% e 53.7% dos brancos respetivamente e 42.6% e 38.9% dos pardos respetivamente. Disponível em <http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/2934/3163> (acessado em 27.4.2017).

⁷⁰ IBGE, *Censo Demográfico: Características da população e dos domicílios* (Rio de Janeiro: IBGE, 2011), p. 75-80. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf (acessado em 27.4.2017).

3. História da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil

3.1. Compreensão dos termos *tcheco*, *eslovaco* e *tchecoslovaco*

Antes de olharmos para o tema principal do nosso trabalho, cabe definir os termos usados. O trabalho lida com a imigração tcheca e eslovaca, como se falasse de dois países separados que não têm nada a ver um com o outro, mas o assunto é mais complexo.

Primeiro, decidimos incluir os dois povos por causa da história comum que compartilharam nos anos 1918-1939 e 1945-1993, na existência da Tchecoslováquia; assim a denotação *tchecoslovaco(a)* tem a limitação bem clara: trata-se de pessoas que nasceram na Tchecoslováquia nessa época ou têm antecedentes daí. Contudo, levamos em conta também a proximidade anterior das duas nações do ponto de vista histórico, cultural ou linguístico, mesmo que não tivessem sido juntados numa unidade política.

Explicando uma parte de história, gostaríamos de esclarecer uso de denominações *tcheco(a)* e *eslovaco(a)*. Vamo-nos referir à nacionalidade segundo o território atual onde as pessoas nasceram, sem levar em conta qual era a época histórica ou o nome da dada região na altura.

Falta ainda esclarecimento de estatísticas de número dos imigrantes que vão ser usadas no trabalho: têm que ser aceitas com uma certa reserva como na altura do Império Austro-húngaro ainda não existiu controle tão preciso para mapear o movimento migratório e registrar os números de pessoas emigrantes, tal como seu destino. Além disso, no século XX houve vários motivos, principalmente políticos, para fugir do país, o que não foi legal, então não há registros oficiais. Por causa disso, os dados numerais são só estimados. Os dados fornecidos, que conseguimos obter de várias fontes disponíveis das estatísticas do país da origem e do país da chegada, são aproximados e não mapeam todas as saídas dos tchecos e eslovacos para o Brasil. Noutro lado achamos, que mesmo que se trate só de uma estimativa, esses números nos podem dar a melhor ideia sobre a situação e nos permitem comparar a imigração tcheca a eslovaca para o Brasil com aquela das outras nações.

3.2. A cronologia da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil

3.2.1. O surgimento do interesse pelo Brasil entre os tchecos e eslovacos nos séculos XVI-XVIII

Falando da época relativamente comprida, de 3 séculos, temos que dizer que na maioria desse período não se pode falar da imigração coletiva e massiva e por isso, não existem registros ou estimativas sobre o número de pessoas da origem tcheca ou eslovaca que vieram para o Brasil. Pelo contrário, as fontes nos informam sobre os individuais que viajaram para o país, para uma estadia de curto ou longo prazo, por causas relacionadas à sua profissão: trata-se dos jesuítas, viajantes ou cientistas. Mesmo que exista uma lista bastante comprida de individuais que se referiram ao Brasil nas suas obras ou atuaram no país, como é principalmente o caso dos missionários jesuítas, fazemos aqui só um resumo curto dos nomes mais conhecidos entre os séculos XVI e XVIII.

Logo desde o descobrimento do Brasil em 1500, temos várias informações e referências na Europa central sobre uma nova terra. Zigmund de Púchov, um acadêmico da origem eslovaca que residia em Praga, refere-se na sua obra *Kozmografia česká (Cosmografia tcheca)* publicada em 1554 à colonização do continente americano e inclui as notícias do Brasil. Outros autores, Pavel Slovák e Matěj Cyrus, traduziram a obra de Jean Lery *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* e contribuíram para a propagação do conceito de *bom selvagem*.

Em 1584 foi publicada a obra *Krátky spis o zlatém budoucím a již nastávajícím věku (Um breve relatório sobre a boa época futura e já chegada)* de Václav Budovec de Budov, onde o autor se refere à contínua colonização do Brasil e menciona a existência da França Antártica.

A primeira pessoa conhecida por viajar para o Brasil era o jesuíta tcheco Jiří Plachý-Ferus. Em 1630 publicou a sua obra *Mapa katolická, neb Obrácení národův všeho světa (O Mapa católico ou Catequização de todas as nações do mundo)*, descrevendo suas próprias experiências no Brasil onde participou numa missão católica. Plachý também fornece a descrição detalhada dos índios e dos seus costumes.

Na era da ocupação holandesa no nordeste do Brasil durante o século XVII, foram para a *Nova Holanda* o médico Šimon Kohout de Lichtenfeld ou soldado Jiří Kryštof Kaplíř que passou um ano em Recife e participou na Batalha dos Guararapes (1648-1649), onde foi morto.

Na segunda metade do século XVII, viajou para o Brasil o astrônomo e jesuíta olomoucense Valentin Stansel, que ensinava e até dirigia o *Colégio do Terreiro de Jesus* em

Salvador. Graças às suas atividades pedagógicas e científicas no campo das ciências naturais, Stansel contribuiu para o desenvolvimento delas no Brasil. Outro jesuíta, Jan Gintzel, dedicou-se à missão religiosa e passou mais que 45 anos vivendo em vários lugares do Brasil. Além das outras atividades, fundou o *Real Hospício de Ceará*, onde morreu em 1743. Pela presença dos jesuítas tchecos, espalhou-se pelo Brasil a referência a João Nepomuceno que será mencionado mais tarde.

3.2.2. A primeira metade do século XIX

A primeira metade do século XIX ainda não trouxe muitos imigrantes tchecos ou eslovacos para o Brasil: na altura a imigração não foi promovida, ao contrário, foi limitada pelas leis do Império Austríaco de 1784 e 1832.⁷¹

O interesse e a consciência sobre o Brasil na Europa central aumentou no início do século XIX graças à origem austríaca da arquiduquesa Maria Leopoldina que se casou com o futuro Imperador do Brasil, Pedro I. Na altura do casamento, a família real portuguesa já tinha vivido na colônia por 10 anos e na sua chegada ao país, Maria Leopoldina foi acompanhada por vários acadêmicos e cientistas europeus. Na altura, veio o naturalista tcheco Jan Emanuel Pohl, que depois de várias explorações do interior brasileiro publicou em Viena dois volumes de *Plantarum Brasiliae icones et descriptiones*, que mapearam a flora brasileira. Além disso, ele contribuiu para a fundação do Museu da História natural no Rio de Janeiro. Nos anos 1846-1847, o fidalgo, médico e botânico Bedřich Bertold de Uherčice fez uma viagem pelo Brasil e Paraguay com o fim de pesquisas botânicas. O país atraiu não só os cientistas mas também os artistas: Ferdinand Stanislav Krumholz, o pintor tcheco, pintava os retratos dos cidadãos importantes do Rio de Janeiro e dos membros da família real entre os anos 1848-1852.

As pessoas da origem tcheca ou eslovaca publicamente conhecidas, que certamente divulgaram a consciência sobre a existência da(s) suas pátria(s), foram mencionadas em numerosas fontes, contudo, mais em relação às suas contribuições profissionais, do que em relação à sua atuação de curto ou longo prazo no Brasil. Mesmo assim, sentimos que umas delas merecem ser mencionadas, então no final do capítulo pretendemos dar uma olhada aos tchecos e eslovacos mais famosos e conhecidos até entre os brasileiros. Contudo, por agora pretendemos

⁷¹ Isso se aplica aos imigrantes tchecos porque antes de 1867, quando ocorreu o Compromisso Austro-húngaro que uniu o Império Austríaco e o Reino Húngaro, pertenciam ao Império Austríaco. Noutro lado, os eslovacos pertenciam ao Reino Húngaro e não há informações sobre as possíveis leis que restringiam ou apoiavam a emigração dos eslovacos. Por isso, podemos supor que não houve muitos tchecos e eslovacos que se foram para o Brasil nessa altura.

concentrar-nos em particular na imigração colectiva de pessoas “anônimas”, sobre qual não há muitas fontes. Quanto aos números dos tchecos e eslovacos que partiram para o Brasil, podemos referir às informações da parte do país da origem ou do país da chegada e como veremos nas próximas linhas, essas são apenas estimativas. No lado do país da origem, existiam os registros do Império chamados *Emigrationstabellen*, contudo, esses foram realizados só no período curto, entre os anos 1820 e 1824⁷² e registraram todos os habitantes do Império numa categoria.

3.2.3. Da segunda metade do século XIX a 1926

Neste subcapítulo vamos nos concentrar no período a partir de 1850, quando Império Austríaco moderou as restrições da emigração e em 1867, depois do Compromisso, limitou o dever de pedir a licença para emigrar apenas às pessoas obrigadas ao serviço militar compulsório.⁷³ Desde então, lentamente se iniciou o fluxo dos individuais ou grupos pequenos que buscavam a terra e emprego fora da pátria; lentamente porque obter a permissão para emigrar e receber um passaporte necessário para o ato demorou até 3 anos.⁷⁴ O fim do período discutido nesta parte é o ano 1926 porque nos vamos referir às duas estimativas disponíveis da década de 1920 que se parcialmente sobrepõem e cobrem o período até o ano 1926.

O Brasil começou a registrar os imigrantes só a partir de 1868 e esse *Serviço de Povoamento* registrou todos os chegantes do Império Áustro-húngaro numa categoria, não levando em conta que foi composto por várias nações.

Uma pessoa que se dedicou ao mapeamento da situação migratória foi Vlastimil Kybal, o diplomata da Tchecoslováquia no Brasil que estudou os documentos e estatísticas do *Serviço de Povoamento* e calculou uma estimativa de 7000 tchecos e eslovacos que entraram no Brasil entre 1868 e 1920.⁷⁵ Além do problema de falta de subcategorias de nações em relação a migração do Império Áustro-húngaro, Kybal sublinha também o caos que surgiu depois da fundação da Tchecoslováquia em 1918, quando o novo país precisava de tempo para conseguir funcionar e prestar todos os serviços burocráticos aos seus cidadãos.

Outra fonte à qual nos podemos referir é de Stanislav Klíma, cujo livro *Čechové a Slováci za hranicemi (Tchecos e eslovacos no estrangeiro)* lida também com a situação no

⁷² Jan Klíma, *Dejiny Brazílie* (Praha: Nakladatelství Lidové noviny, 2011), p. 380.

⁷³ Idem, 379.

⁷⁴ Josef Polišenský, *Úvod do studia dějin vystěhovalectví do Ameriky I.: Obecné problémy dějin českého vystěhovalectví do Ameriky 1848-1914* (Praha: Univerzita Karlova, 1992), p. 17.

⁷⁵ Vlastimil Kybal, *Jižní Amerika a Československo: s přehledem obchodní, finanční a emigrační činnosti jiných národů* (Praha: Literární výbor obchodního spolku Merkur, 1928), p. 144.

Brasil. Segundo ele, depois da Primeira Guerra Mundial, encontraram-se no Brasil 1500 tchecos e eslovacos que viviam principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo (a cidade e o estado), em Porto Alegre e no estado do Rio Grande do Sul. A maioria foram trabalhadores, poucos foram os proprietários das fazendas ou fábricas.⁷⁶ Isso apoia a ideia geral que os imigrantes tchecos ou eslovacos normalmente não sucederam em dominar grandes empresas ou significativamente atuar em nenhum tipo particular de negócio.

Comparando só essas duas estimativas, mesmo que sejam dos períodos diferentes, já podemos observar que os números não concordam: Kybal estima quase 5 vezes mais tchecos e eslovacos no Brasil na época até 1920, que Klíma. Isso confirma a nossa constatação inicial que a imigração tcheca e eslovaca para o Brasil é um assunto mal-mapeado e deixa muitas perguntas que hoje em dia, sem fontes relevantes, são difíceis de responder.

Subsequentemente na década de 1920, notou-se no Brasil a existência de novo país, Tchecoslováquia, e isso foi levado em conta nas novas estatísticas da emigração das autoridades brasileiras, contudo, essas continuavam imprecisas. Dessa época temos à disposição duas estimativas dos imigrantes tchecoslovacos (neste caso não se pode distinguir entre o tcheco ou eslovaco porque a nacionalidade única foi a tchecoslovaca): uma do Brasil e outra da Tchecoslováquia. O que causa o maior problema é, que mesmo que se sobreponham (a brasileira foi feita entre os anos 1920-1925 e a tchecoslovaca entre os anos 1922-1926), não concordam.

Vladimír Kybal se dedicou ao estudo e interpretação desses dois registros e em seu livro explica que a discordância surge do método diferente do registro dos imigrantes: o registro tchecoslovaco foi baseado em número dos passaportes emitidos particularmente para o Brasil e corrigido por estatísticas de pessoas aceitas ao transporte para além do mar, mas não leva em consideração as pessoas que vieram para o Brasil do outro país,⁷⁷ como explicaremos no exemplo concreto. Por isso, *O Serviço de Povoamento* registrou nessa altura 2228 emigrantes tchecoslovacos, enquanto a estimativa da Tchecoslováquia consta só 982 pessoas; de novo, trata-se de uma diferença bastante grande. Em geral, o registro brasileiro é considerado mais confiável porque conta com as pessoas que acabaram por realmente entrar no território brasileiro.

Surge uma pergunta crucial: como é que é possível que oficialmente chegaram mais pessoas para o Brasil do que foram registrado para esse destino na Tchecoslováquia? Temos uma amostra autêntica de como é que podia acontecer: durante a nossa pesquisa encontramos

⁷⁶ Stanislav Klíma, *Čechové a Slováci za hranicemi* (Praha: J. Otto, 1925), p. 172, tradução nossa.

⁷⁷ Kybal, p. 142, tradução nossa.

o neto de um eslovaco que emigrou para o Brasil e ele nos forneceu o passaporte do seu avô. O problema principal que complicou o registro dos emigrantes na Tchecoslováquia é que em muitos casos o Brasil não foi o destino original deles. Neste caso, o homem eslovaco emigrou primeiro para a Itália em 1928 e só em 1934 se foi para o Brasil. Tudo isso é documentado no seu passaporte graças aos carimbos e datas. Primeiro, encontra-se ali a informação que o passaporte é válido para a Itália com a confirmação do consulado italiano em Bratislava. Todavia, uns anos depois, a validade do passaporte é estendida para o Brasil, mas isso já é realizado no consulado eslovaco em Milão, não na Tchecoslováquia. Afinal, no fim do passaporte encontramos a confirmação da chegada desse homem ao Rio de Janeiro e os carimbos do Serviço de Imigração na mesma cidade e do consulado tchecoslovaco em São Paulo. Sabemos então que a chegada do cidadão tchecoslovaco para o Brasil é registrada pelo lado brasileiro e tchecoslovaco no Brasil. Todavia, não sabemos como foi a comunicação dos consulados no estrangeiro (seja de Milão ou de São Paulo) com as autoridades na pátria, mas se eles não as tenham informado, nos registros tchecoslovacos esse homem fica registrado como emigrante para a Itália; a não falar que essa é só uma prova da imprecisão dos registros e podiam ter ocorrido muitas outras que causaram as grandes diferenças entre as estatísticas.

Voltando ao Vladimír Kybal, ele argumenta que desses 2228 tchecoslovacos registrados teríamos que descontar aqueles que não ficaram no Brasil (mudaram-se para o outro país ou voltaram à pátria).⁷⁸

Outro historiador que se dedica ao problema mais tarde, Ivo Barteček, estima que nessa época chegaram ao Brasil 700-800 tchecoslovacos.⁷⁹

Para resumir, há umas razões que nos impedem a ser mais exatos nas estimativas: 1. a imprecisão dos registros em relação as nacionalidades dentro do Império, 2. o registro incompleto e confuso na época de transição à Tchecoslováquia, 3. o fato que não todos que pediram a emigração para o Brasil na verdade chegaram ao país, 4. o fato que as pessoas que não pretendiam ir ao Brasil acabaram lá, 4. as pessoas que não ficaram no Brasil, 5. a única nacionalidade *tchecoslovaca* que nos não deixa distinguir entre os tchecos e eslovacos.

Desse período podemos mencionar um projeto tchecoslovaco da imigração intencional para o Brasil que ocorreu no final da década de 1920. František Eichler, o cônsul tchecoslovaco no Brasil, trouxe informações sobre as condições de colonização no estado de Paraná, que considerava ótimas. Em 1928, apresentou o seu futuro projeto no terceiro congresso da Emigração tchecoslovaca, apoiado por viajante tcheco František Čech-Vyšata e o cônsul

⁷⁸ Kybal, p. 143, tradução nossa.

⁷⁹ Ivo Barteček, *České a slovenské vystěhovalectví před druhou světovou válkou* (Praha: Orientální ústav ČSAV, 1989), p. 173.

honorário de Paraná, Josef Hájek. Desde que a exportação do chá para a Argentina diminuiu, foi necessário cultivar outros produtos e o trigo pareceu a melhor opção: a terra paranaense foi fértil e adequada e ao mesmo tempo, o Brasil ia resolver a sua dependência da importação dele dos EUA ou da Argentina. Na Tchecoslováquia surgiram vários planos de realização do projeto, o melhor foi proposto por agrônomo Zdeněk Gayer. Calculando os hectares da terra precisa para a realização do projeto e quantia do trigo que conseguiria satisfazer o consumo doméstico e também a exportação, chegou à conclusão que eram precisas 20 000 famílias divididas em 200-400 colônias. O terreno necessário para o projeto não ia ser só a terra para cultivar o trigo, mas também o espaço para construir essas colônias, a cerca de 1 200 000 hectares. Essas áreas iam ser subsequentemente divididas até que cada família teria seu pedaço do solo. Nos seguintes dez anos, uma metade (30 ha) ia ser usada para a cultura dos produtos definidos pelo Brasil, a outra podia ser usada à vontade da família. Depois desses 10 anos, a família podia tornar-se o dono da terra.

O projeto pareceu ideal, contudo, havia um problema: nessa altura o Brasil já não distribuiu a terra de graça e tinha as suas próprias condições a ser cumpridas se alguém pretendia imigrar ao país. Depois de negociações com o governo brasileiro, Gayer levou 100 pessoas representando 50 famílias pequenas ao Brasil para experimentar a sua teoria em pequena escala. Infelizmente, a Grande Depressão iniciada em 1929 parou o apoio brasileiro aos colonos; porém não apagou a vontade no lado tchecoslovaco. Surgiram novas propostas sobre a futura colônia Nová Vlast (Nova Pátria) que conseguiu obter a terra da companhia Cia de Terra Norte, que se dedicou ao parcelamento e venda de terras no estado de Paraná. Em 1931, chegaram ao Brasil 80 pessoas que se assustaram com as condições primitivas e o trabalho duro e a maioria delas voltou à Tchecoslováquia. Todavia, esse insucesso inicial não impediu as futuras tentativas nem do tchecoslovacos, nem das outras nações.⁸⁰

3.2.4. O período de 1926 a 1937

Chegamos ao período marcado pelo estabelecimento do regime de Getúlio Vargas que, como já mencionámos, não foi muito em favor dos imigrantes e promoveu a campanha de nacionalização.

O lado positivo é que graças a Barteček, temos à disposição umas estimativas precisas e confirmadas desse período. De novo, escolhemos os anos que o limitam dependente das

⁸⁰ Barteček, *Československá kolonizace v Brazílii*, p. 237-251.

estatísticas realizadas que funcionam como pontos de orientação no mapeamento da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil.

Barteček conseguiu, graças aos jornais da época, *O Diário Popular* e *Correio Paulistano* obter os dados sobre os tchecoslovacos em São Paulo: em 1929, viviam em São Paulo 1261 tchecoslovacos e até o ano 1934 chegaram 546 mais. Comparando as fontes anteriores com as informações de década de 1930, Barteček calcula, que desde 1868 até à véspera da Segunda Guerra Mundial, chegaram para o Brasil 8700-10 000 tchecos e eslovacos; o primeiro número sendo o mínimo da estimativa das fontes tchecas e o segundo número representando o máximo da estimativa brasileira.⁸¹

Outra fonte do compatriota eslovaco Ján Vrtielka, que se dedica à presença dos eslovacos fora da pátria, estima que antes da Segunda Guerra Mundial viveram no Brasil a cerca de 4500 eslovacos que podem ser divididos em 2 grupos: primeiros foram os lavradores que começaram a instalar-se no interior do Brasil a partir da década de 1920 e os outros que se dirigiram às maiores cidades como São Paulo ou Londrina na década de 1930.⁸²

Esse período é também ligado ao estabelecimento de umas colônias experimentais habitadas pelos tchecos e eslovacos que planejou o agrônomo Zdeněk Gayer, o que já foi mencionado anteriormente.

Como constatámos, quando se fala da ocupação dos imigrantes tchecos e eslovacos, normalmente pertenciam à classe operária nas cidades industriais ou nos seus arredores. Aqueles que viviam no campo se dedicaram à lavoura.

3.2.5. O período de 1938 a 1989

O seguinte subcapítulo vai resumir a emigração da Tchecoslováquia nos tempos turbulentos que deu aos cidadãos vários motivos para abandonar o país. Este subcapítulo marca o período desde 1938 (como a nossa estatística anterior se refere ao período até 1937), que também já pode ser definido como a véspera da Segunda Guerra Mundial, até ao fim do comunismo na Tchecoslováquia (que foi, indiretamente, a consequência da guerra). Os acontecimentos históricos e políticos desempenharam o papel importante na emigração e também dificultaram os registros precisos de pessoas que saíram da Tchecoslováquia.

Primeiro, em março de 1939, a Tchecoslováquia foi dividida por manipulações de Hitler e surgiu o Estado Eslovaco, um estado fantoche clerofascista, e o Protectorado da Boêmia

⁸¹ Barteček, *Československá kolonizace v Brazílii*, p. 237-251.

⁸² Ján Vrtielka, „Slováci v Brazílii a okolitých štátoch“, 2003. Disponível em <http://www.kultura-fb.sk/new/old/archive/3-4-7.htm> (acessado em 20.3.2017).

e Morávia. Com outros acontecimentos na véspera da Guerra e atmosfera muito pesada na Europa, muitas pessoas começaram a fugir do país. Por isso, durante a Guerra nem se pode falar dos emigrantes ou da emigração porque normalmente se tratava de uma fuga perigosa com o risco de morte.

Após a Segunda Guerra Mundial, reinstalou-se em 1945 a Tchecoslováquia, mas já com a clara transição do estado democrático inspirado no regime francês ou britânico à democracia popular sob a influência da União Soviética. Nos três anos da democracia formal, muitas pessoas fugiram do país de novo por causa dos prognósticos pessimistas sobre o futuro da Tchecoslováquia. Fizeram bem, porque em fevereiro de 1948, o golpe ou *O Fevereiro Vitorioso* mudou o regime político para os seguintes 41 anos; o Partido Comunista da Tchecoslováquia assumiu o controle sobre o país e iniciou uma nova época acompanhada de perseguição dos inimigos do estado pela Segurança Pública, proibição da oposição política ou encerramento das fronteiras para Oeste. Assim surge outro problema de registrar os emigrantes porque na verdade nessa época se trata dos refugiados que abandonaram o país ilegalmente.

No final da década de 1960, podemos falar de certo livramento do regime e democratização do país graças à atuação política de Alexander Dubček, a assim chamada Primavera de Praga (1968), cujo nome simbolizava o positivismo do novo início. Essas tendências não foram aceitas pelos líderes soviéticos e resultaram na invasão militar da Tchecoslováquia pelos países do Pacto da Varsóvia sob a liderança da União Soviética em agosto de 1968. Na prática, o ato trouxe mais opressão, perseguição e reforço do Partido Comunista.

Apesar da presença dos exércitos soviéticos na Tchecoslováquia a partir de 1968, o regime gradualmente começou a enfraquecer; isso foi causado pelas revoltas contra ele também nos outros países comunistas. A década de 1980 iniciou o lento processo do declínio do comunismo na Europa indiretamente apoiado pela própria União Soviética que entrou na segunda metade da década com as reformas de Perestrojka graças ao líder Michail Gorbačov. A situação culminou em 1989, no ano de emancipação na Polônia, Húngria ou Bulgária. Na Tchecoslováquia houve em novembro desse ano a assim chamada *Revolução de Veludo*, cujo nome implica o caráter pacífico do ato.

Na história tchecoslovaca pós-bélica podemos então destacar alguns pontos que deram as razões graves para emigrar: 1. a época pré-golpista (1945-1948), 2. após o golpe de 1948, 3. após a invasão de 1968, 4. o final dos anos de 1980 quando já se previa o fim do regime comunista e houve maior consciência sobre os países democráticos ocidentais, mais contato com o estrangeiro e menor risco de ser perseguido por causa da emigração.

Difícilmente podemos obter os dados concretos sobre as pessoas que emigraram para o Brasil nessa época; a fuga foi ilegal e não registrada no país de saída. A única opção para estimar o número dos tchecoslovacos é confiar nos registros brasileiros. Aqui surge um problema que já tínhamos mencionado: muitas vezes a pessoa que saiu da Tchecoslováquia passou por vários outros lugares e chegou para o Brasil como o “cidadão” do outro país. Entre os anos 1948-1989 fugiram da Tchecoslováquia 200 000 pessoas em total, a primeira onda massiva após o Golpe com 25 000 refugiados e após a Invasão com 70 000. Entre os dois grandes momentos, havia barreiras eletrificadas e forças armadas nas fronteiras que dificultaram as tentativas e em certos anos, só 250 pessoas conseguiram fugir.⁸³

Segundo o historiador Ivo Barteček, o Brasil figura como o segundo país sulamericano com o maior número dos imigrantes tchecos e eslovacos depois da Argentina. Trata-se de centenas de tchecoslovacos que fugiram para esta parte do mundo na época do comunismo, nessa altura foi interesse pelo Brasil ainda maior do que pela Argentina.⁸⁴ Argentina registrou a grande diminuição dos imigrantes a partir de 1950 porque não houve mais terra fértil disponível; esses decidiram voltar à Europa ou tentaram instalar-se em outros países sulamericanos e como a Argentina e o Brasil foram os dois destinos mais frequentes, o interesse pelo Brasil aumentou.⁸⁵

O número já mencionado, 200 mil tchecoslovacos que fugiram, não pode ser analisado em termos do destino desses refugiados. Barteček se refere ao número 10 mil imigrantes tchecoslovacos no Brasil na entrebélica e 5 mil no final do século XX.⁸⁶

À situação migratória a partir da queda do regime comunista vamos-nos dedicar no capítulo separado.

3.3. As regiões

Agora, já que resumimos cronologicamente o fluxo dos imigrantes tchecos e eslovacos para o Brasil, cabe observar também as zonas onde se instalaram e deixaram seus vestígios. Existem umas fontes que fornecem informações parciais sobre a localização dos tchecos e eslovacos no Brasil.

⁸³ <http://www.totalita.cz/vysvetlivky/emigrace.php> (acessado em 20.4.2017).

⁸⁴ Ivo Barteček, „Česi a Slováci v Jižní Americe“, in *Listy, Dvuměsíčník po kulturu a dialog*, vol. 3, (2004), disponível em <http://www.listy.cz/archiv.php?cislo=043&clanek=030430> (acessado em 25.4.2017).

⁸⁵ <http://historiaybiografias.com/inmigracion/> (acessado em 26.4.2017).

⁸⁶ Barteček, „Česi a Slováci v Jižní Americe“ (acessado em 25.4.2017).

Além da sua presença na cidade do Rio de Janeiro, cidade e estado de São Paulo, cidade de Porto Alegre e no estado do Rio Grande do Sul, que já mencionamos através da fonte de Stanislav Klíma, encontram-se no Brasil outros lugares relacionados aos tchecos e eslovacos e, como veremos nas linhas seguintes, em alguns casos não se trata só de zonas onde residiam mas também de cidades que (co)fundaram.

Vamos comentar sobre esses lugares segundo a divisão geográfica atual do Brasil: hoje em dia o país é dividido em 5 grandes regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Para nós são relevantes três delas: Centro-Oeste, Sudeste e Sul, porque nessas regiões registramos a presença tcheca e eslovaca.

3.3.1. Centro-Oeste

Esta região do Brasil compreende os estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal da capital Brasília. O estado que nos interessa é Mato Grosso do Sul que tem influência tcheca rica graças à Jan Antonín Baťa. Como pretendemos dedicar um subcapítulo à sua vida e presença no Brasil, mencionamos aqui só os fatos principais: Baťa foi um empresário tcheco da companhia que fabricava sapatos e durante seu exílio no Brasil entre 1941 até a sua morte em 1965 iniciou a colonização dos territórios nos estado do Mato Grosso do Sul e São Paulo, onde fundou 4 cidades: Batatuba (1941), Bataguassu e Mariópolis (1953) e Batayporã (1963). Neste subcapítulos falaremos de Bataguassu e Batayporã que se encontram no estado de Mato Grosso do Sul.

Para fundar Bataguassu, Baťa comprou as terras pela Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso e escolheu o lugar perto do Rio Pardo e mais tarde comprou também a própria Companhia.⁸⁷ Primeiro construiu as casas para os seus funcionários, uma pequena igreja, e montou várias instalações úteis: serraria, cerâmica, leiteira, granja, etc. Planejou o loteamento urbano e rural e em 1945 Bataguassu tornou-se a sede do então Distrito de Ivinhema, fazendo parte do município de Entre Rios, atual rio Brilhante. Hoje em dia, encontra-se na cidade Escola Estadual Professor Ladislau Deak Filho, que leva o nome do primeiro prefeito de Bataguassu que sugere a origem tcheca.⁸⁸ Entre os primeiros colonos foi um amigo de Baťa, Vladimír Kubík, que trabalhava como administrador da Companhia. Junto com seu filho Vladimir José, lançaram loteamentos de Bataguassu e Vladimír José vive em Bataguassu até hoje.

⁸⁷ <http://www.bataguassu.ms.gov.br/acidade/historia.php> (acessado em 27.4.2017).

⁸⁸ Idem.

Provavelmente a cidade mais popular fundada por Baťa é Batayporã. Além dele, participaram na construção da cidade outros dois tchecos, o já mencionado Vladimir Kubík e o gerente da Companhia, Jindřich Trachta. Essa cidade é hoje em dia considerada a mais tcheca no Brasil: em Batayporã encontra-se o Consulado Honorário da República Tcheca, dirigido por Evandro Amaral Trachta e Silva, o neto de Jindřich Trachta. Em geral, mantém-se bom conhecimento da história e a situação atual da República Tcheca: na altura vivem lá 3 famílias com a ascendência tcheca (Zpěvák, Trachta, Dobeš)⁸⁹ mas não só elas seguem as tradições; a partir do ano 2005, ensina-se tcheco na escola local e cada ano a cerca de 30 pessoas se inscrevem no curso. Hoje em dia, Batayporã tem 12 000 habitantes e os bisnetos de Jindřich Trachta são a quarta geração da família que continua vivendo lá.

3.3.2. Sudeste

A região de Sudeste é composta por estados de Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

No último nomeado foram fundadas duas cidades relacionadas a Jan Antonín Baťa. Em Batatuba, que hoje faz parte do maior município de Piracaia, ele construiu uma vila para 10 000 habitantes e uma fábrica de sapatos (e mesmo que tivesse fechado na década de 1980, a cidade de Piracaia desenvolveu a tradição da indústria calçadista).⁹⁰ Baťa convidou 25 famílias de Zlín para se instalar na futura cidade.⁹¹ Fundou a fábrica que, na sua melhor época, fornecia sapatos para grandes empresas inclusive para as Forças Armadas do Brasil.⁹² O nome da cidade foi composta pelas duas palavras: Bata do nome dele e tuba, o que significa “pai” em tupí-guaraní.

A construção de Mariápolis começou na década de 1940, quando Baťa construiu a primeira fazenda nessa zona. Determinou-se o território do futuro município – ainda em plena mata – e iniciou-se o lotamento urbano. Levou nome da esposa de Jan Antonín, Marie.

Quanto à vida cotidiana dos tchecos e eslovacos que foram para as cidades fundadas por Baťa, aqueles conseguiram emprego nas suas fábricas e dedicaram-se a produção dos sapatos.

⁸⁹ <http://remix.nicm.cz/z-cech-do-brazilie-cesta-za-krajany-2-dil/> (acessado em 25.4.2017).

⁹⁰ <http://www.piracaia.com/jan-antonin-bata-e-industria-de-calcados-bata/#prettyPhoto> (acessado em 27.4.2017).

⁹¹ <http://www.piracaia.com/jan-antonin-bata-batatuba-piracaia-sp/> (acessado em 27.4.2017).

⁹² Idem.

3.3.3. Sul

A última região que nos interessa é aquela do Sul, onde se encontram os estados de Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Uma das cidades relacionadas aos imigrantes tchecos (mais especificamente de Šumava)⁹³ é São Bento do Sul (Santa Catarina) fundada em 1873. Além deles se encontraram entre os fundadores e primeiros habitantes os imigrantes da Áustria, Bavária, Polônia e Tchecoslováquia posterior. A vida não foi fácil: as comunidades se instalaram basicamente no meio de florestas e matas grossas cheias de animais desconhecidos e tiveram que construir tudo do princípio. Subsequentemente tiraram a vantagem do ambiente natural que acercava a sua nova cidade e São Bento envolveu-se na produção de móveis e equipamentos feitos de madeira.⁹⁴

Uma colônia fundada pelo governo brasileiro em 1871 com o motivo de receber imigrantes europeus para espalhar a população brasileira pelo país foi Jaguari no interior do Rio Grande do Sul. Nessa colônia viveu um tcheco, Josef Egert, graças ao qual temos materiais autênticos da época sobre a vida nessa colônia. Como mencionámos no capítulo geral sobre a imigração, as condições não foram ideais e alguns países europeus proibiram a emigração para o Brasil. Josef Egert descreveu as suas experiências nas 11 páginas de uma carta que mandou à sua pátria. Menciona o trabalho duro, mas também nega a má imagem sobre o Brasil confirmando o apoio e ajuda do governo aos imigrantes que vieram para dedicar-se à lavoura.⁹⁵

Segundo Ivo Barteček, havia tchecos e eslovacos também nas pequenas colônias como Erechim, Guarany ou São Jerônimo no Rio Grande do Sul, Anitápolis em Santa Catarina, Itariri ou Nová Vlast no Paraná.

Justamente do Paraná temos uma fonte que fornece as informações de primeira mão sobre a vida de uma comunidade tchecoslovaca. Ján Čičmanec, em seu livro de memórias *Vyrastal som v brazílskej Bratislave (Cresci em Bratislava brasileira)*, descreve os início duros de pequeno grupo dos eslovacos no interior do estado a partir da década de 1930. O autor nasceu em 1933 numa aldeia perto de Prievidza (atual Eslováquia) à família pobre. Na altura já se falava do Brasil como do país de oportunidades mas a realidade foi segundo o autor diferente: “Quem já chegou com algum dinheiro, conseguiu enriquecer rápido, mas quem chegou sem nada, tinha uma vida dura.”⁹⁶ Como já sabemos, a partir do início do século XX, o Brasil teve

⁹³ Jan Klíma, p. 380.

⁹⁴ <http://www.saobentodosul.sc.gov.br/c/cidade-historia-sao-bento#.WQIoanISDlV> (acessado em 22.4.2017).

⁹⁵ Barteček, *Československá kolonizace v Brazílii*, p. 237-251.

⁹⁶ Ján Čičmanec, *Vyrastal som v brazílskej Bratislave* (Martin: Vydavateľstvo Matice slovenskej, 2012), p. 9.

interesse em habitar o interior desse estado por causa das terras férteis. O autor do livro chegou como parte de 30 famílias eslovacas que, graças ao dinheiro que tinham poupado antes da viagem, conseguiram comprar terra através de um mediante Jozef Hečko. Foi ele que promoveu a migração para o Brasil e cada vez que a companhia vendeu terra graças a ele, Hečko recebeu umas parcelas extra e podia convidar mais famílias. Devemos constatar que ao falar da compra e venda de terra, temos que levar em conta que além da própria terra, não havia nada mais. As parcelas vendidas aos imigrantes encontraram-se no meio de florestas onde faltavam casas, campos para cultivo, ferrovia ou qualquer conexão com outros lugares.

Graças a Karol Benedikti, outro imigrante eslovaco nessa zona, surgiu entre os anos 1931-1932 uma colônia chamada Bratislava, para onde se mudou a família Čičmanec por volta do ano 1936. Como Ján Čičmanec consta no seu livro, os anos 30 e 40 foram os melhores para a Bratislava; depois de 1948, a colheita continuava fraca e as pessoas abandonaram o lugar.⁹⁷ Os inícios foram muito difíceis, mas juntamente a comunidade conseguiu desenvolver a sua colônia, construir uma igreja e uma escola, o que foi muito comum nos núcleos dos imigrantes europeus. A construção da igreja foi realizada com a ajuda da comunidade eslovaca que se estabeleceu na mesma altura nos EUA: eles mandaram a cerca de 1000 dólares.⁹⁸ A relação à igreja foi muito forte a comunidade foi visitada duas vezes por ano pelos padres de São Paulo e Curitiba que eram eslovacos e ministravam as missas nessa língua, como já mencionámos no subcapítulo sobre a Era Vargas.⁹⁹

Essa pequena colônia de Bratislava fez parte de maior agrupamento chamado Nova Dantzig, mais tarde renomeado a Cambé que hoje em dia faz parte da Região Metropolitana de Londrina, que fica a 381 km da capital paranaense, Curitiba. Podemos constatar que o estado de Paraná foi o destino frequente dos emigrantes tchecos e eslovacos. Na altura houve na cidade Monte Alegre a filial da empresa Klabin que se dedicava à produção e exportação do papel onde, segundo o livro *Češi ve světe, příběhy (Os tchecos pelo mundo, os contos)*, trabalharam vários tchecos porque além do emprego a empresa forneceu alojamento às suas famílias.¹⁰⁰

Das fontes disponíveis que fornecem as informações sobre os tchecos e eslovacos no Brasil podemos deduzir que esses se normalmente dedicaram ao trabalho físico, sendo os lavradores ou pedreiros. Houve uns patriotas que se destacaram na sua profissão (como veremos

⁹⁷ Idem, p. 15.

⁹⁸ Idem, p. 20.

⁹⁹ Barion, p. 9.

¹⁰⁰ Klára Bachurová, „Květoslava Kohoutová“ e „Marcos Purkyt“ in *Češi ve světe: příběhy* (Praha: Dům zahraniční spolupráce, 2014), p. 13 e 31. Disponível em <http://www.dzs.cz/file/2161/Češi%20ve%20světě.%20příběhy.pdf> (acessado em 27.4.2017).

nos capítulos seguintes) mas em geral não se pode dizer que os tchecos ou eslovacos chegaram a dominar uma certa esfera de indústria ou negócios.

Levando em conta as regiões mencionadas neste capítulo, criámos um mapa abaixo que demonstra onde os tchecos e eslovacos se instalaram nas três regiões brasileiras.



Em relação às regiões, gostaríamos de mencionar aqui duas localidades que não foram fundadas pelos tchecos, mas têm certa referência para eles.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, ocorreu um massacre no então Protectorado da Boêmia e Morávia que esteve sob controle da Alemanha nazista: depois do assassinato do protector Reinhard Heydrich pelos pára-quedistas tchecoslovacos, Hitler, por vingança, decidiu completamente apagar uma pequena aldeia chamada Lidice: os homens foram mortos, mulheres e crianças levadas aos campos de concentração e a aldeia, inclusive a escola, igreja, cemitério e até árvores, foi completamente queimada e arrasada; o objetivo foi apagar Lidice do mapa mundial para sempre. Este ato chocou o mundo e logo depois do massacre cidades e aldeias de vários países começaram a mudar o seu nome, ou o nome de uma parte sua a Lidice para comemorar os mortos e espalhar o nome que Hitler queria apagar.

Assim surgiu Lidice, um distrito da cidade do Rio Claro no estado do Rio de Janeiro, que trocou seu nome original Santo Antônio do Capivari em 1944. Além dessa homenagem, encontra-se na cidade Colégio Estadual do Presidente Beneš, que leva o nome de Edvard Beneš, o então presidente do exílio. No passado, existia na cidade também o Ateliê tcheco-brasileiro

que apoiava a cooperação entre os artistas dos dois países, mas esse deixou de funcionar há alguns anos.¹⁰¹

Outro lugar com o nome semelhante podemos encontrar no estado da Bahia: trata-se de Nova Lidice, ou antigamente Vila Progresso, no extremo sul do estado.

Mais um lugar, cujo nome é ligado à história tcheca, é São João Nepomuceno no estado de Minas Gerais. A cidade foi fundada, segundo uma lenda, no ponto onde se encontrou uma capela desse santo e mártir, e assim recebeu seu nome mas também o aniversário que se comemora no dia 16 de maio, o dia oficial de João Nepomuceno. Em 2015, no 200º aniversário da fundação da cidade, receberam os cidadãos um presente da República Tcheca: uma relíquia do seu padroeiro.¹⁰²

Além dos nomes, trata-se mesmo desses poucos eventos comemorativos que lidam as cidades com a sua referência original; na vida comum, elas são tipicamente brasileiras, sem destacar ou manter tradições tchecas.

3.4. As pessoas da origem tcheca ou eslovaca que se destacaram com sua atuação no Brasil

Além da imigração coletiva que acabamos de mencionar nos capítulos anteriores, que foi mais ou menos anônima, há alguns nomes dos tchecos e eslovacos que se destacaram e deixaram os vestígios da sua atuação no Brasil. Trata-se de personalidades que se instalaram no país permanentemente, mas também daquelas que passaram no Brasil só uns anos mas mesmo assim conseguiram obter reconhecimento ali. No caso de pessoas que chegaram a viver no Brasil definitivamente podemos falar da imigração individual, não relacionada aos grupos que tínhamos mencionado.

Apesar da imigração insignificativa no sentido de números (em comparação com a italiana ou japonesa), existem várias personalidades que podemos mencionar. Obviamente, a lista pode ser muito mais longa, mas como o objetivo principal do trabalho não é só fornecer nomes e ocupações de pessoas, escolhemos alguns representantes em várias categorias. A lista contém mais tchecos o que é natural porque a República Tcheca tem duas vezes mais habitantes do que a Eslováquia e naturalmente também mais imigrantes e mais contribuidores.

¹⁰¹ Informação obtida em 2015 pessoalmente de referente cultural da cidade.

¹⁰² David Koubek, „Relikvii českého svätce se chlubi brazilské město São João Nepomuceno“ in *iRozhlas*, 18.5.2015. Disponível em http://www.rozhlas.cz/zpravy/amerika/_zprava/relikvii-ceskeho-svetce-se-chlubi-brazilske-mesto-so-joo-nepomuceno--1490968 (acessado em 27.4.2017).

3.4.1. Arte

Um dos primeiros artistas tchecos que se instalou no Brasil era a cantora de ópera Klementína Kalašová. Estudou canto em Praga e já aos 19 anos celebrou o início bem sucedido da sua carreira. Na volta dos EUA aceitou o convite do compositor Carlos Gomes e em 1880 desembarcou em Salvador. Ganhou muitos fãs, cuja admiração foi bem recebida na sua pátria e atuou em Salvador, Belém, Recife ou no Rio de Janeiro. Durante a sua vida, foi muito popular em Salvador e na ocasião da abolição da escravidão cantou nas festas de celebrações da libertação dos escravos.

Contudo, nesse ano, 1889, o contato da família com a artista se interrompeu. A última carta que Jaroslav Vrchlický, o poeta e admirador da Klementína mandou, voltou depois de uns meses com a única informação escrita no envelope: *Está morta*. 13 anos depois, em 1902, encontrou-se no Brasil o viajante tcheco, Alberto Vojtěch Frič, que descobriu o túmulo da artista com o epítáfo na língua materna: *Na shledanou (Adeus)*. Só depois de tanto tempo os parentes e amigos da Klementína em Praga chegaram a saber que ela tinha morrido em junho de 1889 da febre amarela.¹⁰³

Em 2015, no aniversário do falecimento dela, ocorreu em Salvador um evento de sua homenagem e o escultor tcheco David Vávra colocou a placa decorativa no túmulo para comemorar a contribuição artística da Klementína Kalašová.¹⁰⁴

Nas últimas décadas do século XIX, começou a viver no Brasil outro músico, Fred Figner. Nasceu em Tábor em 1866 e aos 15 anos da idade fugiu aos EUA. Na altura, Thomas Edison introduziu um aparelho de gravação que registrou e reproduziu os sons. Figner comprou um protótipo e foi para o Brasil onde começou a exibir a novidade para o público e as pessoas pagaram para poder gravar as suas vozes e depois escutá-las. Ele se tornou famoso e passou por várias grandes cidades brasileiras: Belém, Manaus, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Salvador. Quando chegou ao Rio, abriu a sua primeira loja, *Casa Edison*, onde vendia os primeiros fonógrafos. Apesar de limitações técnicas, gravava os discos que também vendia na loja e como o negócio sucediu, abriu mais uma loja em São Paulo. Trabalhando na área da música, Figner se tornou amigo de vários artistas. 40 anos após a sua morte, em 1987, foi honrado pelo jornal carioca *A Noite* com o título de “o mais brasileiro de todos os

¹⁰³ Ján Klíma, p. 381.

¹⁰⁴ David Koubek, „V Brazílii vzpomínali na Klementinu Kalašovou, v 19. století byla světovou operní hvězdou“ in *iRozhlas*, 13.6.2015. Disponível em https://www.irozhlas.cz/kultura_hudba/v-brazilii-vzpominali-na-klementinu-kalasovou-v-19-stoleti-byla-svetovou-operni-hvezdou_201506131626_imanour (acessado em 22.4.2017).

estrangeiros”.¹⁰⁵ *Casa Edison* é hoje considerada o primeiro estúdio de gravação no Brasil e o *Odeon*, outra empresa fundada por Figner, é a primeira fábrica de discos no Brasil.¹⁰⁶

Depois do fim da Primeira Guerra Mundial, instalou-se no Brasil o escritor, caricaturista e pintor tcheco František Pelíšek. Veio em 1920 e tornou-se o professor de pintura no Instituto de Belas Artes em Porto Alegre.¹⁰⁷ Viveu a vida de um acadêmico bem sucedido e obteve a cidadania brasileira em 1935. Além das atividades acadêmicas, trabalhou para o jornal carioca *O Globo*, para o qual desenhava as caricaturas sob o pseudônimo *Peli* ou *Pelicano*.¹⁰⁸ Morreu em Porto Alegre em 1937.¹⁰⁹

Em São Paulo e no Rio de Janeiro tornou-se famoso o coreógrafo e mestre de balé tcheco Václav Vlček, também conhecido sob a ortografia Vaslav Veltchek. Veio para o Brasil em 1939, e foi naturalizado em 1950. Vlček contribuiu significativamente para o desenvolvimento de balé no Brasil: atuava como coreógrafo, dirigia os grupos de dança no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, fundou a escola de balé de Theatro Municipal de São Paulo e Academia Brasileira de Dança no Rio, onde organizava e dirigia os grupos de jovens dançarinos.¹¹⁰

Em 1944, 14 bailarinos fundaram o Conjunto Coreográfico Brasileiro, onde se davam as aulas teóricas de manhã e aulas práticas à tarde. Vlček era responsável pelo funcionamento do conjunto – lecionava, escolhia as obras, criava as coreografias e como confessou numa entrevista de 1947: “dirigir um grupo de jovens bailarinos era um sonho meu”.¹¹¹

Depois de conflitos com a patrona financeira, Dona Clotilde Guimarães, Vlček mudou-se para Montevideo, onde também atuava como o professor de dança. Não abandonou o Brasil totalmente, voltava frequentemente e morreu no Rio em 1967.

Uma das pessoas ligadas à arte que ainda está viva é a historiadora de arte Zuzana Trepková-Paternostro, nascida em Budapeste em 1944, mas da origem eslovaca. Desde 1971 tem atuado no Rio de Janeiro, onde se mudou com seu marido brasileiro. Antes de ir para o Brasil, tinha trabalhado como curadora na Galeria Nacional Eslovaca.

Apesar de não ter falado português ao chegar para o Brasil, Zuzana Trepková-Paternostro conseguiu seguir a carreira na sua área profissional. Primeiro, fez estágios no Museu de Belas Artes e Museu Nacional de Belas Artes, ambos com a sede no Rio de Janeiro.

¹⁰⁵ <http://fraternosanjosdeluz.blogspot.de/2012/03/o-mais-brasileiro-de-todos-os.html> (acessado em 27.4.2017).

¹⁰⁶ <http://www.luizamerico.com.br/historia-mpb-06.php> (acessado em 27.4.2017).

¹⁰⁷ Silvie Keilová, „František Pelíšek (1896-1937). Český malíř v Brazílii: analýza jeho zápisků“ (Praha: Univerzita Karlova, 2012), p. 33. Disponível em <https://is.cuni.cz/webapps/zzp/detail/104062/> (acessado em 27.4.2017).

¹⁰⁸ Idem, p. 47.

¹⁰⁹ Idem, p. 53.

¹¹⁰ http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Conjunto_Coreografico_Brasileiro (acessado em 20.3.2017).

¹¹¹ Idem.

Depois de aprender a língua, tornou-se a curadora do departamento da Pintura estrangeira no Museu Nacional de Belas Artes, onde trabalhou até 2011 como a curadora-senior. Entretanto também foi a assistente de professor universitário no departamento da História de arte na Faculdade de Humanidades de Pedro II nos anos 1977-1982.¹¹²

No momento, a senhora Trepková-Paternostro está oficialmente aposentada, porém continua publicando e participando nas várias palestras ligadas à arte e à sua história. Na sua carreira apresentou as exposições de vários pintores mundiais e contribuiu para as publicações de livros sobre a arte na Eslováquia e no Brasil.

Na década de 1970, mudou-se para o Brasil o solista de contrabaixo tcheco Rudolf Kroupa. Por mais que 40 anos dedicou a sua carreira à Orquestra Sinfônica Brasileira e hoje está aposentado e vive no Rio de Janeiro. Além de tocar o contrabaixo, dedica-se à educação musical dos jovens.¹¹³

Entre outros musicais que fugiram da Tchecoslováquia encontra-se o maestro Zdeněk Šváb. O trompista tcheco assinou o contrato com a Orquestra Sinfônica Nacional em 1968 e desde então atuava como a primeira trompa nesta mesma Orquestra até 2002. Depois se dedicou ao ensino nas várias escolas, inclusive a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente está aposentado e vive num local tranquilo em Teresópolis, mas continua dando as aulas particulares.¹¹⁴

3.4.2. Política

Sem dúvida, o descendente tcheco mais popular na esfera de política (e talvez em todas as esferas) foi Juscelino Kubitschek, o favorito do povo brasileiro. O nome tcheco ganhou da parte materna: a família Kubitschek veio para o Brasil na primeira metade do século XIX de Třeboň e instalou-se no estado de Minas Gerais; Jan Nepomuk Kubíček, o avô materno, pertenceu a um dos primeiros grupos de imigrantes tchecos que vieram em 1823.¹¹⁵

Juscelino nasceu em Diamantina em 1902 e ao longo da sua vida tinha a forte ligação ao estado de Minas Geiras, sendo o seu Governador, Deputado Federal e o Prefeito de Belo Horizonte, antes de se tornar o 21º presidente do Brasil em 1951.

¹¹² Informações sobre a sra. Trepková-Paternostro foram obtidas graças à entrevista com ela no Rio de Janeiro em 2015.

¹¹³ <http://www.osb.com.br/orquestra/musicos.aspx?m=orquestramusicos&a=4758> (acessado em 20.3.2017).

¹¹⁴ <http://www.villa-lobos.rj.gov.br/do-leste-europeu-para-salas-de-concerto-e-de-aulas-do-brasil/> (acessado em 29.3.2017).

¹¹⁵ Jan Klíma, 379.

Durante a sua vida visitou a Tchecoslováquia para honrar a origem da sua mãe e passou lá seu aniversário. Numa entrevista de programa de televisão *Šumné stopy* de 2015, que se interessa pelos descendentes tchecos no mundo, a filha adotiva de Kubitschek, Maria Estela, proclamou que o seu pai sentia muito orgulho pelas suas raízes e que a sua vontade e esforço deveu-se à sua origem humilde.¹¹⁶

No dia 12 de setembro de 2013 (no 111º aniversário do nascimento de Kubitschek) foi assinado o Memorandum entre a cidade natal dele, Diamantina, e a cidade tcheca de onde veio a sua família, Třeboň, com o objetivo de intercâmbio cultural, econômico e político. Na cidade de Třeboň, na casa onde vivia Jan Nepomuk Kubíček, encontra-se a placa comemorativa.¹¹⁷ Em 1996 Juscelino Kubitschek recebeu, in memoriam, a Ordem de Tomáš Garrigue Masaryk da primeira classe.

3.4.3. Negócios

Uma das figuras mais significativas nessa área era o já mencionado meio-irmão de Tomáš Baťa, Jan Antonín. Por muito tempo era o braço direito de Tomáš, quem admirou profundamente. Depois da sua morte, Jan Antonín cumpriu a vontade de Tomáš e assumiu o controle da empresa *Baťa*. O negócio próspero tornou-se inconveniente na hora de ascensão do comunismo e Jan apareceu na lista negra dos inimigos do estados. Gradualmente, todas as empresas foram nacionalizadas e ele foi acusado de 64 crimes contra a nação pelo Tribunal Nacional de Praga e a Tchecoslováquia pediu a sua extradição do Brasil para onde foi em 1941. Por isso, foi acelerado o processo da sua naturalização por interesse nacional através de decreto assinado pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra.¹¹⁸

Jan ficou no Brasil e começou o projeto gigantesco de colonização das regiões nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, onde mais tarde fundou as cidades que tínhamos mencionado. Jan Antonín Baťa morreu depois do oitavo enfarte em 1965. Em 2007, justamente 60 anos depois da condenação dele na antiga Tchecoslováquia, aquela foi anulada e ele foi finalmente reabilitado.¹¹⁹

¹¹⁶ <http://www.ceskatelevize.cz/porady/10262550261-sumne-stopy/214522162350003-brazilie-juscelino-kubitschek-a-oscar-niemeyer/>, mencionado entre 17:20-17:58 do vídeo (acessado em 26.4.2017).

¹¹⁷ http://www.mzv.cz/brasil/pt/relacoes_bilaterais/cidades_irm_s_trebon_e_diamantina.html (acessado em 24.4.2017).

¹¹⁸ http://www.mzv.cz/brasil/pt/relacoes_bilaterais/compatriotas_tchecos_em_brasil/jan_antonin_bata.html (acessado em 26.4.2017).

¹¹⁹ http://zpravy.idnes.cz/justice-po-60-letech-ocistila-jana-antonina-batu-fln-/krimi.aspx?c=A071115_135917_krimi_cen (acessado em 16.4.2017).

Outro nome importante ligado a Jan Antonín Baťa é Jindřich Trachta que trabalhou para concerno *Baťa* no Brasil. Depois da Guerra sumiu da Tchecoslováquia por causa do ascendente comunismo e em 1949 mudou-se para o Brasil, onde surgiu a oportunidade de trabalhar para um compatriota, assim veio para Batatuba e visitou-o. Os dois homens se tornaram amigos para vida e Trachta ajudava com a construção da cidade Batayporã. Além dele, contribuíram ao “nascimento” da cidade também outros refugiados tchecoslovacos.¹²⁰ Depois da morte de Jindřich Trachta em 2000, sua família o homenageou com a fundação do *Centro de Memória Jindřich Trachta*, cuja sede se encontra na sua casa original. Contém muitos documentos e fotografias da época da construção da cidade.

Em relação ao negócio brasileiro e internacional, temos que mencionar o eslovaco Stanislav Hlucháň. Fugiu por motivos religiosos em 1949 com 19 anos da idade e acabou no Brasil por fins das suas pesquisas mineralógicas. Lá descobriu as jazidas de bentonita e outros mineirais e fundou e até hoje atua como o presidente da maior empresa da indústria mineira na América Latina. Fundou também o Centro de Tecnologia Mineral no Rio de Janeiro. Ademais, é o proprietário de duas empresas e co-proprietário de mais umas. Depois da febre de bentonita ter enfraquecido, dedicou-se ao descobrimento de jazidas de vermiculita e possui o decreto de estado com o direito de mineração. Interessa-se pela vida e oportunidades de negócios na Eslováquia e visita sua pátria pelo menos uma vez por ano e apesar de já ter 86 anos continua sendo um empresário bem sucedido.¹²¹

3.4.4. Ciência e educação

Um dos primeiros acadêmicos que se dedicaram à pesquisa no Brasil foi o viajante, etnógrafo e botânico Alberto Vojtěch Frič mencionado em relação a Klementína Kalašová. Em 1900 começou a sua viagem pelas matas dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Paraná, onde colecionava as informações sobre fauna e flora brasileira. Entre os anos 1903-1904, dedicou-se à pesquisa sobre as tribos pouco conhecidas. Em 1907, foi nomeado pelo governo brasileiro o consultor nos assuntos entre os colonizadores e os índios.¹²² Graças às pesquisas que Frič administrou no Brasil, contribuiu para a exploração do país com as fotografias e documentos preciosos sobre as comunidades indígenas.

¹²⁰ <http://www.krajane.net/articleDetail.view?id=1350> (acessado em 22.4.2017).

¹²¹ Mária Mlaková, „Stanislav Hlucháň v prečo nie?!: Slovenský objav v Brazílii”, in *HN Style*, 25.2.2010. Disponível em <http://style.hnonline.sk/rozhovor/337787-stanislav-hluchan-v-preco-nie-slovensky-objav-v-brazilii> (acessado em 20.4.2017).

¹²² Jan Klíma, 383.

Vladimír Kozák, um tcheco que se dedicou à etnografia, veio para o Brasil em 1924. Como ele foi formado em eletrotécnica, conseguiu emprego numa empresa no estado de Espírito Santo. Mais tarde, instalou-se em Curitiba, Paraná, onde trabalhou como técnico de uma estação de energia elétrica, mas em seu tempo livre dedicou-se ao estudo, documentação e pintura de várias tribos do interior brasileiro. Afinal, acabou por gerir o centro de documentação da Universidade Federal do Paraná.¹²³ Alguns artigos dele foram publicados em *National Geographic*¹²⁴ e a sua contribuição para a documentação das tribos indígenas passou a ser significativa. Kozák manteve o contato com a sua pátria, mandando as cartas e fotografias que foram mais tarde publicadas por um amigo dele no livro *Dopisy z Brazílie (Cartas do Brasil)*.¹²⁵ Ademais, Kozák produziu os filmes e seu talento artístico versátil o permitiu fazer pinturas e esculturas dos índios. Afinal, acabou por ser um artista, etnógrafo, viajante e folclorista reconhecido. A sua irmã Karla Kozák passou a viver no Brasil com ele e tornou-se a sua companheira nas viagens pelas matas brasileiras. Karla morreu em 1960¹²⁶ depois de ter vivido no Brasil por mais que 20 anos. Kozák continuou com as suas atividades até à sua morte em 1979.¹²⁷

Um acadêmico tcheco, que se destacou no Brasil é o autor de *Fenomenologia do brasileiro* citada nesta tese, professor e filósofo Vilém Flusser. Fugindo do nazismo, mudou-se para o Brasil em 1941 e instalou-se em São Paulo; em 1950 foi naturalizado. Flusser se interessou pela filosofia e na década de 1960 lecionava na Escola Politécnica da USP, Escola Superior de Cinema e Escola de Arte Dramática, todas com a sede na capital paulista. Na altura iniciou a cooperação com a *Revista Brasileira de Filosofia* e entrou nos círculos de intelectuais paulistanos. O início da década de 1970 foi influenciado pela não renovação do seu contrato na USP; algumas fontes sugerem que foi por causa da intervenção do regime militar contra os intelectuais, outra versão é que Flusser não conseguiu comprovas seus títulos acadêmicos necessários para continuar ensinando. De qualquer maneira, deixou o Brasil em 1972 e voltou para a Europa, vivendo nos países diferentes. Morreu num acidente de trânsito em 1991.¹²⁸

Mais um tcheco que se destacou no campo da ciência era o relativamente recentemente (2011) falecido Otto Gottlieb, químico da origem judaica. Nasceu em Brno em 1920 e por causa

¹²³ <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-resgate-da-vida-de-vladimir-kozak-3dspshhluyclsdbnr43sko85q> (acessado em 27.4.2017).

¹²⁴ <http://www.radio.cz/cz/rubrika/ceskenej/slavny-malir-a-slavny-cestovatel-vladimir-kozak-na-obraze-zdenka-buriana> (acessado em 27.4.2017).

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ <http://www.granamazonia.cz/aktivita/publikacni-cinnost/detail/164-neznamy-znamy-kozak---badatel-renesacniho-rozmeru/> (acessado em 22.4.2017).

¹²⁷ <http://www.ceskatelevize.cz/porady/10557845184-ceske-stopy-muz-z-obrazu/>

¹²⁸ https://monoskop.org/Vilém_Flusser (acessado em 25.4.2017).

do nazismo fugiu primeiro à Inglaterra e depois, em 1939, ao Brasil. Além de ser o professor universitário, fez pesquisas e cooperou com várias universidades do mundo. Foi indicado para o Prêmio de Nobel três vezes, em 1998, 1999 e 2000.¹²⁹

Nas linhas anteriores tivemos a intenção de mencionar pelo menos uns tchecos e eslovacos que se destacaram seu campo de atuação e representaram a sua pátria no Brasil. No próximo capítulo vamos olhar para a situação atual dos imigrantes tchecos e eslovacos.

¹²⁹ <http://www.abc.org.br/~ogottlieb> (acessado em 22.4.2017).

4. Imigração tcheca e eslovaca hoje em dia

Para falar da data decisiva para definição da época “hoje em dia”, surgem dois anos que podem ser considerados: 1989, que marca o final do comunismo e o início da emigração livre e 1993, a data oficial da divisão da Tchecoslováquia.

Para os fins deste trabalho entrámos em contato com embaixadas dos dois países no Brasil tal como com os Ministérios das Relações Exteriores para pedir informações sobre o número dos tchecos e eslovacos no Brasil após 1989. Infelizmente, parece que não existem tais estimativas por uma razão principal: não é obrigatório informar o país do nascimento sobre o seu destino da emigração e não existe mapeamento preciso e intencional das autoridades tchecas ou eslovacas dos compatriotas pelo mundo.

Únicas fontes que nos podem dar ideia sobre eles no Brasil são os grupos que os juntam, contudo, hoje em dia esses grupos diferem muito daqueles que existiam no passado: isso tem a ver com a natureza da imigração que tem mudado muito nas últimas décadas como explicaremos nas linhas seguintes.

Podemo-nos então apoiar na fonte já mencionada de Ivo Barteček, que estima 5000 tchecos e eslovacos no Brasil no final do século XX.¹³⁰ Além dos grupos nas redes sociais, que vamos mencionar mais tarde, existem umas páginas online que se dedicam aos compatriotas pelo mundo; infelizmente não todas têm informações sobre a situação no Brasil (como é no caso do site *Diaspora: Eslovacos no estrangeiro* que contém informações sobre os eslovacos nos vários países do mundo, inclusive os sulamericanos, mas falta justamente o Brasil).¹³¹ Noutro site eslovaco (*exil.sk*), que reúne os eslovacos através das discussões nos grupos, já se encontram as pessoas que vivem no Brasil, contudo, as últimas atualizações foram feitas em 2012.¹³² O site chamado *Slovenské zahraničie (O estrangeiro eslovaco)* menciona as informações não confirmadas sobre as 20 famílias presentes no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, ainda na década de 1980.¹³³

Para os tchecos servem também vários sites online; um deles é *My Czech Republic*, onde se encontram dois fóruns com o objetivo de encontrar os tchecos que vivem no Brasil, contudo, também estão inativos desde 2009 e 2011 respectivamente.¹³⁴

¹³⁰ Barteček, *Češi a Slováci v Jižní Americe* (acessado em 25.4.2017).

¹³¹ <http://www.diaspora.sk/> (acessado em 23.4.2017).

¹³² <http://www.exil.sk/search.php> (acessado em 23.4.2017).

¹³³ <http://www.slovenskezahranicie.sk/sk/stranka/48/brazilska-federativna-republika> (acessado em 23.4.2017).

¹³⁴ <http://www.myczechrepublic.com/boards/search.php?mode=results> (acessado em 23.4.2017).

Nem a página do Ministério das Relações Exteriores tcheco sabe o número estimado dos compatriotas no Brasil, todavia, oferece uma constatação interessante: numa pesquisa de 2007, descobriu-se que de 10 sobrenomes tchecos mais comuns, todos se encontram na cidade de São Paulo.¹³⁵

Apesar da divisão da Tchecoslováquia, existem grupos que reúnem as pessoas de duas nações. Trata-se de sites online, como é o caso do projeto *Krajane.cz*, contudo, o site como tal não serve para mapeamento deles no estrangeiro, mas mais para compartilhar as dicas e informações úteis em países particulares. Existe um mapa interativo onde os usuários podem marcar onde residem, mas até março de 2017, só onze pessoas marcaram o Brasil¹³⁶ e a última atividade das contas delas foi entre 2014-2016.

Mais uma fonte útil nesse aspecto pode ser a rede social muito popular hoje em dia, Facebook. Ali se encontra o grupo dos tchecos e eslovacos no Brasil,¹³⁷ mas também os grupos particulares para as cidades como o Rio de Janeiro¹³⁸ ou São Paulo.¹³⁹ Essas páginas fornecem o número de “curtidas”, ou seja, de pessoas que se interessam por elas, mas isso não necessariamente significa que todas essas pessoas mesmo vivem no Brasil (o grupo geral dos tchecos e eslovacos no Brasil tem a cerca de 1100 curtidas).

Para concluir, podemos só adivinhar quantos tchecos e eslovacos mesmo vivem no Brasil. Na nossa opinião, baseada principalmente nas estimativas de Ivo Barteček, o único autor que comenta isso, trata-se de a cerca 5000 pessoas, o que é na população brasileira (200.4 milhões em 2013) um grupo muito pequeno e insignificativo. Quanto às regiões, nossa pesquisa prática foi feita principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e nas arredores, mas participaram também umas pessoas da capital, Brasília, ou Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

Nas linhas seguintes vamos prestar atenção à situação atual entre os imigrantes, mas primeiro explicaremos o caráter da imigração contemporânea, que mudou bastante em comparação com o passado, o que é uma das razões por que não é possível estimar o número dos compatriotas no Brasil.

¹³⁵ http://www.mzv.cz/brasil/cz/kultura_krajane_skolstvi/vyznamni_cesi_v_brazilii/index.html (acessado em 27.4.2017).

¹³⁶ <http://www.krajane.cz/index.php?ind=maps&op=members> (acessado em 27.4.2017).

¹³⁷ <https://www.facebook.com/Brazilie.Brazilia/> (acessado em 27.4.2017).

¹³⁸ <https://www.facebook.com/Rio.Brazilie/> (acessado em 27.4.2017).

¹³⁹ <https://www.facebook.com/SaoPaulo.Brazilie/> (acessado em 27.4.2017).

4.1. Como mudou a imigração nas últimas décadas?

O primeiro aspecto que temos que levar em consideração é que as pessoas que abandonaram seu país ainda no século XIX ou durante o século XX que, como já mencionamos, teve vários pontos críticos, emigraram para sempre. A maioria deles não podia contar com a possibilidade de voltar à sua pátria, muitas frequentemente deixaram ali seus parentes, sabendo que nunca mais iam vê-los. Noutro lado, houve alguns que esperavam que depois de situação ter acalmado ou regime ter mudado, fosse ser possível voltar e continuar a sua vida na pátria, mas demorou muitos anos para ser realizado. Esse factor influenciou significativamente o carácter da emigração e convivência dos tchecos e eslovacos no Brasil no passado. Primeiro, normalmente não se tratou dos individuais mas de famílias inteiras ou grupos de famílias que estavam à busca da melhor vida no estrangeiro. Segundo, como não foi possível voltar, também foi mais importante manter os costumes ou língua (o que nem sempre foi possível, levando em conta que se tratava de grupos pequenos que foram absorvidos por outras comunidades), cuja prova é a existência dos grupos e associações dos quais falaremos no próximo subcapítulo. As atividades dos clubes, inclusive as comidas, danças e feriados da pátria foram a única maneira como se lembrar do seu país. Além disso, a comunicação com os familiares ou amigos ali foi quase impossível: primeiro porque demorou muito tempo trocar as cartas entre os dois lugares tão distantes e a correspondência às vezes se perdeu ou diminuiu e segundo, na época do comunismo na Tchecoslováquia, os refugiados tiveram medo de entrar em contato com os demais na pátria porque podiam causá-lhes problemas. Em geral, os emigrantes gradualmente perderam qualquer contato com seu país e esse foi renovado só depois de 1989, se foi mesmo renovado.

Hoje em dia, emigração tem as conotações diferentes, falando da República Tcheca e Eslováquia em concreto. As pessoas não fogem, mas podem escolher se querem viver no país de nascimento ou mudar-se ao lugar diferente, não enfrentam guerras, opressão ou regime de totalismo.

Com esta liberdade de migração, os jovens também tendem a não ficar num país só mas “peregrinam” por anos, não mudam a sua cidadania e vivem no Brasil temporariamente. As razões principais para viver no Brasil são oportunidades de emprego e vida pessoal (marido ou esposa da origem brasileira).

A atitude aos costumes e tradições também passou por grandes mudanças. Hoje em dia temos acesso a vários tipos de comunicação – chamadas, email, mensagens instantâneas – e estamos conectados com o mundo dentro de segundos. Por isso, não há tanta necessidade de

buscar os compatriotas tchecos e/ou eslovacos no Brasil, porque é fácil manter o contato com seus parentes e amigos em casa. Em relação aos costumes – e isso se aplica não só à emigração tcheca ou eslovaca para o Brasil – vivemos no mundo cada vez mais globalizado, onde em geral se esquece dos costumes domésticos e aceitam-se os costumes locais ou “internacionais”, como Halloween ou São Valentim.

Esses são os fatores destacados que mudaram a face da emigração tcheca e eslovaca nas últimas décadas.

4.2. Associações

Nas linhas seguintes falaremos de algumas associações dos tchecos e/ou eslovacos que surgiram no passado ou que estão ativas no momento e veremos para que fins foram fundadas.

4.2.1. As associações já inexistentes

Um dos primeiros grupos, fundado na esquina dos séculos XIX e XX em Jaguari, uma colônia no Rio Grande do Sul, que mencionamos anteriormente, foi *Přemysl*. Os membros foram as 20 famílias que se instalaram nessa zona e o nome do grupo se refere a Přemysl Oráč, fundador da dinastia real homônima que reinou na Boêmia entre os séculos IX e XIV.¹⁴⁰ Como não existem mais informações sobre as suas atividades, podemos supor que *Přemysl* já não existe.

No final do século XIX, surgiu uma tentativa de cooperação entre os clubes de outras nações eslavas no Brasil e em 1898 foi fundada *Unie rakousko-uherských národností (União das nações austro-húngaras)* que pretendia juntar os emigrantes dos povos do Império que enfrentaram as mesmas dificuldades no novo país. Contudo, esta união não sucedeu por causa das disputas nacionalistas e decaiu em 1903.¹⁴¹

Entre outros clubes que surgiram no início do século XX encontram-se *Klub rolníků (Clube dos Lavradores)* em Sabará (MG) ou *Národní sdružení české (A associação nacional tcheca)*. O segundo clube lançou a revista *Slovan*, que foi a primeira revista em tcheco na América Latina. Além das atividades educativas, pretendiam juntar os tchecos e eslovacos para as Legiões Tchechoslovacas na Primeira Guerra Mundial, mas como naquela altura esses

¹⁴⁰ Jan Klíma, p. 383.

¹⁴¹ Jan Klíma, p. 383.

emigrantes viviam em partes diferentes do Brasil, por falta da comunicação, nunca se juntaram.¹⁴²

Até agora falámos só das associações exclusivamente tchecas ou tchecoslovacas; isso é porque na verdade não houve nem há muitas exclusivamente eslovacas. Todavia, em 1961 foi em São Paulo fundada pelos emigrantes eslovacos a *Associação de Santo Círiilo e Metódio*.¹⁴³ Foi oficialmente reconhecida pelas autoridades brasileiras e os membros conseguiram assegurar a apresentação do filme sobre o folclore eslovaco na televisão brasileira. Além disso, organizavam viagens, missões e um grande evento em homenagem da chegada dos santos ao território da atual Eslováquia em 1963. As atividades gradualmente diminuíram e a comunidade eslovaca podia contar só com os clubes tchecoslovacos com seus “irmãos”.

Devemos mencionar mais uma atividade eslovaca, mesmo que não fosse uma associação, porque tem a ver com os compatriotas eslovacos no Brasil. Por um curto tempo existia a transmissão de rádio *A voz da Eslováquia* que começou a sua atividade em maio de 1961. O patricionador financeiro foi um empresário Milan Klieštenec, um eslovaco que viveu no Brasil e que se dedicou à indústria de processamento de aço e abriu a empresa chamada *Zobor* (o nome de uma monte na Eslováquia) no subúrbio de São Paulo, Sorocaba.

Supostamente, existiu também um clube desportivo chamado Braslováquia, mas não há muitas informações sobre ele.

4.2.2. As associações ativas

Um dos primeiros clubes de compatriotas foi *Slavia*, fundada em 1895 em São Paulo. Os membros foram os emigrantes tchecos e eslovacos que viviam no subúrbio da cidade, em Vila Mariana, e que, juntando os esforços, estabeleceram uma biblioteca e educaram seus filhos na língua materna.¹⁴⁴ *Slavia* foi o antecessor da *União Cultural-Tcheco Brasileira* que existe até hoje, tem a sua sede em São Paulo e oferece muitas atividades culturais, inclusive o ensino da língua tcheca aos brasileiros com as raízes tchecas. No passado, *Slavia* visou manter os costumes e tradições e o contato regular com a sua pátria. Também oferecia dicas para os compatriotas que queriam emigrar para o Brasil. *Slavia* cooperou de perto com a união desportiva *Sokol (Falcão)*. A comunidade estava bastante ativa e apoiada pelas autoridades tchecoslovacas e em 1947, graças às doações voluntárias, comprou uma casa no bairro Luz em São Paulo, que se tornou a sede do clube. A situação piorou nos anos 50 por duas razões

¹⁴² Jan Klíma, p. 385.

¹⁴³ <http://www.slovenskezhranicie.sk/sk/stranka/48/brazilska-federativna-republika> (acessado em 27.4.2017).

¹⁴⁴ Jan Klíma, p. 383.

principais: surgiram competições entre os “velhos” e “novos” emigrantes e interrompeu-se o contato com os parentes na Tchecoslováquia porque esses foram perseguidos pelo regime comunista por falar com as pessoas no estrangeiro. Pelas décadas de 60 e 70, as atividades do clube foram marcadas pelos conflitos internos e a situação tensa na Tchecoslováquia, o clube mudou o nome (*União Recreativa e Cultural Tchecoslovaca*) e a sua sede umas vezes. Depois da divisão da Tchecoslováquia, o clube mudou seu nome a atual *União Cultural-Tcheco Brasileira*, o que não foi favorecido pelos emigrantes velhos, apesar do fato que a maioria dos membros pertenceram à etnia tcheca. Mais uma mudança para o bairro Jabaquara, onde a *União* reside agora, causou a grande distância das outras zonas e as atividades diminuíram. Gradualmente, os membros originais começaram a morrer e as novas gerações não tiveram tanta vontade de cuidar do clube. Todavia, esse existe até agora mas como o nome sugere, tornou-se o clube exclusivamente tcheco que entre as outras atividades oferece as aulas do tcheco para os brasileiros.¹⁴⁵

Em Batayporã tem a sua sede *A Oficina Cultural Tcheca e Eslovaca no Brasil* (fundada em 1990), cuja diretora é a neta de Baťa, Dolores Baťa-Arambašič e o *Centro de Memória Jindřich Trachta* gerida por seus descendentes. Na cidade encontra-se também o conjunto de folclore *Klenot (Jóia)* composto não só por descendentes dos tchecos mas também outros brasileiros que se interessam pelas danças típicas do folclore tcheco e eslovaco. Este conjunto foi fundado por Ludmila, a filha de Jan Antonín Baťa e durante a sua existência, ela conseguiu trazer 27 trajes de várias regiões tchecas e eslovacas (Zlín, Tábor, Praha, Detva, Piešťany, etc.) que se usam até hoje.¹⁴⁶

Falando de música e folclore, em 1996, o cônsul honorário Peter Paulíček fundou o conjunto de folclore *Radost' (Alegria)* em São Paulo, que é hoje em dia o único grupo formal que representa a cultura eslovaca no Brasil.¹⁴⁷

Um dos clubes ativos hoje em dia é a *Associação Cultural Tcheco-Brasileira* em Porto Alegre (RS), cujo diretor é Merton Wondracek, o descendente dos tchecos. Durante a nossa pesquisa no Brasil, participámos numa palestra da homenagem de Jan Hus no dia 6 de julho de 2015 e encontramos com mais brasileiros da origem tcheca que se interessam pelas suas raízes. Alguns deles participaram na pesquisa sobre os descendentes que vai seguir no capítulo seguinte.

¹⁴⁵ <http://www.unitcheco.com.br/cs-cz/> (acessado em 27.4.2017).

¹⁴⁶ http://www.mzv.cz/jnp/cz/zahranicni_vztahy/krajane/cesi_ve_sвете_oslavy_dne_ceske_statnosti/krajansky_fe_stival/brazilske_krajanske_soubory.html (acessado em 26.4.2017).

¹⁴⁷ http://style.hnonline.sk/galeria/4689-slovaci-v-brazilii/78592633c0d09d169efd02fa49e90753?back_url=//style.hnonline.sk/cestovanie/805517-vsetky-cesty-vedu-do-brazilie-toto-je-5-prikladov-ako-tu-slovaci-zanechavaju-stopy (acessado em 27.4.2017).

Em Nova Petrópolis (RS) encontra-se a *Associação dos descendentes de imigrantes da Boêmia*, que, entre outras atividades, tornou-se a cidade-irmã de Jablonec nad Nisou por motivo de intercâmbios culturais. Essa ideia foi a iniciativa da Edeltraud Emmi Marie Preussler que nasceu na cidade tcheca e a sua família emigrou para a Nova Petrópolis.¹⁴⁸ Jablonec nad Tisou foi a primeira cidade tcheca a tornar-se a cidade-irmã de uma cidade brasileira. Entre as outras atividades, o grupo de folclore tcheco, Nisanka, visitou em 2010 não só a Nova Petrópolis, mas também São Paulo e Batayporã onde há vestígios dos tchecos.¹⁴⁹

Em Brasília, encontra-se *Sociedade Cultural Brasil – República Tcheca*, que junta os tchecos e eslovacos vivendo na capital do Brasil.¹⁵⁰

No Rio de Janeiro, surpreendentemente, não existe um grupo unido e os encontros são muito informais. Um dos personagens mais importantes da presença tcheca no Rio é Alfredo Sobotka, que vive no Brasil desde 1948 e cuja esposa Diamantine Sobotka atua como a consulesa honorária nesta cidade.¹⁵¹ O próprio senhor Sobotka se interessa pelas relações tcheco-brasileiras e sempre ajuda os compatriotas no país. Em 2010 recebeu o prêmio *Gratias agit* pela divulgação do bom nome da República Tcheca no estrangeiro.¹⁵²

4.2.3. A atitude à vida comunitária hoje em dia

Em comparação com o passado, as atividades dos clubes diminuíram: hoje em dia não se sente o espírito do compatriotismo tanto como no passado. Podemos pensar em algumas razões porque é assim: primeiro, hoje em dia a sociedade vive muito mais rapidamente, vidas são movimentadas e ocupadas; o emigrante não tem tanto tempo para participar ou organizar eventos culturais da sua comunidade. Segundo, graças às redes sociais e outros meios de comunicação, o emigrante facilmente entra em contato com seus parentes no outro lado do planeta e por último, pode viajar de volta e assim não sente necessidade de cultivar a sua cultura longe do país.

Durante a nossa pesquisa no Brasil, conseguimos entrar nos círculos das comunidades informais dos emigrantes da nova geração principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São

¹⁴⁸ <http://www.mestojablonec.cz/cs/mestsky-urad/pro-novinare/tiskove-zpravy/archiv/zpravy-2007/unor-2007/dohoda-o-pratelstvi-s-mestem-nova-petropolis.html> (acessado em 22.4.2017).

¹⁴⁹ <http://liberecky.denik.cz/kratce/jablonec-nad-nisou-brazilie-ceskym-folklorem-odjedou-potesit-brazilany-i-potomky-710285.html> (acessado em 22.4.2017).

¹⁵⁰ <http://brasilrepublicatcheca.blogspot.com.br> (acessado em 26.4.2017).

¹⁵¹ <http://www.pametnaroda.cz/story/sobotka-alfred-freddy-gerhard-1928-1207> (acessado em 23.4.2017).

¹⁵² http://www.mzv.cz/saopaulo/cz/kultura_krajane_a_skolstvi/krajane/freddy_sobotka_obdrzel_cenu_gratias_agit.html (acessado em 22.4.2017).

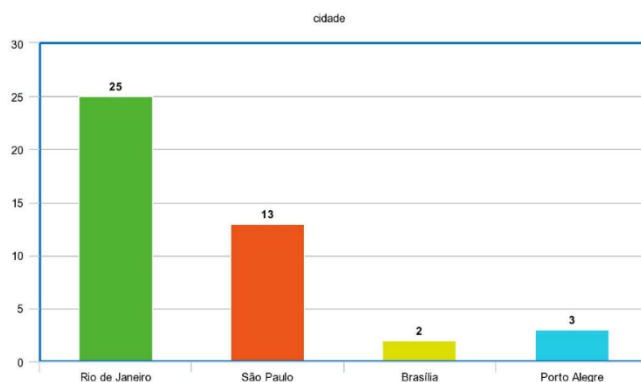
Paulo. Na primeira mesmo não existe um grupo unido, trata-se de a cerca de 2 dezenas dos tchecos e eslovacos que sabem um do outro, conhecem-se, são amigos mais ou menos próximos e de vez em quando se encontram no hostel de um eslovaco. Todavia, não organizam os eventos oficiais e não se dividem em tchecos e eslovacos: trata-se de um conjunto tcheco-eslovaco. A situação semelhante encontra-se em São Paulo; mesmo que nessa cidade resida a *União*, fica longe dos bairros principais e interessa mais os emigrantes das velhas gerações. Os jovens funcionam de mesma maneira como no Rio: conhecem-se e de vez em quando organizam um encontro num bar, mas não se trata de um evento oficial. Os dois grupos no Rio de Janeiro e em São Paulo mantêm o contato. Podemos dizer que justamente graças ao pequeno número dos tchecos e eslovacos no Brasil em comparação com outras nacionalidades, os jovens imigrantes se conhecem bem e a comunicação entre as pessoas dessas duas grandes cidades está mais pessoal.

Em geral, mesmo que as atividades oficiais tenham enfraquecido, podemos dizer que com certeza a comunidade tcheca é muito mais ativa. Isso é parcialmente causado pela conexão mais estreita com o Brasil ao longo do tempo e também pelo fato que há duas vezes mais tchecos que eslovacos.

Outro aspecto novo que surgiu na última década são as redes sociais. Online encontramos vários grupos que reúnem os compatriotas e/ou descendentes no Brasil, além dos já mencionados anteriormente, existem ainda us grupos como *Tcheco para brasileiros e português brasileiro para tchecos* ou *União Cultural Tcheco-Brasileira*.

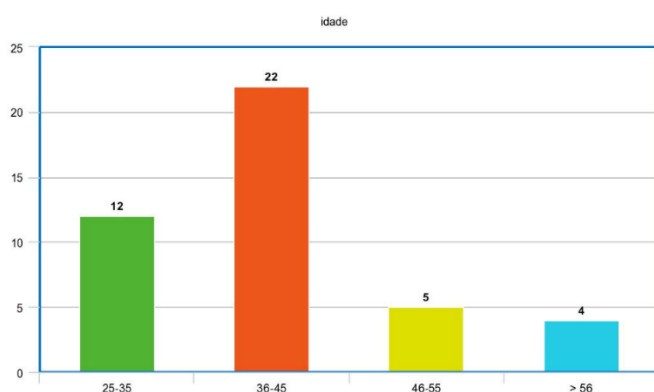
4.3. A pesquisa entre os tchecos e eslovacos no Brasil

A parte prática deste trabalho foi a pesquisa feita no Brasil, onde procurámos os tchecos e eslovacos. A maioria dos entrevistados reside nas duas grandes cidades que se frequentemente tornam o ponto do interesse em relação ao emprego, Rio de Janeiro e São Paulo, alguns participantes são de Brasília e do Porto Alegre:

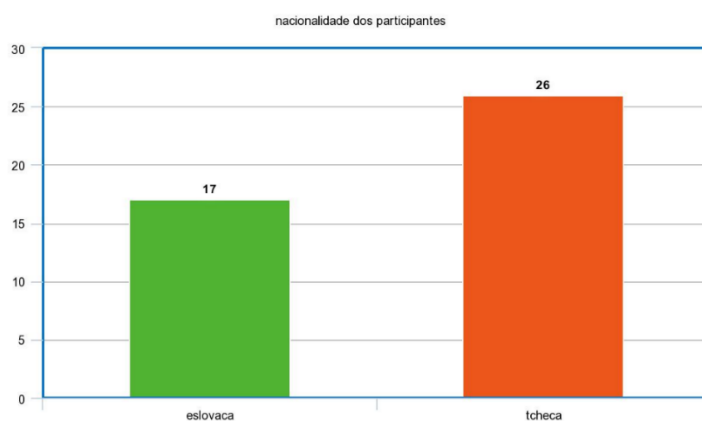


O critério para as pessoas pudessem participar nessa pesquisa foi o único: ser um imigrante da origem tcheca ou eslovaca, isso quer dizer que não limitámos a nossa escolha pelo gênero, idade, ou status social.

Antes de comentar o quadro, onde perguntámos sobre vários aspectos da vida no Brasil, atitude aos costumes, tradições ou percepção da sua pátria e do Brasil, vamos descrever um pouco as pessoas participantes (43 em total). Duas informações importantes sobre essas pessoas são o sexo e idade: participaram 20 mulheres e 23 homens, divididos em 4 categorias de idade:



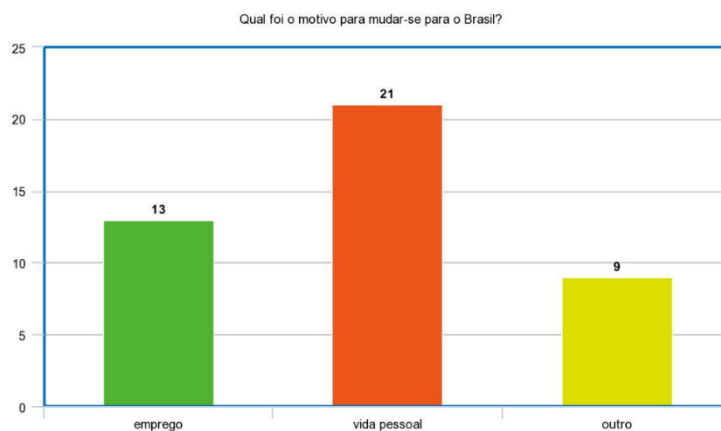
Como falamos nessa tese sobre as duas nacionalidades, é importante mencionar a composição da amostra: participaram 17 eslovacos (39.53%) e 26 tchecos (60.47%). A preválencia dos tchecos é natural, como há duas vezes mais deles do que dos eslovacos.



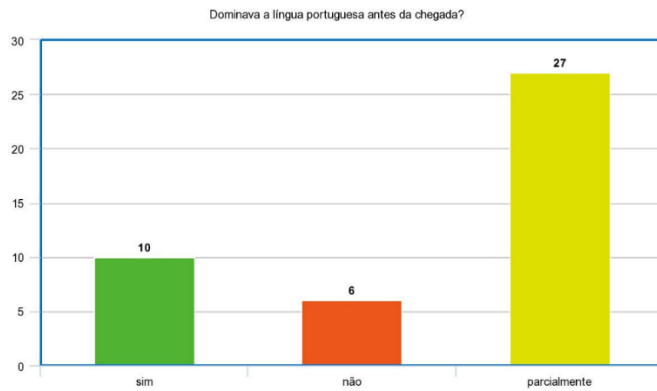
A entrevista foi composta por 12 perguntas que têm a ver com o caráter da sua emigração e vida no Brasil. À maioria das perguntas é possível responder só sim/não mas as primeiras três não oferecem a resposta simples, então estão à parte:

Na primeira pergunta nos interessou o objetivo principal de emigração para o Brasil. Das 43 pessoas, 13 (30.23%) responderam que o motivo foi o emprego: encontrámo-nos por exemplo com um dono do hostel, gerente da filial de uma empresa internacional, antiga

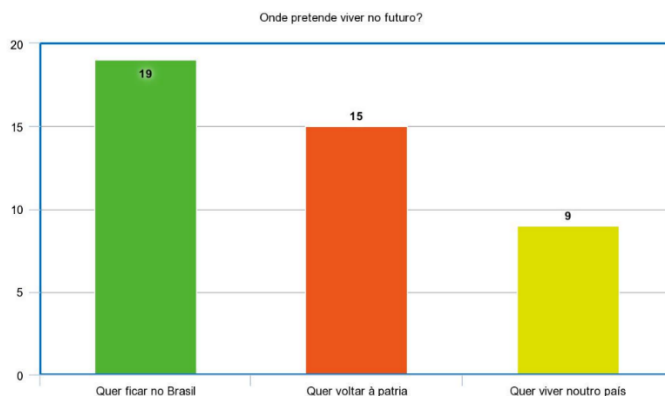
professora da língua tcheca, engenheiro civil, profissional da tecnologia da informação ou jornalista. O motivo da vida pessoal prevaleceu (48.84%), isso foi a razão principal para 21 pessoas que estão numa relação ou matrimônio com o/a brasileiro/a. Os demais 9 pessoas (20.93%) vieram por causa do gosto pelo país e interesse pela cultura brasileira, vontade de aprender língua, emprego voluntário (não pago, por isso não o consideramos como o motivo financeiro); estas pessoas não chegaram para o Brasil com a intenção de ficar mas prolongaram a sua estadia e tornaram-se a parte da sociedade brasileira. Dois participantes vieram para o Brasil na década 1950 e 1970 respetivamente por causa da situação política na Tchechoslováquia na altura. Para nenhum deles o Brasil foi o primeiro destino para onde vieram de propósito.



A segunda pergunta trata da questão da língua e domínio do português: como sabemos a população brasileira não fala inglês muito bem (e se sim, são as classes mais altas que têm acesso à educação), o estrangeiro consegue resolver os problemas básicos falando inglês principalmente nas grandes cidades. Todavia, é importante dominar a língua portuguesa, o que facilita também a busca do emprego. Por isso nos interessou a situação dos respondentes. Como vemos no quadro, a maioria (62.79%), 27 pessoas consideravam o seu nível intermédio e aperfeiçoaram a sua habilidade no país, 10 pessoas (23.26%) se consideravam fluentes em português já na altura de emigração e 6 pessoas (13.95%) vieram sem falar a língua; trata-se por exemplo de uma professora voluntária de inglês, pessoas que vieram por causa das relações amorosas e de dois participantes que fugiram da Tchechoslováquia.



A terceira pergunta crucial dessa parte do questionário se orienta ao futuro desses imigrantes, ou seja, se pretendem ficar no Brasil, voltar à pátria ou viver no país diferente. Os resultados são os seguintes: a maioria deles (19 pessoas, 44.19%) quer ficar no Brasil, trata-se principalmente de pessoas com o emprego estável, o seu próprio negócio ou cônjuge da nacionalidade brasileira. As restantes pessoas querem voltar à pátria (15 participantes, o que representa 34.88%) ou viver noutro país (9 pessoas, 20.93%).



Com esta pergunta acaba a primeira parte da entrevista. O que é que podemos concluir dessas respostas sobre a amostra dos imigrantes tchecos e eslovacos? Quanto à razão ou impulso que os fez emigrar para o Brasil, prevalece um acontecimento na vida pessoal, seguido pelas oportunidades de emprego e como o último trata-se de razões individuais. Em relação à sua emigração para o Brasil, maioria dessas pessoas dominava a língua portuguesa pelo menos no nível intermédio antes da chegada, alguns se consideravam fluentes e só poucas pessoas vieram sem falar português e o aprenderam no local.

Quanto ao futuro dessas pessoas no Brasil, prevalece o número daqueles que querem ficar no país por causa da vida pessoal ou negócio, esse número é seguido pelas pessoas que querem voltar à República Tcheca ou à Eslováquia e o resto pretende viver no país diferente; podemos então dizer que prevalece o número de pessoas que não querem ficar no Brasil sobre o número daquelas que querem.

Segue agora a segunda parte do questionário apresentada num quadro, porque esse tipo de perguntas pode ser respondido com sim/não. Nos resultados oferecemos o número de pessoas que optaram por uma ou outra resposta com a representação em percentagem para a melhor visualização dos resultados:

	sim	não
Visita frequentemente a Rep. Tcheca/Eslováquia? *	27 (62,79%)	16 (37,21%)
Segue os eventos culturais ou acontecimentos políticos na Rep. Tcheca/Eslováquia?	36 (83,72%)	7 (16,28%)
Participa nas eleições na pátria à distância?	8 (18,60%)	35 (81,40%)
Passa a sua língua materna aos filhos? **	19 (90,48%)	2 (9,52%)
Mantém as tradições dos feriados (Natal, Páscoa)?	35 (81,40%)	8 (18,60%)
Cozinha os pratos típicos tchecos/eslovacos?	26 (60,47%)	17 (39,53%)
Seu cônjuge brasileiro/a se interessa pela sua origem, cultura, língua, costumes? ***	25 (100%)	0 (0%)
Tem tendência ou necessidade de se encontrar com os compatriotas?	37 (86,05%)	6 (13,95%)
Foi na sua primeira visita do Brasil quando decidiu mudar-se para o país?	5 (11,63%)	38 (88,37%)

* - pelo menos uma vez por ano, ** - aplicável a 21 pessoas que têm filhos com o/a brasileiro/a, *** - aplicável a 25 pessoas que têm cônjuge brasileiro/a

Nas linhas seguintes vamos comentar as respostas e analisá-las em pormenores. A primeira pergunta se dirigiu às visitas da sua pátria pelo menos uma vez por ano. A maioria dos participantes respondeu positivamente, alguns visitam o seu país até mais vezes. Contudo, não queremos dizer que as pessoas que indicaram a resposta negativa não o visitam; dentro desse grupo se encontram as pessoas que vão à República Tcheca ou à Eslováquia cada 2-3 anos, dependendo da sua situação financeira. Só uma das pessoas não visitou a sua pátria desde a sua emigração.

Em relação ao interesse pela situação atual da cultura ou política, 36 entrevistados a seguem. Como argumentaram, graças a internet e redes sociais, ficou muito fácil ler diariamente os jornais e notícias online, ao contrário da situação no passado. As restantes pessoas que indicaram a resposta negativa explicaram que nem lêem as notícias locais. Assim podemos supor, que não é por causa do desinteresse pela sua pátria, mas por causa do desinteresse geral.

Quando se trata da participação ativa na política doméstica, só 8 pessoas indicaram que participaram em alguma eleição na sua pátria à distância, trata-se principalmente das pessoas que pretendem voltar viver na República Tcheca ou na Eslováquia. O resto, 35 pessoas, não vota e como a razão frequente mencionaram que não sentem que devem decidir sobre o futuro do país onde não estão vivendo agora e/ou nem pretendem viver nos próximos anos.

A quarta pergunta se dedicou à questão da língua nativa e os seus filhos e aplica-se só a 21 pessoas que têm filho(s) com o seu cônjuge brasileiro/a. Quase todos responderam positivamente, só duas pessoas indicaram a resposta negativa: trata-se de dois participantes da geração mais velha que emigraram para o Brasil na década 1950 e 1970; após a sua chegada

aprenderam português e usavam só esta língua para a comunicação, ademais não mantinham muito contato com a pátria por razões políticas da altura. Os imigrantes mais jovens das últimas décadas disseram que falam tcheco/eslovaco com seus filhos, baixam os filmes ou compram os livros nessa língua e mantêm o contato entre os filhos e a família na sua pátria através das redes sociais. Podemos então dizer que a grande maioria desses imigrantes cria seus filhos na casa bilíngue e eles aprendem as duas línguas como as maternas da primeira infância.

A quinta pergunta se interessa pelas tradições e comemoração dos feriados religiosos importantes. Sabemos que enquanto na Eslováquia mais que 73.5% (quase 4 milhões eslovacos) são cristãos, na República Tcheca são só 13.8%, o que representa 1.5 milhões dos tchecos. Por esta discrepância decidimos perguntas sobre os dois festivos que são populares e comemorados nos dois países independentemente da religião: o Natal e a Páscoa. O primeiro grupo de 35 pessoas indicou que os comemoram e as razões principais são as seguintes: têm os filhos a quem querem mostrar essas tradições, querem comemorá-los por causa de si mesmos, comemoram-nos porque o Brasil é também um país católico ou porque na dada altura, principalmente no Natal, estão visitando a sua pátria. As restantes pessoas não se interessam porque não têm filhos ou não sentem a necessidade de comemorá-los sem sua família.

Em relação a cozinha tcheca ou eslovaca, 60.47% de pessoas (26 participantes) de vez em quando cozinham os pratos típicos, principalmente se têm ingredientes daí ou se são os pratos que não precisam de ingredientes especiais. O resto (17 pessoas, 39.53%) em geral gosta da cozinha tcheca ou eslovaca, mas não sente a necessidade de preparar estes pratos no Brasil.

A pergunta seguinte sobre o interesse do cônjuge brasileiro/a foi aplicável a 25 pessoas; 100% delas responderam positivamente. Isso se manifesta em visitas do país, aprendizagem da língua, contato com a família do imigrante e interesse pela cultura e costumes do seu país.

A penúltima pergunta se dirige ao aspecto que já foi um pouco discutido no trabalho: a situação dos encontros com os compatriotas. Como já constatámos, no passado os laços foram mais fortes porque abandonando o seu país, os emigrantes perderam o contato com as pessoas que deixaram ali. Hoje em dia a situação é diferente, contudo, segundo os nossos resultados o espírito de camaradagem permanece. A maioria, a cerca de 85%, indicou que gosta de se encontrar com outros tchecos ou eslovacos (e não fazem diferença em nacionalidade). As razões principais são: possibilidade de falar a sua língua nativa com os outros adultos ao vivo, possibilidade de falar das coisas familiares (filmes, piadas, política), possibilidade de se queixar dos problemas que enfrentam no Brasil, ou no caso de pessoas com os filhos, possibilidade de se encontrar com outras famílias tcheco/eslovaco-brasileiras. As restantes pessoas não expressaram o desgosto pelos encontros com os compatriotas, mas explicaram que não

diferenciam seus amigos pela nacionalidade; de vez em quando vêm às reuniões tchechas/eslovacas mas não é regular ou necessário para eles.

Na última pergunta nos interessou como surgiu a ideia de se mudar para o Brasil. 5 pessoas indicaram que foi na primeira visita: delas são 2 pessoas que emigraram durante o comunismo na Tchecoslováquia, as restantes 3 pessoas vieram depois de 1989. Aqui devemos esclarecer que a ideia não surgiu depois de umas férias de duas semanas mas em geral foi depois de uma estadia de alguns meses. O resto, quase 90% indicou que visitou o Brasil várias vezes até acabou por se instalar no país.

4.3.1. A conclusão da pesquisa

Nas linhas seguintes gostaríamos de resumir os resultados da pesquisa feita entre os imigrantes tchecos e eslovacos no Brasil, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Porto Alegre. É questionável como relevante pode ser considerada esta pesquisa levando em conta o número dos participantes em comparação com o número atual dos tchecos e eslovacos no Brasil. Com certeza há muito mais imigrantes mas não conseguimos achar todos e alguns que foram contatados recusaram participar.

De qualquer maneira, consideramos esta pesquisa pelo menos um pouco útil porque nos dá a melhor ideia sobre o caráter do grupo tcheco-eslovaco no Brasil hoje em dia. Quais são então as conclusões que podemos deduzir?

A maioria desses imigrantes não pretende viver no Brasil no futuro mas quer voltar à pátria ou viver noutro país. Ademais, enquanto estão vivendo no Brasil, mantém o contato com o seu país através das redes sociais, jornais, interesse pela política e cultura e contato intenso com sua família ou amigos ali. Aqueles que têm os filhos passam a sua língua a eles e mantêm a casa bilíngue. A maioria deles também tenta mater os costumes relacionados aos grandes feriados como o Natal ou Páscoa e cozinhar de vez em quando os pratos típicos, principalmente aqueles que têm filhos.

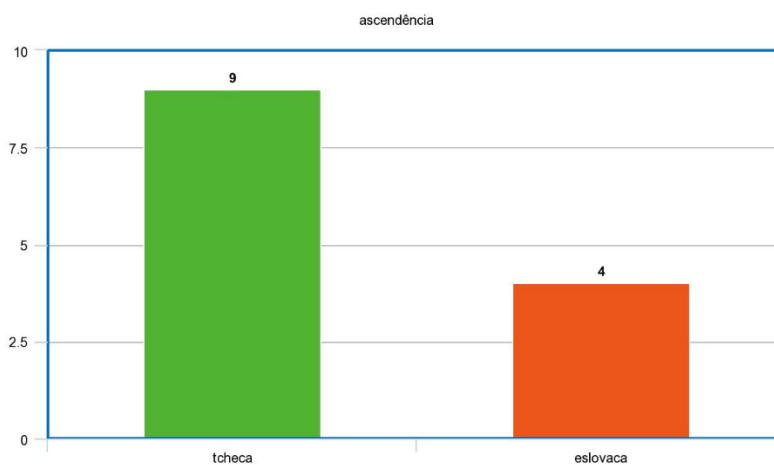
Quase 90% gosta de se encontrar com os seus compatriotas e mesmo que se não trate dos encontros oficiais ou dos grupos organizados com um líder, existem ligações entre os tchecos e eslovacos não só dentro de uma cidade mas em geral entre vários lugares.

Podemos concluir que essa nova geração dos imigrantes tchecos e eslovacos difere da velha principalmente no caráter da sua emigração: na maioria foi voluntária, por razões pessoais ou profissionais e em muitos casos é só temporária.

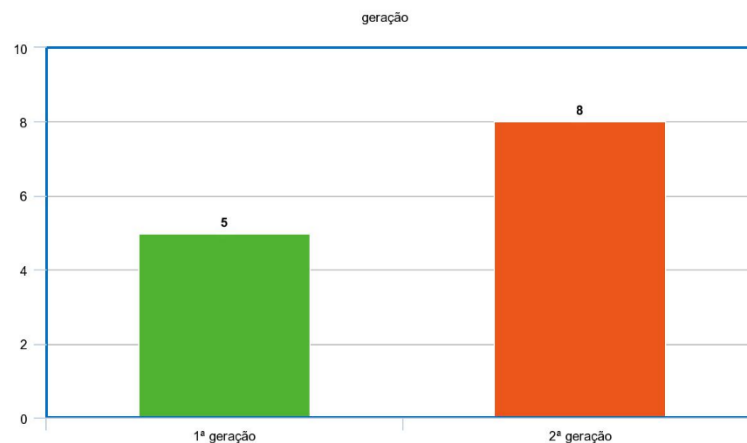
5. Descendentes dos tchecos e eslovacos no Brasil

Nos capítulos anteriores olhámos para situação dos imigrantes tchecos e eslovacos no passado e hoje em dia e neste capítulo pretendemos focar-nos no último grupo do nosso interesse: os descendentes dos tchecos e eslovacos no Brasil. Como não se sabe bem o número dos imigrantes tchecos e eslovacos, fica ainda mais difícil mapear a ocorrência dos seus descendentes.

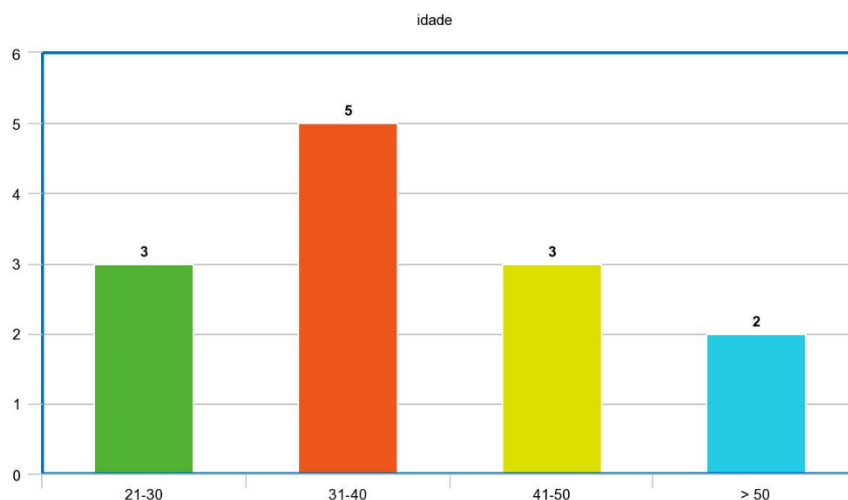
Durante nossa pesquisa feita no país buscámos os descendentes e os entrevistámos por motivo de conhecer esse grupo. Podemos caracterizar os 13 participantes (8 homens e 5 mulheres) a partir de 3 aspectos: 9 pessoas têm ascendência tcheca e 4 pessoas eslovaca:



5 delas pertencem à 1ª geração, ou seja, são filhos do imigrante, 8 pertencem à 2ª geração, quer dizer que são netos:



Quanto à composição etária, dividimos os participantes em 4 categorias a partir de 21 anos o que foi a idade do participante mais jovem:



Durante as entrevistas com estas pessoas, focámo-nos na série de perguntas abaixo:

Quem tem/teve a origem tcheca/eslovaca na sua família?
Quando essa pessoa chegou ao Brasil? A que zona? Chegou em maior grupo? A que se dedicou na vida?
Essa pessoa ainda está viva?
Falava-se tcheco/eslovaco em casa? O(s) antepassado(s) passaram a língua aos filhos? Você fala tcheco/eslovaco?
Como influenciou a origem tcheca/eslovaca de um/mais membros da família os costumes e tradições durante os dias festivos e na vida cotidiana? Mantinham-se alguns
Você se interessa pela cultura e história tcheca/eslovaca? Já visitou o país? Sabe se ainda tem família ali? Se sim, estão em contato?
Você participa nos encontros e eventos culturais dos tchecos/eslovacos ou descendentes deles? Conhece outras pessoas com antepassados tchecos/eslovacos?
Sente que a parte da sua identidade não é brasileira mas tcheca/eslovaca?
Pretende passar esta sua herança aos seus filhos? Se não, porque? Se sim, como?

Como se trata das histórias individuais, não é possível generalizar as respostas em forma de estatística. Em vez disso, descrevemos um curto resumo de cada pergunta. A primeira pergunta já foi respondida através do gráfico que caracterizou a amostra dos participantes: a pessoa da origem tcheca ou eslovaca foi o parente ou avô dele, prevalece a segunda opção.

Comumente, tratou-se dos emigrantes que chegaram para o Brasil na segunda metade do século XX, principalmente durante ou depois da Guerra, antes do estabelecimento do comunismo na Tchecoslováquia. Como já na altura foi arriscado fugir do país, não se tratou de emigração coletiva mas individual ou em grupo de poucas pessoas. As pessoas que entrevistámos residem nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, por isso, a resposta à pergunta sobre o destino dos seus antepassados foi semelhante: esses se instalaram nas cidades mencionadas ou nos seus redores.

De 13 pessoas entrevistadas, 11 responderam que seu antepassado da origem tcheca/eslovaca já não está vivo, os 2 restantes ainda vivem e participaram na pesquisa anterior.

Quanto à questão da língua, falava-se tcheco/eslovaco em casa de 4 pessoas e 2 delas se consideram capazes em comunicar-se em tcheco básico, contudo, não se consideram bilíngues desde a infância; alguns outros frequentaram curso de tcheco na *União Cultural Tcheco-Brasileira* em São Paulo por interesse pessoal. Das pessoas com a ascendência eslovaca, ninguém fala o idioma.

Em relação aos costumes, tradições ou comidas, mantinham-se poucos: a maioria dos respondentes era capaz de nomear umas tradições ou comidas tchecas/eslovacas mas em geral exprimiram a opinião que não se falava da pátria em casa tanto para conhecer bem esse aspecto da cultura desde a sua infância. Alguns supõem que é por causa dos motivos negativos que forçaram seus antepassados fugir do seu país.

Apesar disso, todos os entrevistados exprimiram imenso interesse pela sua origem, cultura e história do país donde veio seu antepassado: de 13 pessoas, 8 já visitaram a República Tcheca ou Eslováquia, alguns até encontraram seus parentes ali. Em geral, todos os respondentes são conscientes das suas raízes e lêem as notícias sobre os acontecimentos na República Tcheca ou Eslováquia.

Como já mencionámos, as pessoas entrevistadas encontram-se principalmente nas três cidades e algumas deles se conhecem com os outros. Em São Paulo, a comunidade (principalmente tcheca) é muito ativa e por isso, os descendentes dos tchecos participam nos eventos culturais com outros descendentes ou com emigrantes tchecos da nova geração. No Rio, como já constatámos, não existe uma comunidade com o programa e encontros formais, contudo, os descendentes conhecem alguns tchecos/eslovacos. Em Porto Alegre, graças à *Associação Cultural Tcheco-Brasileira*, existem ligações entre os descendentes que participam nas reuniões.

A penúltima pergunta sobre a identidade dos respondentes trouxe os resultados interessantes: 6 pessoas responderam que sentem a ligação à República Tcheca ou Eslováquia e mesmo que os seus antepassados não tivessem falado muito da sua origem, na vida adulta decidiram descobrir mais sobre as suas raízes. Os restantes 7 pessoas em princípio não sentiram muita ligação (além do sobrenome) porque no Brasil todos têm origens diferentes. No outro lado, admitiram que após a entrevista, começaram a pensar mais na história da sua família e iniciaram uma pesquisa pessoal sobre a República Tcheca/Eslováquia.

Todos os participantes responderam positivamente à última pergunta, mas a maneira como passar a sua herança tcheca/eslovaca aos filhos é questionável. Como alguns respondentes

não falam a língua (ou falam um pouco graças ao curso, mas não é no nível nativo) e não sabem muito de costumes ou comidas da “primeira mão”, ou seja, através do seu antepassado com a origem tcheca/eslovaca, não há muito para passar aos filhos. Felizmente, na época da internet e possibilidades de viajar livremente, há chance de manter a consciência sobre o país dos seus avôs ou bisavôs.

5.1.1. Resumo da pesquisa entre os descendentes dos tchecos e eslovacos

Após de pesquisar e entrevistar as pessoas, podemos dizer que mesmo que pequena, encontra-se no Brasil uma comunidade dos descendentes dos tchecos e eslovacos. Em comparação com os descendentes dos outros povos como japoneses ou italianos, não se trata de grandes números de pessoas, nem se mantêm muitos costumes típicos. Isso pode ter várias razões: primeiro, maioria dos emigrantes no século XX chegou individualmente e não em grandes grupos que podiam manter a cultura ou idioma; esses emigrantes não sentiam necessidade de se destacar, ao contrário, rapidamente se incorporaram na sociedade brasileira. Segunda observação importante é a opinião comum entre descendentes sobre as informações que receberam dos seus antepassados-imigrantes que já tinham falecido: aqueles não falavam muito a sua língua materna e em geral, não falavam muito da sua vida antes da chegada para o Brasil, como se tivessem deixado ela atrás. Essas são só as nossas especulações, mas podemos supor que na altura que fugiram do país, seja por causa da Guerra, religião ou comunismo, foi a fugida involuntária e não favorecida e esse pode ser um dos motivos porque não mencionaram muito a sua pátria. Por isso, os descendentes da primeira geração, ou seja filhos, ainda têm algum conhecimento, cartas, fotografias ou documentos que encontraram em casa depois do falecimento do antepassado tcheco/eslovaco, enquanto em caso dos netos, os conhecimentos já diminuem. Por isso, podemos supor que a ligação à República Tcheca ou Eslováquia enfraquece com cada geração.

6. Conclusão

O objetivo principal deste trabalho foi focar-se na emigração tcheca e eslovaca para o Brasil no passado e hoje em dia através das fontes disponíveis sobre a problemática e da pesquisa feita no país.

Na parte teórica dedicámo-nos primeiro ao esboço do contexto socio-histórico no Brasil que levou a certas ideias e decisões políticas ligadas ao tema da imigração, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Depois nos focamos nos tchecos e eslovacos que emigraram para o Brasil em grupos ou individualmente; não omitimos algumas figuras públicas que se destacaram na sua profissão.

Na parte prática decidimo-nos concentrar nos dois grupos de interesse: primeiro, nos tchecos e eslovacos da nova geração dos imigrantes e segundo nos descendentes dos tchecos e eslovacos da primeira e segunda geração.

Quanto ao primeiro grupo, descobrimos que o caráter da imigração mudou significativamente ao longo do tempo; ainda no século XIX e nas primeiras décadas do século XX foram os motivos principais da emigração o desemprego ou a crise econômica. Mais tarde, por 5 décadas surgiram as razões políticas, seja a Segunda Guerra Mundial ou comunismo e as péssimas condições de vida na Tchecoslováquia. Hoje em dia podemos falar da emigração voluntária, na maioria dos casos causada pelas oportunidades do emprego ou acontecimentos na vida pessoal. Não se trata das fugidas, a maioria dos emigrantes atuais decidiu viver no Brasil depois de ter passado algum tempo no país.

Os emigrantes de hoje estão em contato intensivo com os parentes e amigos na pátria, conseguem seguir os eventos e acontecimentos em casa ou visitá-la; esses aspectos os diferenciam dos emigrantes do passado que muitas vezes abandonaram o país e nunca mais voltaram ou entraram em contato com as pessoas ali.

Principalmente os emigrantes com os filhos mantêm os costumes e a sua língua nativa para poder passar esse legado às próximas gerações. Ademais, os filhos igualmente estão em contato com os parentes na República Tcheca ou Eslováquia ao vivo ou através da internet.

Existe a vontade dessas pessoas de se encontrar com seus compatriotas e entre eles não se faz diferença entre os tchecos e eslovacos. Onde podemos ver a diferenciação entre as duas nacionalidades são as associações parcialmente brasileiras, que têm as ligações muito mais fortes com os tchecos do que com os eslovacos (podemos mencionar a existência do curso do tcheco e a presença da professora da língua tcheca no Brasil ao contrário da ausência desse tipo de atividade no lado eslovaco).

O segundo grupo do interesse, composto por descendentes dos tchecos e eslovacos da primeira ou segunda geração fornece os resultados ambíguos: num lado há grande interesse pelas raízes dos seus antepassados (em alguns casos surgiu depois da entrevista), noutra lado, em caso de algumas pessoas faltam mais informações e costumes da primeira mão, o conhecimento é obtido por internet, o que pode causar as ideias vagas ou imprecisas sobre a pátria dos seus antepassados. Por isso podemos concluir que a consciência sobre a República Tcheca ou Eslováquia tem chance de ser divulgada e passada às próximas gerações, mas com cada geração menos e menos informações serão obtidas diretamente do imigrante tcheco ou eslovaco e o conhecimento poderá enfraquecer.

Esperamos que com este trabalho trouxemos novas informações sobre o tema interessante que não recebeu bastante atenção e não existe mapeamento ou conhecimentos mais detalhados sobre a situação atual dos imigrantes tchecos e eslovacos no Brasil.

Resumé em tcheco

Předložená diplomová práce se věnuje tématice emigrace Čechů a Slováků do Brazílie, která pod vlivem politických opatření z druhé poloviny 19. a první poloviny 20. století přijala mnoho imigrantů především z Evropy.

Pro úplné objasnění daného tématu se první kapitola práce zabývá historicko-sociálním kontextem Brazílie v čase, kdy byla portugalskou kolonií (1500-1822), a příchodem různých evropských národů, které tam zanechaly stopy své kultury. Následně mapuje situaci po dosažení nezávislosti (1822), kdy brazilská společnost čelila dvěma zásadním problémům: velkému počtu nebilého obyvatelstva a nedostatku pracovní síly po zrušení otroctví. Tato situace, společně s ideologiemi, které v té době ovlivňovaly Evropu (darwinismus a nadřazenost árijské rasy), vedla ke konceptu *whiteningu*, neboli vybělení lidu pomocí imigrace Evropanů podporované vládou za účelem „zlepšení“ rasového složení brazilské populace a přilákání nové pracovní síly do Brazílie.

Druhá hlavní část práce se zaměřuje konkrétně na Čechy a Slováky, kteří emigrovali do Brazílie samostatně nebo ve větších skupinách mezi 16. a 20. stoletím. Mapuje oblasti, kde se usadili, práci, které se věnovali a vyzdvihuje některé známé osobnosti českého nebo slovenského původu, které se prosadily v Brazílii. Toto téma již bylo zpracováno několika českými historiky, takže se nejedná o nové poznatky.

Naopak, třetí důležitá část práce věnuje pozornost současné situaci a emigrantům nové generace, kteří do Brazílie odešli po roce 1989. Součástí této kapitoly je i praktický výzkum s některými emigranty žijícími ve městech Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre nebo Brasília. Cílem výzkumu bylo zjistit, jaké jsou motivy emigrace právě do Brazílie, zdali se ještě udržují spolky založené Čechy a Slováky v minulosti a jak se celkově změnil charakter imigrace do Brazílie oproti letům minulým (v průběhu války, nebo komunismu).

Poslední kapitola se věnuje potomkům Čechů a Slováků první (děti) nebo druhé (vnoučata) generace a poznatkům o kořenech jejich předků, kterými disponují.

Cílem této práce je tedy nejenom shrnout již známé poznatky o české a slovenské přítomnosti v Brazílii, ale taky přinést nové informace o situaci v posledních letech.

Resumé em inglês

The present master thesis focuses on the topic of the Czech and Slovak emigration to Brazil, which, due to political decisions made in the second half of the 19th century and the first half of the 20th century, received many immigrants, mainly from Europe.

To cover the topic thoroughly, the first chapter deals with the socio-historical context of Brazil while it was a Portuguese colony (1500-1822) and the arrival of different European nations which left the traces of their cultures there. Next, it maps the situation after the Independence (1822) when the Brazilian society faced two major problems: a high number of non-white inhabitants and lack of workforce after the abolition of slavery. That situation, altogether with ideologies which were influential in Europe at the time (darwinism and white race supremacy) led to the concept of *whitening*, an idea of racial mixing in order to genetically eliminate inferior races, with help of the European immigration supported by the government which would “improve” the racial composition of the Brazilian society and attract workforce.

The second main part of the work focuses on Czechs and Slovaks who emigrated to Brazil individually or as a part of a group between the 16th and 20th century. It maps the regions where they settled, their typical professions and highlights some important people of the Czech or Slovak origin who gained recognition in Brazil. This topic has already been studied by some Czech historians, so these pieces of information are not new.

On the contrary, the third crucial part of the work pays attention to the current situation and emigrants of the new generation who came to Brazil after 1989. One of the parts of this section are the interviews with some of these emigrants who live in Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre or Brasília. The aim of the research was to find out what the motives for emigration to Brazil were, if the associations founded by Czechs and Slovaks in the past still work and how in overall the character of the immigration to Brazil has changed in comparison with the past (during the war or communism).

The last chapter focuses on the descendants of Czechs and Slovaks of the first (children) or the second (grandchildren) generation and the knowledge they have about the origin of their ancestor.

The aim of the work is to not only summarize the already known information about the Czech and Slovak presence in Brazil but also to come with new information about the situation in the recent years.

Anotação

O título: História e presença da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil

Autor: Bc. Natália Kováčová

Departamento: Departamento de línguas românicas, seção portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Palacký, Olomouc

Orientador: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Número de páginas e caracteres: 157 145

Número de fontes secundários: 94

Número de anexos: 0

Anotação: O presente trabalho tem como objetivo fornecer as informações sobre a história da presença tcheca e eslovaca no Brasil, sobre a qual já existem fontes literárias, contudo, só na língua tcheca ou eslovaca, não em português. Além disso, o trabalho pretende trazer novos conhecimentos sobre a situação atual da imigração tcheca e eslovaca para o Brasil, analisar como mudou o caráter dela ao longo do tempo e prestar atenção às comunidades tchecas e eslovacas presentes no Brasil hoje em dia. Ademais, o trabalho lida também com a pesquisa sobre os descendentes dos tchecos e eslovacos da primeira e segunda geração.

Palavras-chave: imigração, whitening, tchecos, eslovacos, emigração, Brasil, comunidades, descendentes

Abstract:

Title: History and Present of the Czech and Slovak Immigration to Brazil

Author: Bc. Natália Kováčová

Institution: Department of Romance Language, Portuguese section, Faculty of Arts, Palacký University, Olomouc

Supervisor: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Number of pages and characters: 89, 157 145

Number of sources used in the thesis: 94

Number of appendices: 0

Abstract: The purpose of this work is to provide information about the history of the Czech and Slovak presence in Brazil, about which there are already some sources, however only in Czech or Slovak, not in Portuguese. Besides that, the work aims to bring new knowledge about the current situation of the Czech and Slovak immigration to Brazil, analyze how it has changed over time and pay attention to Czech and Slovak communities present in Brazil nowadays. Moreover, the works also deals with a research among Czech and Slovak descendants of the first or second generation.

Keywords: immigration, whitening, Czechs, Slovaks, emigration, Brazil, communities, descendants

Bibliografia

- ADAS, Melhem. *Panorama geográfico brasileiro*. São Paulo: Moderna, 2004.
- BARTEČEK, Ivo. *České a slovenské vystěhovalectví před druhou světovou válkou*. Praha: Orientální ústav ČSAV, 1989.
- BARTEČEK, Ivo. „Československá kolonizace v Brazílii“ in *Česi v cizine*. Praha: Ústav pro etnografii a folkloristiku ČSAV, 1996.
- BERGAD, Laird W. *The Comparative Histories of Slavery in Brazil, Cuba and the United States*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- ČIČMANEC, Ján. *Vyrastal som v brazílskej Bratislave*. Martin: Vydavateľstvo Matice slovenskej, 2012.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 2004.
- KLÍMA, Jan. *Dějiny Brazílie*. Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2011.
- KLÍMA, Stanislav. *Čechové a Slováci za hranicemi*. Praha: J. Otto, 1925.
- KYBAL, Vlastimil. *Jižní Amerika a Československo: s přehledem obchodní, finanční a emigrační činnosti jiných národů*. Praha: Literární výbor obchodního spolku Merkur, 1928.
- NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- POLIŠENSKÝ, Josef. *Úvod do studia dějin vystěhovalectví do Ameriky I.: Obecné problémy dějin českého vystěhovalectví do Ameriky 1848-1914*. Praha: Univerzita Karlova, 1992.
- SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

Webgrafia

- ANJOS, Gabriele dos. „A questão 'cor' ou 'raça' nos censos nacionais“. in *Revistas Eletrônicas Indicadores Econômicos FEE*, vol. 41, n. 1 (Porto Alegre: 2013). Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/2934/3163> (acessado em 27.4.2017).
- BACHURKOVÁ, Klára. „Kamila Kohoutová“ in *Česi ve světě: příběhy*. Praha: Dům zahraniční spolupráce, 2014. Disponível em: <http://www.dzs.cz/file/2161/Češi%20ve%20světě.%20příběhy.pdf> (acessado em 27.4.2017).
- BACHURKOVÁ, Klára. „Marcos Purkyt“ in *Česi ve světě: příběhy*. Praha: Dům zahraniční spolupráce, 2014. Disponível em: <http://www.dzs.cz/file/2161/Češi%20ve%20světě.%20příběhy.pdf> (acessado em 27.4.2017).

BARION, Isabel Francisco de Oliveira. „História e memória da Escola Bratislava de Cambé (1936-1948): entre a educação e a fé“. Apresentado no Congresso X ANPED SUL em Florianópolis em 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1419-1.pdf (acessado em 22.4.2017).

BARTEČEK, Ivo. „Česi a Slováci v Jižní Americe“ in *Listy, Dvuměsíčník po kulturu a dialog*, vol. 3, 2004. Disponível em: <http://www.listy.cz/archiv.php?cislo=043&clanek=030430> (acessado em 25.4.2017).

CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana 1890-1922*, São Paulo: USP, 2007. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/.../TESE_MARILIA_D_K_CANOVAS.pdf (acessado em 27.4.2017).

Coleção dos autores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico: Características da população e dos domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf (acessado em 27.4.2017).

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Disponível em: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vilem_Flusser_-_Fenomenologia_do_brasileiro.pdf (acessado em 27.4.2017).

HANDLÍŘOVÁ, Petra. „Z Čech do Brazílie, cesta za krajany, 2. díl“ in *Remix*, 14.9.2010. Disponível em: <http://remix.nicm.cz/z-cech-do-brazilie-cesta-za-krajany-2-dil/> (acessado em 25.4.2017).

KEILOVÁ, Silvie. „František Pelíšek (1896-1937). Český malíř v Brazílii: analýza jeho zápisků“. Praha: Univerzita Karlova, 2012. Disponível em <https://is.cuni.cz/webapps/zzp/detail/104062/> (acessado em 27.4.2017).

KOUBEK, David. „Relikvii českého světce se chlubí brazilské město São João Nepomuceno“. In *iRozhlas*, 18.5.2015. Disponível em: http://www.rozhlas.cz/zpravy/amerika/_zprava/relikvii-ceskeho-svetce-se-chlubi-brazilske-mesto-so-joo-nepomuceno--1490968 (acessado em 27.4.2017).

KOUBEK, David. „V Brazílii vzpomínali na Klementinu Kalašovou, v 19. století byla světovou operní hvězdou“. In *iRozhlas*, 13.6.2015. Disponível em: https://www.irozhlas.cz/kultura_hudba/v-brazilii-vzpominali-na-klementinu-kalasovou-v-19-stoleti-byla-svetovou-operni-hvezdou_201506131626_imanour (acessado em 22.4.2017).

LACERDA, João Batista de. „Papers on Inter-racial Problems“ in *Papers on inter-racial problems communicated to the First Universal Races Congress. Londres*

p. 377-383. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/lacerda-1911-metis/lacerda_1911_metis.pdf (acessado em 27.4.2017).

LEVY, Maria Stella Ferreira. „O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972) in *Revista de Saúde Pública da USP*, São Paulo, supl. 49-90, 1974. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v8s0/03.pdf> (acessado em 27.4.2017).

MLAKOVÁ, Mária. „Stanislav Hlucháň v prečo nie?!: Slovenský objav v Brazílii”. In *HN Style*, 25.2.2010. Disponível em: <http://style.hnonline.sk/rozhovor/337787-stanislav-hluchan-v-preco-nie-slovensky-objav-v-brazilii> (acessado em 20.4.2017).

NÓBREGA, Manuel. “Diálogo sobre a conversão do gentio.” São Paulo: MetaLibri, 2006. Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/n/NobregaM_ConversaoGentio_p.pdf (acessado em 27.4.2017).

ROOSEVELT, „Theodore. „Brazil and the Negro“ in *Outlook*, 21 de fevereiro de 1914, p. 409-410. Disponível em: <http://www.unz.org/Pub/Outlook-1914feb21-00409> (acessado em 27.4.2017).

SANTOS, Sales Agosto dos e Hallewell, Laurence. „Historical Roots of the Whitening of Brazil“, in *Latin American Perspectives*, Vol. 29, No. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3185072?seq=1#page_scan_tab_contents (acessado em 20.4.2017).

SEYFERTH, Giralda. „The Diverse Understandings of Foreign Migration to the South of Brazil (1818-1950)” in *Vibrant*, vol.10, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vb/v10n2/a05v10n2.pdf> (acessado em 15.4.2017).

VRTIELKA, Ján. „Slováci v Brazílii a v okolitých štátoch“, 2003. Disponível em: <http://www.kultura-fb.sk/new/old/archive/3-4-7.htm> (acessado em 20.3.2017).

WILBURN, Kenneth E., „Race Relations in Brazil: From the Development of the Mulatto to the Whitening of the Brazilian Population“. Sierra Plato, 2013. Disponível em: <http://core.ecu.edu/hist/wilburnk/AandAW/Papers/Plato.pdf> (26.4.2017).

Páginas online

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS – OTTO GOTTLIEB.

<http://www.abc.org.br/~ogottlieb> (acessado em 22.4.2017).

BÍBLIA PORTUGUÊS.

<http://bibliaportugues.com/jfa/genesis/9.htm> (acessado em 27.4.2017).

BRASIL ESCOLA – IMIGRAÇÃO NO BRASIL.

<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm> (acessado em 15.4.2017).

CONJUNTO COREOGRÁFICO BRASILEIRO.

http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Conjunto_Coreografico_Brasileiro (acessado em 20.3.2017).

ČESKÝ ROZHLAS – SLAVNÝ MALÍŘ A CESTOVATEL – VLADIMÍR KOZÁK NA OBRAZE ZDEŇKA BURIANA.

<http://www.radio.cz/cz/rubrika/ceskonej/slavy-malir-a-slavy-cestovatel-vladimir-kozak-na-obraze-zdenka-buriana> (acessado em 27.4.2017).

DIASPORA.SK

<http://www.diaspora.sk/> (acessado em 23.4.2017).

DOIS SÉCULOS DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL PELA IMPRENSA.

<http://midiacidade.org/o-terrorismo-do-estado-brasileiro-contr-a-os-estrangeiros-durante-a-ditadura-civil-militar-1964-1985/> (acessado em 18.4.2017).

EL PAÍS – CRISE QUESTIONA A POSIÇÃO DOS BRICS COMO POTÊNCIAS EMERGENTES.

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/20/internacional/1471689474_658507.html (acessado em 21.4.2017).

ENCICLOPÉDIA DAS LÍNGUAS NO BRASIL.

<http://www.labeurb.unicamp.br/elb/europeias/talian.htm> (acessado em 27.4.2017).

ESCOLA DE MÚSICA VILLA-LOBOS.

<http://www.villa-lobos.rj.gov.br/do-leste-europeu-para-salas-de-concerto-e-de-aulas-do-brasil/> (acessado em 29.3.2017).

EXAME.COM: O PANORAMA DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL.

<http://exame.abril.com.br/brasil/o-panorama-da-imigracao-no-brasil/> (acessado em 20.4.2017).

EXIL.SK.

<http://www.exil.sk/search.php> (acessado em 23.4.2017).

FACEBOOK.

<https://www.facebook.com/Brazilie.Brazilia/> (acessado em 27.4.2017).

<https://www.facebook.com/Rio.Brazilie/> (acessado em 27.4.2017).

<https://www.facebook.com/SaoPaulo.Brazilie/> (acessado em 27.4.2017).

FRATERNOS ANJOS DE LUZ.

<http://fraternosanjosdeluz.blogspot.de/2012/03/o-mais-brasileiro-de-todos-os.html> (acessado em 27.4.2017).

GAZETA DO POVO – VLADIMÍR KOZÁK.

<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-resgate-da-vida-de-vladimir-kozak-3dspshhluyclsdbnr43sko85q> (acessado em 27.4.2017).

GOVERNO DO ESTADO AMAPÁ.

<http://www.amapa.gov.br/noticia/0912/ensino-da-lingua-francesa-nas-escolas-e-debatido-entre-seed-e-embaixada-da-franca> (acessado em 27.4.2017).

HISTORIA Y BIOGRAFÍAS.

<http://historiaybiografias.com/inmigracion/> (acessado em 26.4.2017).

HN ONLINE – SLOVÁCI V BRAZÍLII.

http://style.hnonline.sk/galeria/4689-slovaci-v-brazilii/78592633c0d09d169efd02fa49e90753?back_url=//style.hnonline.sk/cestovanie/805517-vsetky-cesty-vedu-do-brazilie-toto-je-5-prikladov-ako-tu-slovaci-zanechavaju-stopy (acessado em 27.4.2017).

IDNES.CZ – JUSTICE PO 60 LETECH OČISTILA JANA ANTONÍNA BAŤU.

http://zpravy.idnes.cz/justice-po-60-letech-ocistila-jana-antonina-batu-fln-/krimi.aspx?c=A071115_135917_krimi_cen (acessado em 16.4.2017).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/tabelas_pdf/tab3.pdf (acessado em 27.4.2017).

<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html> (acessado em 27.4.2017).

<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1945-1959> (acessado em 27.4.2017).

<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/os-espanhois-no-brasil-seculos-xv-e-xvi.html> (acessado em 27.4.2017).

JORNAL PÚBLICO: DITADURA DE SALAZAR E EMIGRAÇÃO.

<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/12653/ditadura-de-salazar-e-emigracao> (acessado em 27.4.2017).

KRAJANE.CZ.

<http://www.krajane.net/articleDetail.view?id=1350> (acessado em 22.4.2017).

<http://www.krajane.cz/index.php?ind=maps&op=members> (acessado em 27.4.2017).

LATIN AMERICAN SOCIETY OF INTERNATIONAL LAW.

<http://lasil-sladi.org/files/live/sites/lasil-sladi/files/shared/Working%20Papers/Working%20Paper%202013%20Pádua%20Fernandes.pdf> (acessado em 18.4.2017).

LATIN AMERICAN STUDIES.

<http://www.latinamericanstudies.org/immigration-statistics.htm> (acessado 25.4.2017).

LIBERECKÝ DENÍK.

<http://liberecky.denik.cz/kratce/jablonec-nad-nisou-brazilie-ceskym-folklorem-odjedou-potesit-brazilany-i-potomky-710285.html> (acessado em 22.4.2017).

MĚSTO JABLONEC.

<http://www.mestojablonec.cz/cs/mestsky-urad/pro-novinare/tiskove-zpravy/archiv/zpravy-2007/unor-2007/dohoda-o-pratelstvi-s-mestem-nova-petropolis.html> (acessado em 22.4.2017).

MINISTERSTVO ZAHRANIČNÍCH VĚCÍ ČR.

http://www.mzv.cz/brasilgia/pt/relacoes_bilaterais/cidades_irm_s_trebon_e_diamantina.html (acessado em 24.4.2017).

http://www.mzv.cz/brasilgia/pt/relacoes_bilaterais/compatriotas_tchecos_em_brasilgia/jan_antonin_bata.html (acessado em 26.4.2017).

http://www.mzv.cz/brasilgia/cz/kultura_krajane_skolstvi/vyznamni_cesi_v_brazilii/index.html (acessado em 27.4.2017).

http://www.mzv.cz/jnp/cz/zahranicni_vztahy/krajane/cesi_ve_sвете_oslavy_dne_ceske_statnosti/krajansky_festival/brazilske_krajanske_soubory.html (acessado em 26.4.2017).

http://www.mzv.cz/saopaulo/cz/kultura_krajane_a_skolstvi/krajane/freddy_sobotka_obdrzel_cenu_gratias_agit.html (acessado em 22.4.2017).

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN.

<http://www.mofa.go.jp/region/latin/brazil/data.html> (acessado em 7.11.2016).

MONOSKOP – VILÉM FLUSSER.

https://monoskop.org/Vilém_Flusser (acessado em 25.4.2017).

MYCZECHREPUBLIC.COM.

<http://www.myczechrepublic.com/boards/search.php?mode=results> (23.4.2017).

NEW WORLD ENCYCLOPEDIA.

http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Arthur_de_Gobineau#Work (acessado em 27.4.2017).

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA – RUDOLF KROUPA.

<http://www.osb.com.br/orquestra/musicos.aspx?m=orquestramusicos&a=4758> (acessado em 20.3.2017).

O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS GRAVAÇÕES.

<http://www.luizamerico.com.br/historia-mpb-06.php> (acessado em 27.4.2017).

PAMĚT NÁRODA – ALFRED FREDDY SOBOTKA.

<http://www.pametnaroda.cz/story/sobotka-alfred-freddy-gerhard-1928-1207> (acessado em 23.4.2017).

PORTAL BRASIL: CENSO DE 1872 É DISPONIBILIZADO AO PÚBLICO.

<http://www.brasil.gov.br/governo/2013/01/censo-de-1872-e-disponibilizado-ao-publico> (acessado em 21.4.2017).

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS.

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/405455-SEGUNDA-GUERRA-MUNDIAL-OS-BENS-CONFISCADOS-E-JAMAIS-DEVOLVIDOS-BLOCO-3.html> (acessado em 27.4.2017).

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html> (acessado em 15.4.2017).

PREFEITURA DE BATAGUASSU.

<http://www.bataguassu.ms.gov.br/acidade/historia.php> (acessado em 27.4.2017).

PREFEITURA DE HOLAMBRA.

<http://www.holambra.sp.gov.br/cidade.html> (acessado em 14.4.2017).

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRACAIA – SP.

<http://www.piracaia.com/jan-antonin-bata-e-industria-de-calcados-bata/#prettyPhoto> (acessado em 27.4.2017).

<http://www.piracaia.com/jan-antonin-bata-batatuba-piracaia-sp/> (acessado em 27.4.2017).

PREFEITURA DE SÃO BENTO DO SUL.

<http://www.saobentodosul.sc.gov.br/c/cidade-historia-sao-bento#.WQIoan1SDIV> (acessado em 22.4.2017).

SIGNIFICADOS – DARWINISMO.

<https://www.significados.com.br/darwinismo/> (acessado em 27.4.2017).

SITE OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO PARA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.

http://www.centenario2008.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=17 (acessado em 27.4.2017).

SLOVENSKEZAHRANICIE.SK.

<http://www.slovenskezahranicie.sk/sk/stranka/48/brazilska-federativna-republika> (acessado em 23.4.2017).

SOCIEDADE CULTURAL BRASIL – REPÚBLICA TCHECA.

<http://brasilrepublicatcheca.blogspot.com.br> (acessado em 26.4.2017).

ŠUMNÉ STOPY – JUSCELINO KUBITSCHEK.

<http://www.ceskatelevize.cz/porady/10262550261-sumne-stopy/214522162350003-brazilie-juscelino-kubitschek-a-oscar-niemeyer> (acessado em 26.4.2017).

TOTALITA.CZ: EMIGRACE.

<http://www.totalita.cz/vysvetlivky/emigrace.php> (acessado em 20.4.2017).

UNIÃO CULTURAL TCHECO-BRASILERA.

<http://www.unitcheco.com.br/cs-cz/> (acessado em 27.4.2017).

UNITED STATES CENSUS BUREAU.

<https://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-02.pdf> (acessado em 27.4.2017).

VELKÁ AMAZONIE – NEZNÁMÝ ZNÁMÝ KOZÁK – BADATEL RENESANČNÍHO ROZMĚRU.

<http://www.gramazonia.cz/aktivity/publikacni-cinnost/detail/164-neznamy-znamy-kozak---badatel-renesacniho-rozmeru/> (acessado em 27.4.2017).